

A romantic couple is shown in a close embrace. The man, wearing a dark suit, is lifting the woman, who is wearing a black dress and high heels. They are standing on a tarmac with a small airplane in the background. The scene is bathed in warm, golden light, suggesting a sunset or sunrise. The overall mood is romantic and intimate.

ENTRE AQUI E ALI

CAROL CONSENTINO



ENTRE AQUI E ALI

Carol Consentino

Copyright © 2017 Carol Consentino
Capa: 4 PM production/ Shutterstock.com

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes desse livro, através de quaisquer meios, seja impresso, digital, áudio ou visual, sem prévia e expressa autorização da autora.

Sentada naquele assento duro do aeroporto de São Paulo há quase três horas, Laura não tinha mais ideias para matar o tempo. A bateria do celular deu seu último suspiro 20 minutos antes e, sem as fofocas das redes sociais ou um bom livro, deixou o estágio de tédio para irritação.

Depois da chuva daquela tarde, um nevoeiro atingiu a cidade e a pista de Congonhas foi fechada para decolagens até que se reestabelecesse a visibilidade. O cenário na sala de embarque era de caos. A zoeira incluía discussões intermináveis nos balcões das companhias aéreas - acirradas a cada novo cancelamento de voo -, o choro intermitente de um bebê e o som enervante do jogo eletrônico de um garotinho sentado na diagonal.

Passageiros exaustos e impacientes amontoavam-se nos assentos, junto às bagagens, no chão ou ancorados nas paredes dos corredores. Um time juvenil de vôlei feminino se empilhava com as mochilas padronizadas num canto. Um rapaz de vinte e poucos anos, deitado no piso de granito, usava a sacola como travesseiro e uma revista em quadrinhos de tapa-olhos. Filas longas e desordenadas se estendiam dos caixas da livraria e lanchonete fundindo-se ao público aborrecido, que, numa sexta-feira à noite, estava à mercê do bom humor de São Pedro.

Depois de quatro dias dormindo naquele colchão horroroso do apart-hotel, a coluna queixava-se do desconforto. Sentia um lado do traseiro dormente e o outro formigava todas as vezes em que mudava o peso do corpo. Não era de reclamar, e às vezes até surpreendia com seu otimismo banal, mas não estava numa boa semana. Andava cansada, nervosa, estranhamente triste. Tudo o que queria era voltar para casa, trocar confidências com Jose - a companheira de apartamento e melhor amiga - e comer algo gorduroso e bem calórico.

Sabia que Jose estaria em casa, apesar de não terem se falado desde o dia anterior. Rafa, o namorado da amiga, ia ao jogo de futebol com Léo, noivo de Laura, e isso implicava na “noite das meninas”. Uma pena que Linda, a irmã caçula, não fosse participar, ela era diversão certa. Numa noite de sexta-feira no Rio de Janeiro a irmã teria outras opções em mente.

Desde que foi promovida à gerente regional na multinacional em que trabalhava, 7 meses atrás, mudou a rotina e viajava semanalmente para São Paulo. Saía do Rio às terças, por volta de 11h00, e retornava às sextas-feiras, sempre no mesmo horário, no voo de 18h15min. Embora estivesse há pouco tempo nesse ritmo e adorasse o trabalho, nas últimas semanas sentia-se esgotada daquele ritual semanal, responsabilizando-o, inclusive, pelas dúvidas que andavam pipocando na sua cabeça. E como se fossem deixar de assombrá-la acaso se preocupasse mais com os preparativos do casamento do que com o trabalho.

Havia algo fora da curva, só não sabia exatamente o quê. O problema é que aquele o quê vinha alterando seu humor, a produtividade na empresa e, Deus do céu!, até a pele. Tudo começou com uma pequena e aparentemente inofensiva ferida dentro do nariz, que aparecia, desaparecia e reaparecia tão misteriosamente como da primeira vez. Algum tempo depois, veio aquela coceira infernal na taça dos seios, sintoma que, tal como a ferida nasal, ia e vinha sem nenhuma explicação. Então apareceram as bolinhas no bumbum. Primeiro, algumas poucas, depois se multiplicaram, e em semanas se tornaram dezenas de minúsculas espinhas vermelhas. Todos os sintomas sem contar o principal e mais aparente, uma irritabilidade sem fim.

Depois de quase três anos sem ir à ginecologista - pura negligência -, a consulta de segunda-Acheron - Nacionais - Apollymi

feira à Dra. Marta foi especialmente sobre as malditas bolinhas. Antes dela, consultou uma mão cheia de dermatologistas - com a pele sempre se preocupou mais, talvez por medo de algum dia se submeter aos mesmos procedimentos “*milagrosos*” da mãe - e o diagnóstico, do primeiro ao último, foi foliculite. Acontece que, apesar de identificarem o problema, nenhum dos especialistas encontrou uma solução e, meia dúzia de pomadas depois, pílulas, esfoliações profissionais e um rombo no orçamento, as bolinhas continuavam no mesmo lugar. Hormônios. Esse foi, diferente de todos os outros, o prognóstico da Dra. Marta. Um exame de sangue depois e a certeza: hormônios. Aliás, uma enxurrada deles, em nível extravagante e impetuoso. Hormônios que causavam ressecamento na cavidade nasal, prurido nos seios e... bolinhas na bunda.

Agora, o incômodo gerado pelo longo período de espera no aeroporto fazia com que ressuscitasse a conversa do consultório.

- Isso é normal, Dra. Marta? Quero dizer, na minha idade? - Levantou da poltrona e caminhou em círculos, falando descontroladamente e gesticulando sem parar. - Acabei de fazer 32 anos, sou muito nova para isso. Minha alimentação não é exatamente um primor, mas tenho uma vida ativa. - Parou para fitar a médica, que se limitava a acompanhar os movimentos da paciente, caneta nas mãos e prontuário no colo. - Sou saudável, não sou? - Ergueu os ombros rapidamente. - Bem, acho que não sou sedentária... Considerando que trabalho 11 horas por dia, mudo semanalmente do Rio pra São Paulo, comando 28 subordinados, administro uma irmã mais nova cheia de complexos e um namorado, quero dizer... - vacilou como de costume nessas situações, franzindo o cenho quando se deu conta - um noivo. Sou quase uma atleta. E eu ainda corro, pedalo e também nado. Às vezes, claro... Não dá pra fazer isso sempre com uma rotina louca como a minha. - Foi reduzindo o ritmo frenético até voltar a se sentar. O tom de voz diminuiu a um sussurro, como se no final tentasse convencer a si mesma. - Achei que essas alterações hormonais só afetassem mulheres mais velhas. Não sei, sabe, gente na menopausa.

Não foi difícil para a médica detectar anormalidade no falatório teatral da paciente. Conhecia-a desde menina - era conterrânea e amiga de Carmita, a mãe - e por mais que conhecesse a personalidade forte e temperamento explosivo de Laura, ambos herdados de família, notou que naquela manhã só havia ansiedade.

- Querida, obviamente existem estágios em que os desequilíbrios hormonais são mais comuns, como na menopausa, por exemplo, ou na hipótese de uma gravidez...

- Mas eu não estou grávida! - Interrompeu ela, antes da conclusão. - E também não estou na menopausa, não é? - Ironizou, gesticulando os braços com as palmas das mãos para cima.

- Não, não está. - A ginecologista tirou os óculos, limpando-os na barra da blusa sob o jaleco. - Mas seu corpo está sendo bombardeado com um nível muito alto de hormônios, que é o que está gerando esses sintomas. Podemos especular uma série de fatores, inclusive externos, mas considerando a dificuldade de se saber a origem disso, é melhor focarmos no tratamento.

- Então a senhora não sabe por que estou assim? - O tom sofreu mais um pico. Maior a serenidade da médica, mais agitada ela ficava.

- Como eu disse, são muitas as hipóteses. - Tornou a vestir os óculos. - Pode ser uma reação tardia a um longo período tomando anticoncepcionais, pode decorrer de estresse, tensão emocional...

Acheron - Nacionais - Apollymi

- E enquanto isso, o quê?

- Bom, vamos fazer mais alguns exames para avaliar. – Puxou o receituário da gaveta. – Até lá vou prescrever um remedinho, homeopático... – Fitou-a por cima das lentes, prevendo uma reação exasperada.

- Não, não! - Reagiu, levantando-se abruptamente para espalmar as mãos na mesa, olhar de súplica. - A senhora sabe que esse negócio de homeopatia não funciona para mim! Por favor! Preciso de algo mais forte; tarja preta se for possível. A senhora não vê? Estou à flor da pele!

- Primeiro vamos testar o floral, está bem? - Prescreveu o calmante. - De qualquer forma, é importante que você fique atenta ao que pode estar causando isso. – Destacou o papel do bloco de receitas, deslizando-o sobre a mesa. - Tem algo te preocupando além da conta? Alguma coisa está causando essa reviravolta de humor. - Laura assentiu, sem responder. Como num passe de mágica, a ira ganhou contornos de lamentação. O olhar fatigado vagava pelas linhas brancas e monótonas do rebaixamento de teto, depois, pela caligrafia bem feita na prescrição à frente, incomum para um profissional de saúde. - O casamento, talvez? - Emendou a médica. - As noivas sempre ficam um pouco agitadas. Como estão os preparativos? Você está animada? Quando Eduarda estava organizando o casamento não se falava de outra coisa lá em casa.

- Ééh... – respondeu aérea, após um instante -, deve ser isso. – Não conseguia entender como uma mulher robusta como Dra. Marta era tão esganiçada. A voz fina lhe dava gastura.

- Essa ansiedade é saudável, Laura, mas não deixe que te afete assim. É importante administrar o lado emocional para que o organismo fique em harmonia.

De novo, ela assentiu. Quase não se importava mais com uma solução para as bolinhas. Bastou falar em casamento para que ficasse ainda mais irritada e impaciente. Não confessaria à ginecologista - embora ela fosse mais do que uma médica de confiança -, mas, no fundo, sabia que tudo aquilo tinha a ver com Léo. E com o noivado, selado cinco meses antes. Embora ainda não tivessem acordado uma data, delimitando o final do próximo ano para o casamento, isso andava lhe tirando o sono. Não como tiraria de outras noivas, preocupadas com o vestido ou os custos e planejamento da festa - até porque no seu caso o item número um da lista incluía manter a paz entre a mãe e a nova esposa do pai, uma jovem rica, bonita e, para dificultar ainda mais as coisas, discreta e agradável. Não, seu problema definitivamente era outro. Estava em apuros porque ficou noiva, essa era a verdade. Porque até então tudo parecia certo e o namoro com Léo estava tão bem que não tinha do que se queixar. Amava-o e sabia que ele sentia o mesmo, mas com o noivado tudo ficou diferente. Não sabia explicar o que mudou, simplesmente reconhecia a mudança.

Meses atrás pareciam feitos um para o outro. Tinha certeza de que ele era um ótimo companheiro. Tinham as mesmas ambições, eram amigos e o sexo era bom. Não que Léo fosse o homem dos seus sonhos, mas havia sintonia entre eles. Além do mais, era pragmática o suficiente para não acreditar em príncipes encantados, e dava-se por satisfeita de tê-lo encontrado ainda jovem - namoravam há oito anos -, quando a maioria das amigas solteiras com mais de 30 estava na “fase da mulher desesperada”, vestindo saias minúsculas e disputando atenção nas baladas do Rio.

Os meses anteriores ao pedido de noivado foram de uma ansiedade positiva, pois, como as amigas, também sentia um desassossego natural. Com a carreira profissional encaminhada, Acheron - Nacionais - Apollymi

achava que o casamento arremataria; felicidade garantida. Talvez acreditasse nisso por conta da criação que teve - os pais, mesmo divorciados, sempre foram a favor da família -, e tinha Pedro, o irmão mais velho, que parecia realizar-se ao vê-la se unir ao melhor amigo.

Naquele tempo, Léo e ela já tinham conversado sobre casamento diversas vezes e, enquanto ideia, parecia algo natural, o próximo passo a ser dado. Namoravam há tanto tempo, se gostavam, curtiavam as mesmas coisas, colecionavam o mesmo ciclo de amizades... Casar era quase uma consequência. Isso, sem contar o fato de que o relógio biológico vinha trabalhando a esse favor - talvez aquela avalanche de hormônios já estivesse dando plantão. Começou a sentir que estava na hora e, quando pensava em Linda - muito mais nova e uma periguetice destruidora de lares -, apavorava-se. Afinal, depois de oito anos num relacionamento, não sabia nem paquerar.

Agora, ao pensar no assunto, percebia que antes do noivado não estava assim tão animada com o namoro, pior, não se sentia sequer realizada, simplesmente seguia a correnteza. Isso era ruim, muito ruim, constatou, um vazio apertando o peito.

- Laura? – Dra. Marta pediu atenção pela terceira vez sem que ela registrasse. Com a mente longe, os pensamentos flutuavam como nuvens sobre sua cabeça. – Você ouviu o que eu disse?

- Hã? Éééh.... Desculpe.

- Evite o sol. – A médica repetiu a orientação. - Peles morenas como a sua têm maior tendência a manchas e não queremos que você fique com o bumbum marcado, não é?

- É. Não queremos. – Materializou os pensamentos ao verbalizá-los alto e em bom som, atraindo a atenção do sujeito sentado ao lado no aeroporto. - Não, não quero meu bumbum marcado. – Repetiu sonoramente, como se ainda estivesse no consultório. Só quando Edu, o cara do assento vizinho, soltou uma risada, ela percebeu a gafe. Era tarde, contudo.

Ainda que não se conhecessem, Edu já a havia visto no aeroporto noutras ocasiões. Laura era uma mulher que atraía olhares. Um homem não se esquece de uma mulher bonita ou, pelo menos, não a deixa passar em branco. Os olhos cor de âmbar e a cascata de cabelos negros eram absolutamente sedutores. Sem contar que não era só a beleza dela que chamava a atenção, havia algo magnético, envolvente, não sabia ao certo, mas aquilo fazia com que naturalmente a observasse. A verdade é que vinha notando-a a algum tempo. Os horários correspondiam e, vez por outra, pegavam inclusive o mesmo voo. Naquela noite, em especial, sentiu um lampejo de prazer quando viu um assento disponível ao lado dela - muito embora não tivesse investido numa conversa, como pensou num primeiro momento.

Mesmo que estivesse aguardando a liberação da pista há horas, Edu passou esse tempo debruçado no *laptop*, dedicando-se ao aprimoramento de um aplicativo desenvolvido para a indústria automotiva para qual vinha prestando serviços nos últimos três meses. Aquele era seu primeiro grande contrato, e se o cliente tivesse retorno rápido e satisfatório, sua empresa ia deslanchar. Esteve praticamente em outra órbita durante esse período. Usou o tempo revendo planilhas e fazendo testes. Só nos últimos minutos fez um intervalo, indo até a livraria para comprar uma pastilha de menta e mais uma revista de palavras cruzadas. Era ansioso demais e não gostava de ficar à mercê da bateria do celular para passar o tempo, tendo aprendido a gostar desse tipo de publicação. Além do mais, tinha por convenção fazer sempre algo manuscrito, certo de que uma hora a caligrafia ia atrofiar em virtude da profissão. Engenheiro de software, Acheron - Nacionais - Apollymi

passava até 14 horas por dia em frente a uma tela de computador, e às vezes uma pausa vinha a calhar.

Quando Laura começou a falar sozinha - num volume audível considerando a barulheira ao redor -, e ainda, sobre algo tão delicado, ele não conseguiu se furtar. Senão interessante, a conversa reprisada acabou ficando divertida, ainda mais quando a segunda voz era nasalada. A risada que deu foi espontânea e agora só restava torcer para que, além de bonita, a morena ao lado fosse bem humorada, até porque esse seria um bom gancho para uma aproximação.

- Posso saber qual a graça? – Perguntou ela, fitando-o com um sorriso irônico.

- Desculpe, mas... – Ele apertou o olhar, especulativo. Desconcertado com o sarcasmo, empertigou-se. – Eu não quis... - Deu de ombros, desviando o olhar para fechar a cruzadinha no colo e encerrar a conversa. Certo, ela não era exatamente o que esperava.

- Se você queria rir devia ter comprado um livro de piadas e não isso aí. – Referiu-se à revista dele com um movimento de cabeça. – Minha intimidade não é da sua conta. – Emendou ela, fazendo-o coçar a nuca, incrédulo.

- Olhe... – Pensou em responder, mas, sensato, optou por ignorá-la. Tinha sabe-se lá quanto tempo até reabrirem a pista, se é que conseguiria voltar para casa hoje, e não ia entrar num bate-boca sem propósito com uma desequilibrada no aeroporto, ainda mais quando ela ocupava o assento ao lado. Esqueça, encarou o garoto riponga apoiado na coluna à esquerda. Não ia ceder o lugar para ele. - Deixe pra lá. – Meneou a cabeça em constante negativa. - Desculpe, está bem?

- Não desculpo. – Resmungou ela, cruzando os braços como uma criança birrenta. – Grosso!

- O quê? – Ele riu de novo, espantado com a hostilidade injustificada. Era protagonista numa situação bizarra.

- Você é um intrometido. Você me ouviu? – Insistiu quando ele não se manifestou.

- Você é louca. – Respondeu ele sem sequer alterar o volume de voz. Abriu o zíper da mochila e guardou a revista. O lado mesquinho também quis perguntar se era TPM ou outro problema de ordem sexual, mas se conteve satisfeito com a reação dela.

- Não sou louca. – Retrucou, a mandíbula travada metralhando-o.

- Não, você não é louca. – Ironizou ele, impaciente, girando o corpo para ela. Era desses que davam um boi para não entrar numa briga, mas quando já estava nela...

- Não sou mesmo, não sou louca. - Deliberadamente, ele deu uma nova risada. O tom provocativo a fez apertar-se.

- Certo. Você não é louca, é obsessiva.

- Não sou obsessiva!

- Não? - Ele arqueou as sobrancelhas.

- Não, não sou.

- Ok. Pode me dizer a razão disso tudo? – Gesticulou com as palmas para cima.

- Claro, você foi indelicado e...

- É mesmo? O que exatamente eu fiz?

- Bom, você.... – O olhar dela chicoteou. A memória a fez se sentir culpada. Talvez ele não tivesse feito nada demais, ela estava num dia ruim e...

- Está certo, então. – Recuou ele, seguro de que precisava colocar o pé no freio. A discussão estava ganhando audiência e definitivamente não curtia plateia. - Você não é louca, nem obsessiva. Acredito em você, ok?

- Não, você não acredita – disse ela, pronta para se desculpar -, mas independente disso... - Um aviso nos alto-falantes a calou. Ambos empertigaram-se, as atenções voltadas para as informações sobre a reabertura das pistas.

- Já não era hora! – Comemorou um senhor grisalho à frente. – Mal acredito que vou dormir em casa! Mais um pouco e minha bacia ia sair do lugar. – Apalpou a lateral do quadril, esticando as pernas.

Edu ofereceu a ele um sorriso solidário. Bem sabia o que estava sentindo, não via a hora de chegar ao Rio e mergulhar na própria cama. Só uma noite em casa era capaz de curar a exaustão de horas a fio sentado naqueles malditos assentos do aeroporto. Não fosse tão tarde, até consideraria correr um pouco pela orla da praia antes de estacionar no apartamento até o dia seguinte. Gostava de ficar a sós com os pensamentos, a brisa salgada soprando enquanto a paisagem do Leblon ficava para trás. De qualquer modo, voltar ao Rio já estava de bom tamanho. Quando chegasse ao Santos Dumont tomaria um taxi, pediria uma pizza logo no caminho e, depois de uma boa chuveirada, passaria o resto da noite com a TV ligada no Netflix. Deixou o *laptop* no assento, levantou-se e alongou os braços à frente do corpo. Correu os olhos na tela de embarques, satisfeito quando os voos para o Rio voltaram a constar como previstos.

- Bem, eu dizia... – Bastou ele se sentar para que a voz dela resurgisse. Não queria acreditar que ela estivesse insistindo naquilo. Deus!, como algumas mulheres podiam ser estressantes...

- Olhe – impedindo-a de continuar, virou-se para ela, cruzando o calcanhar sobre o joelho. Deslizou o braço por trás do assento, fitando-a -, já pedi desculpas. Realmente não tive intenção de ser ofensivo ou te depreciar... – fechou os olhos por um único instante, sacudindo a cabeça em sinal negativo. Lembrou-se por quantas vezes teve vontade de se aproximar dela e puxar papo. Agora, agradecia em silêncio por não ter investido numa conversa antes, certo de que ela era mais perturbada do que interessante. - ou seja lá o que for que você imaginou. Foi só uma atitude espontânea a alguém falando sozinha ao meu lado. Vou repetir de novo. DESCULPE, está bem?

O comportamento dele a constrangeu, fazendo-a lamentar a própria grosseria. Sempre teve o pavio curto, mas não era do seu feitio arrumar briga à toa e, de uns tempos para cá, vinha se excedendo. Malditos hormônios! Precisava resolver isso rápido ou ia surtar.

- Desculpe pelo... – somente minutos depois ela caiu em si, procurando por ele. Edu já não estava ali. Formavam-se filas de passageiros nos portões de embarque, as pessoas movimentando-se em ritmo frenético pelo saguão. Laura agradeceu a Deus que a pista foi reaberta a tempo de voltar para casa naquela noite e, após espreguiçar-se, examinou a tela de voos.

Laura acordou com um rangido da porta. Seria capaz de dormir por mais dez horas. Já era manhã e a cama de Linda continuava vazia. Não conseguia parar de se preocupar com a irmã. Embora ela já tivesse idade suficiente para se cuidar, virava mexia demonstrava não ter juízo. Ao contrário dela e do irmão, a caçula sempre foi baladeira, encenqueira e namoradeira. Nesse último quesito, então, se superava. Eram muito diferentes, a começar pelos biótipos. Alta, morena, corpo curvilíneo, cabelos longos e negros, Laura era a mais bonita. Linda era loira, baixinha e, como ela própria se queixava, “*dolorosamente prejudicada na retaguarda*”. Além disso, tinha o fato de que, ao contrário da irmã, não levava nada a sério. Saía quase todas as noites e só se preocupava com a estética. Ah!, e os sapatos.

- Linda? – Chamou Laura em tom preguiçoso. – É você?

Mais um rangido e a irmã entrou no quarto com passos leves, as sandálias na mão. A porta entreaberta iluminou o espaço com luz natural.

- Oi. Desculpe, eu não queria te acordar. – Sentou-se na borda da cama da irmã, pousando os sapatos no chão e inclinando-se para beijá-la. – Você chegou muito tarde ontem?

- No início da madrugada. – Respondeu em meio a um bocejo. – O aeroporto ficou fechado por conta de um nevoeiro.

- Ah.

- E você? Quase não nos falamos nessa última semana... – Ajeitou o travesseiro, virando-se para fitá-la. A irmã espreguiçou-se, esticando os braços sobre a cabeça.

- Nada novo. – Massageou o pé, demorando-se no dedinho. - O mesmo de sempre. Ah, não – virou-se bruscamente no colchão, de repente entusiasmada -, tenho novidades sim! - Decidi colocar silicone! - Laura mirou os seios dela automaticamente.

- Mais??

- Não!!! – Ela meneou a cabeça com uma meia careta. - Na bunda!

- Ah, Linda, pelo amor de Deus! – Sentou-se, sentindo-se derrotada. Os cabelos eriçados sugeriam um choque elétrico e a camiseta do pijama revelava a ponta do mamilo. – Não acredito que você está pensando nisso. – Penteou-se com os dedos.

- Pensando não, já resolvi.

Laura passou a mão pela cabeça, virou o pescoço para um lado, depois outro, o corpo dolorido responsabilizando a longa espera no aeroporto na noite anterior. Levantou-se e foi até a janela abrir a persiana. A brisa matinal entrou assim que deslizou o vidro. Queria ver o céu e sentir o sol no rosto. Além do mais, conhecia a irmã o suficiente para saber que ela não ia dormir num sábado de manhã, mesmo depois de uma noite.

- Linda, pense bem, isso não vai prestar. – Voltou a sentar-se. - Sei lá, e se ficar artificial?

- Não vai. – Afirmou, tirando um bolo de rímel do canto interno do olho. - Já conversei com o cirurgião. Sabe quantas celebridades fazem isso?

- Você não é uma celebridade. – Bocejou, novamente movimentando o pescoço.

- Não por falta de vontade.

- Não sei – suspirou -, é muito plástico. Você já colocou nos peitos, depois nas bochechas. – Mirou-a, certa de que ela devia trocar o corretivo que usava. Estava craquelado e cinza. - Só acho que você não precisa disso.

- Falou Laura, a perfeita. – Ironizou, com um bico desdenhoso.

- Não sou perfeita, me cuido.

- Eu também! - Gritou com um pulo abrupto da cama. - Acontece que você já nasceu com tudo no lugar e eu não! Faço dieta, ginástica e vivo de suco verde, mas nem por isso tenho seus peitos ou sua bunda! E não coloquei silicone nas bochechas, fiz botox! – Rugiu, saindo do quarto em passos duros.

Odiava quando Laura falava em tom maternal, tentando resguardá-la ou protegê-la. Sentia-se o patinho feio da família e fazia de tudo para mudar isso. Laura e Pedro tinham a genética do pai, esbeltos, lindos e magros, ela foi a única que puxou a mãe - baixinha e nariguda -, e como ela gastava fortunas em clínicas de estética e embelezamento. Hidratava os cabelos mensalmente, tomava sol duas vezes por semana para manter o bronzado, comia bem e malhava. Odiava malhar, mas malhava. Tudo isso, enquanto a irmã não se esforçava nem um pouco e continuava uma deusa egípcia. Invejava-a por isso. De qualquer modo, reconhecia que a preocupação dela era legítima.

- Bom dia! – Disse Jose ao entrar no quarto, após esbarrar com Linda no corredor. – Ixi... Estamos naqueles dias, é? – Perguntou para a amiga, que revirava os olhos para o chique da irmã.

- Acho que sim – bocejou ao alongar-se -, ela deve ter levado outro fora. – Jose assentiu com um arqueio de sobranceiras, debruçando-se no parapeito da janela. Os fios vermelhos dançavam com o vento e a pele parecia mais pálida do que nunca. - Então, achei que você ia me esperar ontem.

- A intenção era essa, mas tive um daqueles ataques alérgicos e Rafa veio passar a noite comigo.

- Já passou? - Aproximou-se e debruçou-se sobre a janela. Num vão entre dois edifícios conseguia ver uma amostra da cor do mar naquela manhã, um verde vívido e sedutor. - A alergia? – Perguntou, avaliando a cara da amiga. Depois das crises, Jose sempre ficava com as narinas dilatadas e o olhar caído.

- Tô melhor. – Fungou ela. - Acho que foram os móveis novos. O quarto ainda está com aquele cheiro de tinta de madeira, sabe? Nossa, fiquei péssima, Rafa comprou um arsenal de farmácia. Tadinho!, passou a noite me vigiando. - Rafa era um cara bacana, pensou Laura. Gostava do modo como ele tratava sua melhor amiga. Era carinhoso, parceiro e cavalheiro, qualidades que desejava Léo também tivesse, mas o noivo era feminista demais para essas coisas. – E você? Tá melhor essa semana? – Laura negou com um meneio rápido de cabeça.

- Às vezes acho que tô só piorando. – Suspirou. - Fiz uma cena ridícula no aeroporto ontem – meneou a cabeça de um lado a outro de novo, incrédula com a própria atitude - , o pior é que só me toquei depois.

- Só se tocou depois do quê? – Perguntou Linda, reaproximando-se.

- Voltou, é? – Mirou-a sobre o ombro.

Acheron - Nacionais - Apollymi

- Desculpe, vai? – Abraçou-a pela cintura, roçando o rosto nas costas da irmã. – Falta de sono, fico chata assim.

- Sei. – Laura repuxou o lábio, trocando um olhar com Jose. – Você é chata assim sempre.

- Sou. – Confirmou ela, acostumada ao título. - Mas conte aí, você só se tocou depois do quê?

- Tava contando que ontem briguei com um cara no aeroporto. – Revirou os olhos, reconhecendo a própria insanidade.

- Ééh... – Linda arqueou as sobrancelhas. – Você anda realmente irritada. – Virou-se para Jose, referindo-se à irmã. - Outro dia, na padaria, ela quase se atracou com uma mulher porque a fulana pegou o último éclair de chocolate. Você precisava ver, uma barbaridade! - Laura fez uma careta e Jose liberou uma risada.

– Essa você não me contou.

- Não foi bem assim.

- Não?

- Ela furou a fila.

- Nossa!! – Jose exagerou na encenação, o rosto entre as mãos.

- Tudo bem, posso ter passado da conta.

- Pode?? - Linda cruzou os braços, fitando-a. - Você armou o maior barraco por conta de um doce.

- É amiga, a coisa tá preta.

- Eu sei, estou me sentindo culpada. – Confessou, o olhar frustrado. - No caso do aeroporto, então, quando minha ficha caiu... - Tampou o rosto com as mãos. - Ai, que vergonha! Agi como uma louca.

- Seria um bom começo começar a se desculpar. – Sugeriu Linda.

- Eu sei! Vocês sabem como sou topetuda, mas eu estava pronta para isso, só que o sujeito sumiu!

- Eu também sumiria. – Emendou Jose.

- Como ele era? – Perguntou a irmã, prendendo os cabelos num coque mal arrumado.

- Ele quem?

- O cara, ué!

- Que pergunta! - Laura voltou no tempo, recuperando a memória física de Edu. Lembrava-se de que tinha olhos claros, mas não sabia exatamente se azuis ou verdes. - Sei lá, o que isso tem a ver?

- Nada, eu só queria saber como ele era. - Jose deu uma risada.

– Você não pensa em outra coisa não?

- Se você estivesse na minha situação também não pensaria. – Defendeu-se Linda, abrindo o armário e arrancando um biquíni da gaveta. – A única enalhada aqui sou eu, lembram-se? – Acheron - Nacionais - Apollymi

Deslizou o zíper lateral do micro vestido estampado, jogando-o na cama.

- E o Zeca? Já rodou?

- A gente não se vê há duas semanas. – Deslizou a calcinha pernas abaixo, vestindo o biquíni na sequência. - O filho da mãe sumiu, não lê nem meus *zaps*. Falando nisso, tenho que fazer uma coisa... – Girou nos calcanhares, saindo do quarto, apressada.

As amigas se entreolharam. Conheciam Linda o suficiente para saber que ela pressionou Zeca a assumi-la, e ele, claro, deu para trás. Ela era assim, afoita. Saía com um cara numa noite e no dia seguinte queria apresentá-lo à família.

- E Rafa? Já foi?

- Saiu cedo, disse que volta à tarde. E eu acordei melhor, não vou precisar dele.

- Que dó! Vocês nem conseguiram estrear a cama nova?

- Não se preocupe – ela sorriu maliciosamente, fazendo a amiga rir - , vamos resolver isso hoje ainda. – Piscou. - Ele volta no fim do dia; marcou de almoçar com uns amigos. – Levantou o indicador, lembrando-se de algo. – Se não me engano, Léo também vai.

- Não, acho que não. Combinamos de pedalar na orla e almoçar depois.

- Não sei, não. – Jose saiu do quarto, alerta ao interfone. - Tenho quase certeza de que escutei o nome dele... – Emendou já no corredor.

Embora ainda não tivesse certeza de que Léo furaria o programa, Laura sentiu-se desapontada. Não se encontravam desde o domingo anterior, por isso queria vê-lo, conversar com ele, namorar. Tinha a sensação de que, quando estivessem juntos, afastaria aquele vazio que teimou em acampar no seu coração nos últimos dias. Responsabilizava a distância pelas incertezas que vinham lhe tirando o sono. Achava que algumas horas juntos reacenderia a cumplicidade e afugentaria aquele sentimento sombrio de que estava tudo errado. Léo era o cara certo para ela. Mais do que amantes, eram amigos, e ele saberia o que fazer para ajudá-la a se acalmar e passar por tudo. Aquela reação devia ser produto tardio da mudança de rotina. Embora houvesse se adaptado rápido ao novo formato do trabalho e à filial da empresa em São Paulo, fora do horário do expediente ficava sozinha, e com isso definitivamente não se acostumava. Desde que saiu da casa dos pais, 15 anos antes, morava com Jose e Linda e habituou-se a agitação da casa, o convívio íntimo, o ir e vir da turma de amigos e namorados. Agora, contudo, passava quatro dias por semana num quarto de apart-hotel, e mesmo que tivesse se enturmado com os novos companheiros de trabalho, sentia-se tão cansada no final do dia que rotineiramente ficava acompanhada só pelo elenco da novela das nove. Era isso, constatou. A razão das dúvidas e tanta ansiedade.

Agora, arrependia-se de ter resistido à proposta de Léo, dois anos atrás, de morarem juntos. Provavelmente a essa altura não sentiria tanta falta do movimento de casa e estaria adaptada à vida de casada, ideia que nos últimos meses vinha assustando-a. Àquela época havia uma intensidade no relacionamento que facilitava tudo. Desfrutavam de uma relação madura e havia paixão em tudo que faziam juntos, mas rechaçou a oferta por acreditar que Linda precisava dela por perto. Agora percebia o erro e o quanto afetou a relação. Se já morasse com Léo as ideias sobre casamento fluiriam com mais naturalidade e a intimidade não a deixaria sentir tanta insegurança. Por que se sentia assim? Conhecia-o há uma vida inteira, ele e Pedro eram amigos

Acheron - Nacionais - Apollymi

desde crianças, amava-o. Ele era um cara legal, era...

- Bom dia. – Disse Léo ao entrar no quarto, um embrulho de papel pardo nas mãos. Suor escorria pelas têmporas, o cabelo castanho ralo, espigado. As bochechas, coradas pelo exercício físico, disfarçavam as sardas. De bermuda e regata, com um V de suor descendo do pescoço ao umbigo, ficava um gato. Ah!, como precisava recuperar a deliciosa sensação de tê-lo por perto. Queria abraçá-lo, transar com ele. Nem se lembrava mais de como o corpo doía, só conseguia pensar nele daquele jeito.

- Bom dia. – Respondeu ela, num murmúrio, desapontada com o rápido beijo que ganhou. - Não achei que você fosse chegar tão cedo. Estava correndo? – Perguntou, observando-o deixar o pacote na mesa anexa à estante.

- Fui pedalar. – Ela aproximou-se para abraçá-lo. - Laura, não – afastou-a gentilmente com as mãos nos ombros dela, desviando-se -, estou ensopado. Não consegui dormir direito. Quando saí de casa o sol estava nascendo. Agora só quero tomar um banho. Ela deu um sorriso complacente, magoada. Conversaram na quarta-feira anterior e combinaram um programa ao ar livre como há muito não faziam e ele foi pedalar sozinho.

- Vou pegar uma toalha. – Disse ela, sacando uma do armário.

- Não, vou pra casa. – Recusou com um aceno. – Ontem, depois do jogo, Beto chamou a galera para almoçar na casa dele. Ele vai assar uns peixes que trouxe da última viagem, a tal pescaria no Xingu. Se você não se importar, quero ir. – Demorou um instante, mas ela assentiu. Chateada, voltou a sentir o pescoço reclamando. - Podemos sair mais tarde se você quiser. Que tal uma pizza? - Ela assentiu novamente. - Então já vou. – Beijou-a na testa. – Ah! - apontou o embrulho na mesa - , passei por aquela confeitaria que você gosta e trouxe um *croque monsieur*. Trouxe também o bolo de cenoura com calda de chocolate da Linda.

- Obrigada. – Agradeceu, acompanhando-o até a sala.

- Ligo mais tarde, então. – Saiu e ela ficou ali, parada, os olhos fixos na porta de aço do elevador.

Cerveja gelada, bons amigos e uma vista de tirar o fôlego para a praia de Botafogo, num dia azul e quente no Rio de Janeiro. Quem quer que visse Léo ali, sentado no belo terraço do apartamento de Beto, com uma *long neck* na mão, jamais imaginaria que não estivesse se divertindo. Definitivamente não estava. Nos últimos tempos andava pensativo, às vezes, aéreo. Sentia-se pressionado e insatisfeito em relação a tudo na vida, desde o momento profissional ao evidente desgaste na relação com Laura.

Trabalhava em um mesmo escritório de advocacia desde a época da faculdade e, mesmo que tivesse sido alçado à condição de associado anos antes, sempre almejou o posto de sócio, condicionado à conclusão de um mestrado e uma especialização no exterior. Seis meses antes obteve o diploma de mestre e, desde então, empenhava-se em conseguir uma vaga num curso da universidade americana de *Vanderbilt*, uma das mais prestigiadas do mundo na sua área. Dias atrás, recebeu uma carta da instituição abraçando a candidatura. Isso deveria tê-lo deixado em êxtase, mas estava causando insônia. Os sócios majoritários do escritório parabenizaram-no, certos de que em poucos meses o teriam como membro oficial da sociedade. Acontece que não conseguia se decidir sobre o que fazer.

Com 21 dias para realizar a inscrição e planejar a viagem, não tomou uma decisão. Sentia-se preso à Laura e à fase delicada que o relacionamento vivia. Evidente que queria fazer o tal curso, só que naquele momento receava abandoná-la. A relação experimentava uma fase de instabilidade evidente e não acreditava que pudesse suportar sua ausência prolongada, sem contar que o tempo e distância a fariam sofrer, e isso ia contra tudo o que ele mais lutava. Daí a pressão e a culpa. Ultimamente ela parecia vulnerável e cobrava cada vez mais atenção, embora fizesse isso de forma até inconsciente.

As famílias eram outro problema com o qual precisava lidar, já que o relacionamento envolvia muito mais gente do que só eles. Como se conheciam desde crianças e tinham uma trajetória parecida - saíram de Itaipava para morar e estudar no Rio, cursando inclusive a mesma faculdade -, a turma de amigos era a mesma e as famílias se relacionavam há uma eternidade, numa torcida escancarada pelo casamento. De um lado, a mãe, uma beata fervorosa e tradicionalista que, com os dois outros filhos já casados, empenhava-se em “*endireitar*” o último - até promessa fez. Se Dona Eva imaginasse o que estava se passando na cabeça dele ia a ser a primeira questioná-lo, os olhos tristes e marejados: “*Você tem certeza, meu filho? Depois de tanto tempo... Você sempre foi louco por ela...*”. Do outro lado, Pedro, o melhor amigo e incentivador do casamento com a irmã.

Pedro esteve presente em cada etapa da relação com Laura, mas agora precisava colocá-lo de lado. Tinha que pensar e decidir por si só, sem influências externas, e o amigo pesava muito. Desde o início do namoro, participou de tudo, das idas à praia, ao cinema, às festas e até viagens. Em qualquer situação, estava lá. Eram um casal de três. Hoje, perguntava-se o quanto aquela convivência foi realmente saudável, porque às vezes tinha a sensação de que Laura era muito mais uma amiga do que uma namorada, o que incomodava imensamente. Ele a amava, mas já não estava certo da natureza daquele amor. Sentia atração física por ela, mas isso devia ser um medidor?

Vinha protelando a marcação do casamento porque não estava certo de que queria se casar com ela. O problema ERA ELA, não o casamento. Isso era o pior de reconhecer. Embora ainda Acheron - Nacionais - Apollymi

fosse jovem para o matrimônio - considerando os padrões atuais - , estava pronto para isso. Casar, ter filhos e formar uma família. Seria feliz ao lado da mulher que desejava, só não sabia se ela era Laura. Andava frustrado e confuso, principalmente porque foi ele quem deu aquele passo e a propôs casamento, mas agora... De outro lado, não conseguia conceber se separar dela, sequer por poucos meses, ciente de que isso seria a derrocada da relação. Precisava dela na sua vida, então por que se sentia daquele jeito? Talvez estivesse trabalhando demais e ficando pouco com ela. Nesse aspecto, não podia fazer muita coisa, com a nova rotina dela na ponte aérea lhes sobrava pouco tempo. Penitenciou-se por ter aceitado o convite de Beto, deixando-a sozinha no sábado, mas, ao mesmo tempo, achou que com os amigos teria mais liberdade. Ela certamente tinha um mundo de coisas para contar e sempre queria a opinião dele sobre tudo. Hoje não estava a fim de opinar sobre nada. Queria um dia agradável e só, sem pressão. Mais tarde sairia com ela, iriam ao cinema e depois comer naquela pizzaria perto de casa. Não, pizza, não. Fazia tempo que não jantavam juntos, então ia levá-la a um restaurante do qual ela gostasse, como aquele de comida tailandesa na Barra. Isso, ela amava comida tailandesa. Depois podiam esticar no seu apartamento. Há semanas não tinham uma noite a dois. Decidiu que encerraria com os amigos mais cedo e faria uma surpresa para ela. Talvez comprasse flores ou aquele chocolate belga com o qual a paparicava no início do namoro. Nem se lembrava da última vez em que a seduziu com um presente inesperado. Sabia que o comodismo era resultado do hábito e se penitenciava por isso, mas não fazia nada para mudar a situação. Tinha que rever isso também.

O relacionamento precisava de uma injeção de adrenalina, andava morno demais. Perguntava-se onde andava todo aquele entusiasmo do passado. Anos antes, quando decidiu surpreendê-la, ligou para Ana - irmã e designer de joias -, e pediu que desenhasse um anel único, ostentoso e intimidante, que afastasse qualquer marmanjo com segundas intenções. Gastou uma pequena fortuna com o anel, mas Laura gostou tanto que ele até se esqueceu do que abdicou para pagar a joia.

Ela sempre pareceu a mulher perfeita. Ambiciosa, divertida, cheia de vida. Que homem não desejaria uma mulher como ela? Desde adolescente sonhava com o dia em que ela seria sua. Talvez àquele tempo não acreditasse que ela cederia aos seus atrativos, parecia sempre muito ocupada em dispensar pretendentes, mas ela abriu espaço e agora estavam às vésperas de se casar. Lembrava-se com nitidez da conversa com Pedro na primeira vez em que a beijou. No início, o amigo ficou furioso e achou que fossem sair no braço. Pedro não gostou da ideia, mas conhecia-o o suficiente para saber que não teria se aproximado da irmã sem boas intenções e, principalmente, perspectiva de um relacionamento duradouro. A verdade é que nem ele próprio imaginava que fossem chegar tão longe. Ela era a mulher certa, só precisavam ajustar algumas coisas e tudo voltaria ao normal.

Laura devia estar magoada com a história das alianças. Óbvio, quem não estaria? Como ele podia tê-la pedido em casamento sem colocar um anel no dedo dela? Foi um babaca por tentar fazê-la acreditar que a joia dada anos antes - que ela nunca tirava do dedo - representava o compromisso. Se o problema fosse dinheiro, mas foi falta de vergonha. Agora, ao recordar a expressão dela quando do pedido, soube que a magoou. A aliança é o símbolo oficial do compromisso e ele desconsiderou isso, como tudo que envolveu o noivado, aliás. Tinham acabado de chegar ao apartamento dele depois de uma sessão de cinema com pipoca, tiveram uma tarde de sexo incrível como não acontecia há semanas e saíram de lá noivos. Nem ele sabia dizer como foi. Ia acontecer em algum momento, não ia? Como não premeditou as coisas, Acheron - Nacionais - Apollymi

também não comprou as alianças – o que não justificava que até então, seis meses depois, ainda não tivesse tomado uma providência. Até porque já estava cansado de ouvir críticas à sua postura. A mãe foi a primeira a crucificá-lo.

- Aonde já se viu noivar sem um anel no dedo? - Censurou-o, ligeiramente alterada. Os princípios morais sempre foram valiosos para Dona Eva, e casamento, na cabeça dela, era algo sagrado. – Tome vergonha, Leonardo!

Agora estava feito. Obviamente podia consertar a bobagem, mesmo com atraso. Compraria logo um par de alianças e oficializaria o noivado de novo. Talvez o gesto mudasse tudo. Mas e se não quisesse comprar os anéis nem estar noivo? E se estivesse arrependido? Olhando a mão direita, sem nada que o remetesse ao compromisso, perguntava-se se não foi só um mau sonho. Só complicou o que já estava complicado. Por que, Diabos, se precipitou daquele jeito? Agora pagava o preço da imaturidade. Mais do que nunca precisava de tempo para compreender os sentimentos e tomar a atitude certa. Devia isso à Laura, a Pedro e às famílias, mas principalmente a si próprio. Tinha, no mínimo, a obrigação de corrigir o que estava errado e encontrar uma saída menos penosa para todos.

Quando Beto saiu da cozinha, segurando um peixe quase do seu tamanho, obrigou-se a levantar, afastar as preocupações e participar da zoeira da turma. Até então, conhecia surubim só no prato, em postas e com molho de alcaparras, mas aquele ali merecia reverência. Se o amigo pescou mesmo ou comprou no mercado, pouco importava, com certeza ia dar um bom assado.

Laura segurou o *ipad* contra o peito, espalmando a mão direita no ar, na altura dos olhos. Fitou longamente o anel que Léo lhe deu anos atrás. Um solitário de ouro branco, diamantes e prasiolita. Lindo. Clássico e sóbrio como ele, atual e elegante como ela. Munida do seu majestoso anel, não se importava com o fato dele ainda não ter comprado as alianças. Duas noites antes, conversaram sobre isso. Ele pediu desculpas por ter sido displicente e sugeriu, inclusive, que compreendia a mágoa dela. Ela brincou com a situação, dizendo que não era possessiva a ponto de exigir uma coleira no dedo dele, mas não o convenceu.

As alianças eram um simbolismo importante para um casal de noivos tradicional, mas se tinha algo que não cultuavam era tradição. No mais, não havia euforia com o casamento e os meses pré-núpcias nem de longe estavam sendo os melhores. Claro que não disse isso, mas de certa forma sentia-se aliviada por ele não ter cumprido o protocolo completo. Primeiro, porque o anel de prasiolita já a lembrava diariamente do compromisso, segundo, porque qual o sentido de carregar uma aliança no dedo quando não se sentia minimamente entusiasmada com isso? Óbvio que queria uma aliança - que mulher não quer uma? -, mas antes disso precisava resolver aquela monotonia imposta à relação. Pretendia ser uma noiva iluminada, e não uma resmungona com os nervos à flor da pele. Por isso não estava decepcionada, muito menos magoada com ele. Talvez tivessem se distanciado, mas não pelas razões que ele imaginava.

Independente da apreensão despropositada com que ele a tratou na noite anterior, não negava que gostou da preocupação e do romantismo. Há muito Léo não era tão atencioso. Surpreendeu-a com um delicioso jantar num dos seus restaurantes preferidos, depois a levou a uma confeitaria que ela amava, onde compraram brigadeiros e tarteletes de avelã para levar para casa. Passaram horas conversando sobre todo o tipo de coisa, rindo das bobagens um do outro e, no início da madrugada, transaram. Não foi um sexo fenomenal, afinal, estavam cansados e comeram demais, mas foi bom. Na verdade, não podia esperar muito mais quando estava com a cabeça tão confusa. Para o sexo ser gostoso precisava relaxar e contava que retomariam o ritmo aos poucos, na medida em que se reconectassem. Acreditava que a inquietação dos últimos tempos era só uma fase que, superada, aplacaria inclusive aquela rebeldia hormonal.

Inspirou e expirou profundamente. Estava tranquila, leve. Teve a breve sensação de que há algum tempo não se sentia tão bem. Pousou o *ipad* no colo, cruzando as pernas. O olhar vagou distraído pela sala de embarque do Santos Dumont, até que o viu. Um homem estranhamente familiar, atlético, olhos de um verde intenso e envolvente - o cara do aeroporto de Congonhas. Flagrou-se observando o sujeito de 36, 37 anos, mochila nas costas, cruzando o corredor depois de atravessar o detector de metais. Alto, pele clara, cabelos escuros, curtos e assanhados. Charmoso, maxilar bem marcado. Sim, pensou ao responder Linda mentalmente, era bonito. Sorriu no automático, recuperando a expressão da irmã. Foi quando cruzou o olhar com Edu, mas ele desviou os olhos tão rápido, apertando os passos, que ela teve certeza de que queria ficar longe dela.

Não hoje, pensou ele, tentando escapar à visão de Laura. Não hoje. Com a agenda cheia e a cabeça quente, não precisava de nada mais para esfriar o humor, muito menos uma discussão na sala de embarque. Enquanto se acomodava num assento próximo à cafeteria, considerou que mulheres como ela deviam ter um chip para que as pessoas soubessem exatamente onde não encontrá-las. Muito mais gente no mundo ia se preocupar em adquirir um GPS.

Já ela, ficou aborrecida. Não gostava de deixar as pessoas com uma má impressão. Considerava importante que soubessem que era uma mulher civilizada. Valorizava os bons hábitos e os cultivava. Estimava e muito a boa educação e cultuava a ideia de que “*gentileza gera gentileza*”. Fazia questão de guiar o carrinho do supermercado para fora da área do estacionamento após as compras, ceder o lugar aos idosos e às mães com crianças pequenas e de deixar as pessoas saírem do elevador antes de se arvorar para dentro. Boas maneiras eram fundamentais, embora reconhecesse que vinha falhando nesse quesito ultimamente. Devia desculpas ao cara dos olhos verdes, mas não fazia a menor ideia de como abordá-lo. Talvez fosse melhor conviver com a culpa. O reencontro era só uma coincidência e isso contribuía, e muito, para sua absolvição.

Edu quase não acreditava que o voo estava no horário. Sexta-feira, sexta-feira, repetia mentalmente, antecipando as sensações de um relaxante final de semana na praia. Não dormia há duas noites. Trabalhou 17 horas por dia nas últimas três semanas, entre testes e mais testes de um aplicativo de logística. Felizmente conseguiu detectar e corrigir a falha a tempo de evitar um colapso no processo industrial. Agora podia voltar para casa despreocupado e pronto para curtir uma folga. Começaria a relaxar dentro do avião. Ia colocar os fones de ouvido e ouvir uma música boa. Quando chegasse ao Rio, passaria em casa só para colocar bermuda e chinelos e ia se encontrar com Renato num boteco qualquer do Leblon. Nem sabia há quanto tempo não fazia isso. Conversar fiado e beber um chope gelado.

Às vezes não via a hora de acabar o trabalho no ABC Paulista. O contrato com a montadora rendia uma boa grana, mas a rotina semanal da ponte aérea era massacrante, isso, sem contar as horas de estrada até São Caetano do Sul. Às vezes levava de São Paulo à sede da montadora - uma distância média de 13 km - até uma hora e meia, dependendo das condições do trânsito. Isso era o que mais o exauria, ficar tanto tempo dentro de um carro sem sair do lugar; pior, sem fazer nada.

Colocou a mochila no compartimento de bagagens da aeronave e acomodou-se no assento ao lado do corredor. Cumprimentou brevemente a mulher sentada ao lado, mas ela parecia entretida demais com a revista de bordo para responder à gentileza. Obrigou-se a afastar qualquer pensamento sobre trabalho, encaixando-se confortavelmente na poltrona. Fechou os olhos por um, dois minutos talvez, não sabia ao certo, até que sentiu um cutucão no braço. Quando identificou o sorriso assustadoramente perfeito de Laura no assento logo à direita, conscientizou-se de que não era um pesadelo, mas ainda assim desejou que ela evaporasse.

Laura sentiu o olhar crucificante dele. Reconheceu-o ainda no *finger*, ao embarcarem, mas nem de longe imaginou que se sentariam lado a lado, caso contrário teria tentado amenizar o constrangimento antes de ficarem assim, cara a cara, separados pelo estreito corredor do avião. No último mês, por ironia do destino, esbarram-se várias vezes no aeroporto, tanto em São Paulo como no Rio, e pedir desculpas a ele, um sujeito que nem conhecia, tornou-se uma questão de honra, especialmente porque ele a evitava como se ela fosse uma doida varrida. Tentou se aproximar duas vezes e ele fugiu, literalmente. Não era uma maluca e ia provar. Talvez fosse um pouco obsessiva - como ele próprio a acusou -, mas ia se desculpar naquele instante, de qualquer jeito, com ou sem cara feia.

- Então... – Hesitou diante do olhar desconfiado. – Olhe, eu queria me desculpar pelo outro dia.

- Está tudo bem, não se preocupe. – Dispensou-a com um gesto rápido, revirando os olhos antes de apoiar a cabeça no encosto da poltrona. Ela não acreditou. Esforçou-se tanto para engolir a vergonha e abordá-lo e...

- Ei, não dá para ser mais educado? - Irritada, quase furiosa, cutucou-o de novo. - Você não vai sequer olhar para mim? - Ele a fitou. Deus, pensou, estava acontecendo de novo, mais um surto. - Você é grosso mesmo. – Ele espremeu o olhar, contrariado.

- Você acabou de me pedir desculpas e está me insultando de novo! Maluca! – Despejou sem pensar. Os sons do avião durante o embarque e a inquietação dos passageiros recém-acomodados

desapareceram, deixando a aeronave silenciosa. Ela afundou-se no assento, abaixando a voz ao mínimo audível. Sentia-se observada.

- Felizmente percebi a tempo que você não merecia meu remorso. – Resmungou, cruzando os braços. Ele meneou a cabeça em sinal negativo, estudando a infantilidade dela. Porque as mais bonitas eram sempre as piores?

Era início da tarde quando Laura e Léo conseguiram uma mesa para almoçar. Naquele sábado, o céu do Rio de Janeiro estava de um azul vibrante e a única outra cor na imensidão de brigadeiro era a dos pássaros marinhos. Cariocas e turistas disputavam as poucas mesas ao ar livre numa Confeitaria Colombo lotada, de onde a vista para a praia de Copacabana era, sem dúvida, sensacional.

Ficaram na espera durante mais de uma hora e meia e, enquanto isso, aproveitaram para passear pelo Forte, curtindo a paisagem. Ela ficou quase o tempo todo debruçada na mureta sobre o oceano, inalando o frescor do mar, enquanto ele parecia longe demais para se envolver com as mesmas sensações.

- Adoro esse lugar. – Comentou ele, puxando uma cadeira.

- Nem preciso dizer que eu também. – Ela sentou-se, dependurando a bolsa na quina. - Essa vista, o cheiro de maresia. – Fechou os olhos e ergueu o pescoço, abrindo os braços como se estivesse dentro de uma bolha.

- Devíamos vir mais aqui. – Disse ele após pedir água à garçonete, pegando o cardápio.

- Também acho. – Respondeu ela, erguendo os olhos do menu de entradas. - Da próxima vez podemos vir pedalando, que tal?

- Acho uma ótima ideia. – Ela sorriu, satisfeita. Quando ele retribuiu, notou um vestígio de preocupação.

- Que foi? - Fechou a carta, pousando-o na mesa e oferecendo as mãos a ele. - Está tudo bem?

- Não, não está. – Depois de um longo suspiro, ele aceitou as mãos dela. – Desculpe pelos últimos meses. Não sei o que anda acontecendo comigo.

- Léo...

- Preciso terminar de falar, Laura. – Apertou levemente as mãos dela. - Sei que ando distante, acomodado, mas isso não quer dizer que você signifique menos para mim.

- Querido, também não tenho sido a melhor namorada do mundo, não é? Estou irritada, impaciente. É péssimo reconhecer, mas isso acabou nos afastando. Também te devo desculpas.

- Enfim, estamos quites.

- Acho que sim. – Acariciou as costas das mãos dele e, quando ele refutou o toque, recolhendo as mãos, as puxou de volta. – É só isso mesmo? Conheço você. Você está apreensivo.

- Estou mesmo. – Deslizou a língua entre os lábios, sentindo a boca repentinamente seca. Recolheu as mãos e tomou um gole da água que a garçonete acabava de servir, sinalizando para que a moça voltasse depois. – Estou ansioso. – Engoliu o nó preso na garganta. - Queria te falar logo... - Ela ergueu as sobrancelhas, desconfiada. Pelo tom dele, soube que iam brigar, pelo menos ela ia. - Decidi fazer o curso. – Deu a notícia como quem lança uma granada e sai correndo. – Viajo em quatro semanas.

Ele pensou muito sobre a viagem e como isso afetaria o relacionamento. Considerou durante dias as hipóteses de ir ou não, mas então, na noite em que a levou para jantar naquele restaurante tailandês de que ela gostava, tomou a decisão. Esforçou-se para que tivessem uma noite incrível, mas na hora do sexo, tudo emperrou. Se tivesse que adjetivar o momento, diria que foi um Acheron - Nacionais - Apollymi

fiasco. Laura estava deliciosa naquele macacão vermelho - aliás, ficava incrível com qualquer tipo de roupa -, mas ele custou a entrar no clima e, quando pareceu que as coisas iam fluir, o sexo foi morno e sem graça, fazendo-o ter certeza de que o que estava errado não era algo de fácil solução. A conexão do passado não existia mais. Foi ali que decidiu. Não tinha nada a perder - ou a relação degradingolava de vez ou recuperaria o fôlego. Conhecia as consequências dos seus atos, não agia de olhos vendados. Desde aquela noite vinha pensando em como dar a notícia a ela. Planejou como o faria e em que momento, certo de que ela ia ter um acesso, mas, de repente, quando viu, as palavras já estavam fora da boca, e ela - para absoluta surpresa -, inexpressiva. Ainda que soubesse que ela não reagiria bem, não achava que tomaria a viagem como algo completamente negativo. Noivos há seis meses, sequer conversaram sobre os preparativos ou a própria vida de casados, talvez até pelo fato de não estarem num bom momento. Então não deveria ser até conveniente que se permitissem esse tempo? Ela não pensava assim, mas ele também não sabia o que pensava. Nos últimos tempos, Laura era uma incógnita. Já ele, um covarde. A viagem era uma fuga e soube disso desde o início.

Até em então o sábado foi agradável. Passaram a manhã na praia, falaram sobre questões profissionais, os maus hábitos de Linda e fizeram piadinhas maldosas sobre um grupo de adolescentes sentado na areia a alguns metros. Riram, beberam chá gelado e caminharam pelo calçadão. Como ela estava de bom astral, achou que aquele era o momento para dar a notícia. Agora, contudo, não sabia mais se tomou a atitude certa. Ela tinha a fisionomia impassível, num misto de mágoa e incredulidade, e isso o fazia sentir-se um fracassado.

- Então... - Ele quebrou o silêncio, tamborilando os dedos na mesa. Incomodado, ainda esperava dela outra reação, algo como olhos vermelhos e voz alterada. Ela deveria dizer “*É sério? Você só pode estar brincando comigo! Nós não tínhamos conversado sobre isso? Como você decidiu sozinho?*”. Espalmaria as mãos na mesa, colocaria o cabelo atrás da orelha com um suspiro cansado e pediria para ir embora. “*Perdi a fome*”. Mas não, não fez nada disso. Calada, olhava para baixo, para o mar ou a poça d’água ao redor do copo gelado.

Não foi só ele que se surpreendeu com a reação dela. Ela também não se reconheceu. Sem vontade de protestar, ficou apática. Por mais que devesse se concentrar no que Léo disse, pegou-se pensando nos hormônios. Lembrou-se de como gritou com o novo estagiário de marketing na quarta-feira. Um menino magro, pálido, com um alargador de orelha. Agiu como uma louca, exigindo algo que deveria ser cobrado do setor e não do garoto, coitado, que levou uma bronca de graça. Puniu-se ao recordar a expressão assustada. Pouco depois do episódio, retratou-se, mas mesmo assim se penitenciava. Reconhecia ser explosiva, impaciente e até enérgica demais, mas embora tivesse o temperamento difícil, nunca maltratou ninguém. Até outro dia. Até esses hormônios minarem o humor dela. Os mesmos malditos hormônios que agora a faziam querer chorar.

Decepcionada, não entendia por que Léo decidiu fazer o tal curso logo naquele momento. Quando se sentia fragilizada e insegura quanto ao futuro, precisavam reaquecer o relacionamento e consertar o que exigia conserto. Durante todos aqueles anos, incentivou-o a correr atrás dos sonhos dele. Compreendia a importância da carreira e até a necessidade da experiência no exterior para confirmá-lo como sócio do escritório. Num passado não muito distante, ela própria o encorajou a empreender novos projetos, mas não agora, não era a hora para isso. Precisava dele! Conversaram sobre isso dezenas de vezes e, nos últimos meses, concordaram em rever a

ideia depois do casamento, até em virtude da questão financeira. Ele não podia esperar um pouco mais? Os pensamentos tornaram-se desordeiros e barulhentos, entorpecendo-a.

- Então você... vai ficar lá quatro meses? – A voz saiu vacilante como o raciocínio. – São quatro, não são? Quatro meses?

- São sim. – Ele aprofundou o olhar, tentando enxergar além da inexpressividade dela. – Vai passar rápido, você vai ver. - Esticou o braço para pegar a mão dela. - E vai fazer bem para nós. – Sentiu a necessidade de dizer aquilo, mesmo que fosse só para acalmá-la. Forçando um sorriso, ela apertou a mão dele.

– É, talvez seja bom. – Surpreendeu-se com o próprio bom senso. Sabe-se lá porque, não quis brigar.

- Eu sei que vai ser bom, querida. Ei, olhe para mim. – Acariciou as palmas das mãos dela, pedindo atenção quando ela desviou o olhar. – Precisamos ser francos. As coisas não estão bem entre a gente. - *“Por isso mesmo!”*, pensava ela, embora assentisse positivamente. *“Esse é o maior motivo para você ficar, não acha?”* - Esse período vai ser bom para nós – continuou ele - , a distância vai clarear as coisas, você vai ver. Quando eu voltar, vamos estar prontos. - Não estava dizendo da boca para fora, realmente pensava assim. A viagem era um instrumento de ascensão na carreira e um *break*. Precisava desse tempo só para ele, sem ela, família e pressão. Quatro meses depois voltaria revigorado, com uma visão clara do relacionamento e pronto para dar o passo seguinte, fosse ele o casamento ou a separação. Obviamente não diria isso a ela. Não tinha intenção de enganá-la, mas achava prudente criar uma expectativa positiva, embora reconhecesse ser uma atitude egoísta. Não podia contar que ia em busca de respostas.

- Prontos? – Ela ergueu as sobrancelhas. Ainda que não concordasse com a decisão dele, no fundo sabia que não tinham outra saída. Além do mais, estava feito. Ele limitou-se a piscar os olhos em resposta. - Daqui a quatro semanas? – Ele assentiu. Em silêncio, ela suspirou, penteou os cabelos com os dedos, mexeu-se inquieta na cadeira; o olhar perdido no horizonte. Levou alguns minutos para, enfim, reagir. - Você vai perder a festa da mamãe. - Foi tudo o que conseguiu dizer sem derramar uma lágrima. - Sentindo-se vulnerável, temeu que a sensação nunca mais passasse. Queria que ele ficasse, melhor, que compreendesse que precisava ficar.

- É, eu sei, mas também sei que Dona Carmen vai me perdoar. – Brincou, na tentativa de descontraír. - Sou o genro de quem ela mais gosta.

- Claro, você queria que ela desse corda pros namoradinhos da Linda?

- Eu ia me sentir um bobalhão se fosse preterido a um deles. – Sorriu, contente quando ela fez o mesmo.

- Com razão.

- Vou ficar chateado de não ir à festa.

- Quem não ficaria? – Esforçou-se para parecer descontraída. - Você vai perder Linda e Tio Paulo na pista de dança, sem falar no brinde depois dos parabéns. – Sorriu com a memória dos aniversários da mãe. Um parente bêbado sempre fazia questão de brindar no fim da festa, entre aplausos e assobios ensandecidos de uns em contrapartida ao constrangimento de outros. De qualquer forma, era sempre divertido.

- O brinde é a parte de que mais gosto. – Disse ele, satisfeito quando a conversa mudou de Acheron - Nacionais - Apollymi

rumo. - Você se lembra do ano passado?

- Não dá pra esquecer. – Recordou a noite em que a prima quase desmaiou de tanto beber e o irmão levou-a ao hospital. - Lulu saiu carregada do palco, Pedro é que se deu mal.

– As festas da sua mãe são memoráveis. – Sorriu.

- São mesmo. – Ela sorriu de volta, a tristeza aliviada por boas lembranças.

- Vai ser a primeira que eu perco em...

- Vinte anos?

- Talvez mais. Só me lembro de ter faltado quando fomos pra Disney em família. Eu tinha 8.

- Não se preocupe. – Ofereceu a mão a ele, sentindo o retorno do equilíbrio. - Vou congelar bombons para você. De nozes e coco.

- Então posso viajar tranquilo.

- Pode. – Assentiu ela, apertando levemente a mão dele. Com um longo e pesado suspiro, fitou-o. - Vai ficar tudo bem. – Disse, certa de que era o que ele queria ouvir, mas também o que ela própria precisava acreditar.

Na mesa ao lado, uma criança derrubou um copo de refrigerante na roupa da mãe, mudando os rumos da conversa. Como sempre acontecia desde que o assunto não envolvesse a relação e, de uns meses para cá, o casamento, o papo fluiu íntimo e prazeroso, salteado de boas risadas. Com o passar do tempo, ele relaxou, ela, reabastecida de bom humor, esqueceu a mágoa. Só quando os pratos principais chegaram à mesa, voltaram ao tema viagem, mas então a conversa correu com naturalidade, a expectativa de que aquela era a solução. Comeram falando sobre a programação do curso, roteiros de finais de semana e cotação do dólar.

- Tenho um presente para você. – Disse ele, buscando a mão dela sobre a mesa. No cenário atrás, o sol descia sobre a imensidão do mar, deixando um rastro alaranjado no céu e um brilho dourado na superfície da água. - Quero dizer, para nós dois. - Laura levantou os olhos da musse de chocolate.

- O quê? – Movimentou a colher no ar, depois de abocanhar um punhado do doce. – Presente?

- É. Não falei antes porque não queria que você achasse que eu estava tentando equilibrar as coisas..., sabe, porque decidi fazer o curso agora.

- Fale. - Pousou a colher dentro da taça. - O que é? As alianças? – Com um guardanapo de papel limpou o canto da boca.

- Não. Uma viagem, para nós dois. Búzios. – Ela sorriu, feliz com a ideia de passarem alguns dias juntos antes dele viajar. Obviamente a proposta dele era uma forma de compensá-la, mas não se importava. - No feriado de 1º de Maio. Cai numa quarta-feira, pensei que você poderia emendar o início da semana. São cinco noites, pousada top, só você e eu.

Ela nem sabia há quanto tempo não viajavam. No último ano, combinaram de vender as férias e fazer um pé de meia para dar entrada num apartamento. Ainda não tinham encontrado o imóvel certo - até porque não procuraram -, mas o dinheiro estava bem guardado e seria usado quando precisassem. Há tempos não conseguiam fugir num feriado ou passar alguns dias sozinhos. Claro

Acheron - Nacionais - Apollymi

que podia emendar o início da semana, só precisava bater a meta do mês, mas isso nunca foi problema. Em exatos 11 dias estaria esparramada numa espreguiçadeira a beira mar, comendo camarões graúdos e bebendo uma caipivodca de maracujá. Mal podia esperar.

- Adorei a ideia! – Entusiasmada, debruçou-se sobre a mesa para aninhar o rosto dele às mãos, beijando-o. – Quase não acredito. Como você conseguiu disponibilidade? - Voltou a sentar-se, servindo-se de água. - Faltam menos de duas semanas... A região dos lagos fica lotada!

- Fiz as reservas há uns 2 meses, não contei porque a vaga para o curso abriu na mesma semana e - Ergueu os ombros, lábios pressionados. - Como disse, achei que você pudesse pensar que eu estava tentando te compensar de alguma forma, e não é nada disso. – As palavras soaram convincentes, mas não retratavam a verdade. A viagem para Búzios era uma maneira de contrabalancear o efeito da notícia e um teste também. Porque se o relacionamento não voltasse a ser o que era num mundo de sonhos (ele programou tudo para um feriado fantástico) definitivamente não havia solução e, assim, embarcaria para os Estados Unidos sentindo-se menos culpado. - Eu só queria ficar um tempo com você. – Emendou. - Nós sempre nos entendemos sozinhos, não é? Sem esse monte de gente dando palpites. - Ela riu, esforçando-se para puxar da memória os momentos em que estiveram sozinhos. Foram tão poucos... Eram sempre festas de família, almoços em família, aniversários de família, viagens em família.

– Você tem razão. Precisamos nos afastar, tem muita gente se metendo.

- É isso.

- Então?

- Então no feriado vamos ser só nós e mais ninguém.

- Como deveria ter sido desde sempre.

Sentada de frente para o portão de embarque, ela não pensava noutra coisa senão em Búzios e na promessa de cinco dias de folga. Pousada paradisíaca, quarto com cama de dossel, hidromassagem e vista para o mar. Podia ser melhor? Estava tão bem humorada que nem o considerável atraso no horário do voo seria capaz afetá-la. Aliás, precisava reconhecer que, para uma sexta-feira véspera de feriado prolongado, Congonhas estava inesperadamente organizado.

Búzios. Há alguns anos não ia até lá, embora adorasse o astral da cidade. As praias, restaurantes, a agitação noturna. Durante a última semana, pesquisou estabelecimentos novos na Rua das Pedras - o principal ponto turístico -, planejando um roteiro gastronômico. Duas noites de carne - Léo era praticamente um vampiro -, uma de comida mexicana, outra japonesa e, para fechar, uma noite de frutos do mar. O itinerário diurno não era lá muito extenso, porque durante o dia pretendia ir da pousada para a praia e da praia a pousada, mas fez questão de reservar uma tarde a dois no SPA, com direito a banho de argila e massagem. A viagem tinha tudo para ser uma delícia e ela ia fazer sua parte.

Passou a semana em êxtase. Nossa!, como precisava de um descanso! Estava feliz de poder curtir uns dias à toa, sem fazer nada além de comer bem e aproveitar a vista para aquele mar azul. Nos últimos dias, a produtividade foi longe do esperado. Foi uma funcionária preguiçosa e substituível, tudo o que reprovava nos subordinados. Pelo menos fez algo de que se orgulhava: mais uma vez desculpou-se com o estagiário magrelo do marketing - continuava se sentindo culpada em relação a ele. Adriano. O pessoal da empresa o chamava de Nano. Descobriu que ele era vegetariano e Publicidade era a segunda tentativa de graduação - cursou três semestres de Psicologia -, e o mais importante, soube disso durante um café na lanchonete da empresa. Em 13 anos trabalhando ali, podia contar nos dedos das mãos quantas vezes se deu ao luxo de parar alguns instantes e bebericar um café. Antes de ser alocada para São Paulo, vivia a mesma coisa no Rio. Era quase um evento tirar uns minutos da tarde para um lanche e uma conversa despreocupada. Trabalhava como gerente regional de uma das marcas mais vendidas de biscoitos no país e simplesmente não se lembrava da última vez em que comeu um deles dentro da empresa. Com um café.

Pois então. A semana passou arrastando-se. Entre um café e outro, entre biscoitos. Ela tentou concentrar-se, sem sucesso. Pensava nos resultados e metas globais e, de repente, flagrava-se distante de novo, idealizando uma noite quente com Léo ou sondando na internet as lojinhas de biquínis - precisava renovar as saídas de praia. Agora, ali, a poucas horas das férias, esperava ansiosamente a chamada para o embarque. Em menos de duas horas estaria no Rio e, em mais quatro ou cinco - considerando o caos do trânsito nas vésperas de feriado - deitada numa cama de lençóis de algodão egípcio, de frente para um mar negro e infinito. Nada, definitivamente nada poderia afetar o prazer da expectativa.

Sentado na diagonal à frente e alheio ao movimento, Edu entretia-se com a seção de esportes do jornal. Manuseava as folhas de papel com a desenvoltura de quem o faz rotineiramente, cuidando para não incomodar o sujeito ao lado. Laura o identificou pelo perfil. Olhos atentos, semblante estimulado. Ao lado dele, um assento vago, sua chance. Sem pensar, pegou a bolsa e foi até lá.

- Com licença. - Disse ao acomodar-se, o intuito de absorver a atenção dele. A resposta foi um breve e desinteressado aceno de cabeça. Ele estava absorto e, para não importuná-lo, decidiu Acheron - Nacionais - Apollymi

esperar. Dessa vez, ia fazer tudo direito.

Dias antes, pensando no assunto, percebeu que a impressão deixada a incomodava em proporções gigantescas; assim como ter gritado com Adriano. No caso do estagiário, não sossegou enquanto não teve certeza de que ele não a achava uma bruxa histérica. Prometeu a si mesma, seguindo o conselho de Linda - quem diria! -, que não deixaria os hormônios “*assumirem o controle*”. Ia colocar ordem na casa, não podia responsabilizá-los pelas bobagens cometidas e deixar por isso mesmo. Retratou-se com Nano e agora faria o mesmo com o cara dos olhos verdes. Desta vez, seria gentil ao abordá-lo e, em nenhuma, nenhuma hipótese, ia perder a civilidade. Resolver aquela situação estava passando da hora, até porque era bem provável que estivessem de novo no mesmo voo, dadas tantas outras vezes em que se chocaram na ponte aérea, sempre nos mesmos horários.

Edu levou bons minutos para abandonar o jornal. Leu as manchetes sobre a Euro Copa e a Libertadores enfeitado, quase uma criança assistindo ao desenho animado favorito. Enquanto isso, ela se esqueceu do seu propósito. Bem humorada com a proximidade do feriado, brincou com um novo joguinho do Pernalonga no celular, admirou o rosa forte do esmalte das unhas pintadas no horário de almoço - que usava pela primeira vez - e, quando sentiu um aroma vagamente adocicado no ar, instintivamente desembulhou uma barrinha de chocolate. Deu somente a primeira mordida e o celular tocou.

- Oiêê! – Atendeu Jose. - “*Tá chegando a hora*”... – Emendou, cantando no ritmo da marchinha carnavalesca, os ombros acompanhando.

O som da voz vagamente familiar ou talvez o movimento rítmico ao lado atraiu a atenção de Edu, embora ele não a tenha identificado imediatamente. Laura tinha volume nas bochechas e aquela dançinha tirou seu foco. Além disso, usava os cabelos presos - coque alto, com fios pendendo sobre o rosto -, de um jeito que ele nunca viu. Assim, os traços ficavam ainda mais evidentes e quando ele caiu em si, não entendeu como não a reconheceu antes. No automático, meneou a cabeça em sinal negativo, liberando um longo e cansado suspiro. Ela sorriu sem jeito, apressando o fim da conversa no telefone ao notar a inquietação dele - juntando coisas, fechando o *laptop*.

- Te ligo daqui a pouco, tá? – Foi a única coisa que ela disse antes de encerrar a ligação na cara da amiga.

Mexendo na mochila, ele a investigou de soslaio. Tinha a sensação de que o observava. Estava bem naquele dia, ia jantar na casa de um casal de amigos, teria uma noite de boa conversa e comida caseira, além de um agradável final de semana pela frente. Com a previsão de tempo favorável, e claro, se a maré ajudasse, ia surfar. Bem, ia levar Francisco, o sobrinho, para aprender a pegar algumas ondas. De qualquer forma, esperava que sobrasse um tempinho para curtir o mar também. De vez em quando sentia vontade de desaposentar a velha prancha. Fato é, estava num dia ótimo. Só a perspectiva de passar a semana seguinte sem pegar um avião já era capaz de deixá-lo de bom humor. Não poderia emendar o feriado, mas ia trabalhar em casa nos próximos dias e só isso era incrível. 10 dias. Nada de hotel, de carpete no quarto - nos últimos meses vivia à base de antialérgico - ou de comer sozinho todas as noites. Fugir da ponte aérea era quase sair de férias, até porque estava começando a achar que aquela maluca o estava seguindo.

Inesperadamente constrangida, Laura limpou os dentes com um movimento rápido da língua,

Acheron - Nacionais - Apollymi

guardando o resto do chocolate na bolsa. Por um segundo, agradeceu por ele não ter se levantado, ficaria ainda mais encabulada. Engoliu em seco e, com um movimento hesitante, virou-se na direção dele.

- Olhe, se você quer discutir... – Ele foi mais rápido, notando-a de rabo de olho.

- Não. – Ela fez um gesto negativo com a cabeça, agitando as mãos no ar. - Não quero. Eu... – Ele encarou-a impaciente, sobrancelhas erguidas. “*Então?*” – É sério, não quero te provocar, só queria que você me desculpasse. – Suspirou, satisfeita por ter dado a largada. - Pelas duas vezes em que fui grosseira e... – Meneou a cabeça de um lado a outro, os olhos fechados por um instante. - Bem, sei que a minha falta de educação é indesculpável e que você deve achar que sou louca, mas não queria ter deixado uma má-impressão. Pode não parecer, mas sou uma mulher civilizada. - A inquietação desapareceu aos poucos, a vergonha dando lugar à naturalidade. - Sabe, há semanas nos vemos no aeroporto. Achei que não fosse te encontrar mais, mas parece que, sei lá, temos os mesmos horários. E não sei se você percebeu, mas tenho te visto não só aqui, mas também no Rio. E veja bem, não estou te seguindo... - Se quando ela começou a falar ele sentiu uma ponta de desconfiança, a sensação se dissipou. Pelo menos naquela noite, ela parecia bem humorada; notava-se pelo tom de voz. A mulher simplesmente não parava de falar. - É verdade, pode até parecer, mas não estou seguindo você. E imagino que você também não esteja me seguindo. Bom, isso tudo é para dizer que não sou maluca. - A honestidade dela arrancou um sorriso dele. Por alguma razão, o modo como ela gesticulava e aquele falatório incessante, de um jeito quase infantil, aplacaram outra reação. O sorriso dele se tornou uma risada e ela acabou rindo junto. Riu dela mesma, da situação em que se enfiou e, por fim, riu do próprio riso. Eles entreolharam-se por um momento, encarando-se com uma dose de cumplicidade, duas crianças que se meteram numa encrenca e não sabem sair dela. - Você acredita, né? Não sou maluca. – Reforçou, quando a situação ficou embaraçosa. Ele assentiu com um sorriso.

- Bem... – Ele tinha o ar brincalhão. Sentiu-se estranhamente desarmado com o olhar dela. - Obsessiva, talvez?

- Talvez. – Respondeu ela, esticando a mão. - Laura. - Ele apertou a mão dela. - Eduardo.

- Sem discussões?

- Bom, acho que depende de você...

- Certo. – Ela assentiu, os olhos sorrindo.

Não tiveram muito tempo antes da chamada para o embarque, talvez 20 ou 30 minutos, mas acabaram diluindo o mal estar instaurado desde o primeiro embate. Conversaram trivialidades, como a proximidade do feriado e como isso afetava o ritmo dos aeroportos e o trânsito na cidade. Chegaram a tocar no fato de se esbarrarem com frequência, mas quando a conversa adquiriu um tom mais pessoal, sobre a rotina na ponte Rio-São Paulo, ela encontrou um colega de trabalho e se despediram ali mesmo, na fila do portão de embarque. Ele só percebeu o quanto a achou interessante - embora não devesse ter baixado a guarda por completo - quando afundou o corpo no assento do avião. A mente trouxe de volta as linhas bem traçadas do rosto dela, o aroma amendoado do perfume, os trejeitos ariscos e elegantes. Surpreendeu-se procurando-a pela aeronave, avaliando os braços desnudos de uma mulher fileiras à frente, cujo perfil não conseguia enxergar. Buscava um coque negro desestruturado, amassado no encosto da poltrona.

Acheron - Nacionais - Apollymi

E então, com a vaga lembrança do sorriso dela, adormeceu sem perceber.

Léo embarcou para os Estados Unidos horas antes. Laura, inicialmente contra a viagem, agora compreendia o quanto aquele tempo seria precioso e até determinante para o futuro. Tinha exatas 17 semanas para pensar, confrontar sentimentos e entendê-los. Mesmo que nos últimos meses tivesse se afogado numa poça de interrogações, nunca lhe passou pela cabeça casar-se com outro homem. Foi Léo desde sempre. Talvez por isso fosse difícil entender a própria insegurança. Amava-o, sentia falta dele. Ele viajou poucas horas atrás e ela já estava com saudades! Saber que voltaria a revê-lo só em 126 dias fazia o coração apertar e isso devia ser sinal de alguma coisa. Mas do quê?, quando ao mesmo tempo sentia-se livre, como se a distância - agora literal - atenuasse a ansiedade e a pressão dos meses anteriores? Dedicaria esse tempo a si mesma. Ia empenhar-se em cultivar o presente sem a expectativa do futuro, sem o peso da responsabilidade e culpa. Viveria com mais leveza, permitindo-se novos prazeres, de amizades à gastronomia. Em suma, ia concentrar-se na sua felicidade e, então, quando Léo retornasse, estaria pronta para vivê-la com ele.

Ali, sentada na lanchonete da empresa, no meio da tarde, diante de um apetitoso bolinho da Turma da Mônica e um café, teve certeza de que estava no caminho certo. Deu o primeiro passo. O primeiro não, corrigiu-se, lembrando-se do feriado em que estiveram juntos em Búzios. Quando lá, se perguntou como poderia ter tantas dúvidas. O noivo e ela formavam uma grande dupla. Tinham uma “*sintonia incrível*”, disse um casal de amigos coincidentemente hospedado na mesma pousada. A viagem foi revigorante e divertida. Da mesma forma, deveriam aproveitar aquele tempo sozinhos. A distância de hoje – estava segura - os uniria ainda mais no futuro.

Logo que atravessou o detector de metais, Edu liberou um suspiro impaciente. Não fazia assim tanto tempo - um mês e meio a dois no máximo -, passou por situação semelhante. Caminhou entre os corredores de assentos ocupados e bagagens amontoadas. Tumultuada e barulhenta, a sala de embarque do aeroporto de Congonhas estava um pandemônio. A fila do banheiro feminino estendia-se até o corredor. Um grupo de idosos, curiosos e falantes, cercava o balcão de uma companhia aérea com perguntas que a atendente não sabia responder. Na outra ponta do saguão, um rapaz sentado no chão, dormia com a cabeça no colo da namorada, acomodada num assento de canto. Isso, em meio a centena de pessoas prostradas, a visão impassível na direção da tela de televisão sem som.

Somente depois de realizar o check-in ele ouviu que um avião, ao aterrissar horas antes, deixou rastros de óleo na pista e a liberação dependia da limpeza e certificação de segurança. Com apenas a pista auxiliar operando, a situação havia gerado, até então, 11 cancelamentos e 39 atrasos, isso, só em São Paulo.

Edu olhou ao redor, repentinamente cansado com a ideia de mais uma noite de sexta-feira perdida numa sala de aeroporto, entre uma multidão de pessoas e, ironicamente, sozinho. Colocou a mochila no chão entre as pernas, conformado em escorar-se numa parede. Foi quando um senhor de idade, entre um resmungo e outro, liberou um assento à frente. Edu aproximou-se, sorrindo quando uma garotinha de cachos vermelhos, junto à mãe no banco ao lado, apertou o olhar para ele, investigando-o.

- Com licença. – Sorriu para a garotinha com a blusa da Peppa, a porquinha, lembrando-se do sobrinho. Francisco adorava os desenhos dela no passado, agora, porém, do alto dos seus 5 anos, os considerava “*coisa de neném*”.

Sentia falta dele. Há duas semanas não o via, desde aquele sábado em que foram surfar e acabaram esparramados na areia como bifés à milanesa. Edu sorriu com a lembrança, incomodado com o sentimento de vazio que crescia no peito. Andava muito sozinho nos últimos tempos. Via pouco os familiares - os pais mudaram anos antes para um sítio no interior de Minas, e a única irmã, que também morava no Rio, costumava sair da cidade aos finais de semana com Francisco e o marido - e cada vez menos os amigos - a grande maioria estava firme em algum relacionamento e os programas de casal normalmente incluíam outros casais -, sem contar a rotina profissional, que o tornava um sujeito cada vez menos sociável. Andava tão cansado que muitas vezes depois de chegar ao Rio não tinha sequer vontade de sair de casa. Preferia os programas caseiros. Nos dois últimos finais de semana ficou sozinho com a televisão, comendo todo o tipo de coisa que entope as veias. Ouviu música, leu os jornais – ainda preferia os impressos -, sentou-se na cadeira de vime da pequena varanda da sala e deixou o sol queimar o rosto. Adorava o calor úmido do Rio de Janeiro. Na semana anterior, a sensação térmica chegou a 40 graus. O calor massacrante fazia-o lembrar da época em que treinava a garotada na praia. Deu aula de educação física para uma turminha de 12 crianças de uma creche municipal. Inscreveu-se como voluntário para trabalhar 6 meses e ficou quase 2 anos. Divertia-se muito naquele tempo, embora não desse àqueles momentos o valor que mereciam. A balbúrdia na areia e a alegria das crianças era revigorante e, de certa forma, o faziam se sentir completo. Há muito não se sentia assim, nem quando passava um dia inteiro com Francisco. Algo estava faltando, concluiu com um sorriso triste, notando que a garotinha, agachada a seus pés, inspecionava a

fivela do seu sapato.

Durante muito tempo não se deu conta de que a sensação de vazio era decorrente de não ter uma mulher ao seu lado, alguém para trocar ideias, dividir uma garrafa de vinho. Certamente passou esse período preocupado em ganhar dinheiro e ser dono do próprio nariz. Nunca pensou em se casar, aliás, a hipótese soava um tanto distante, mas queria namorar. Guga, o sócio e melhor amigo, diria que estava se tornando “*uma mulherzinha*”. O sócio era desses caras que se contenta em ciscar. Ele não, pelo menos não mais. Talvez fosse o avançar da idade, não sabia ao certo, mas com 36 anos recém-completados, pensava em se comprometer com uma mulher só. Anos atrás, namorar sério era algo inimaginável. Felizmente sempre manteve a cama quente. Às vezes tinha três, quatro encontros com uma garota, mas nunca passava de uns amassos e sexo sem compromisso. Isso não o satisfazia mais. Queria estabelecer uma conexão, tinha vontade de ligar para alguém durante a noite para conversar sobre qualquer coisa que fosse. Queria acordar enroscado num corpo quente, fazer sexo matinal e tomar café da manhã pelado, com a cara amassada.

- Fala sério! – Foi o que disse Guga quando, no jantar de aniversário de Edu, na casa da irmã, ele mencionou que estava ficando velho para pegação. – O que botaram na sua bebida? – Besuntou um pedaço da carne no purê e pôs na boca.

- Pô, cara, tô querendo sossego. – Edu cortou a carne, agradecendo quando Mônica, a irmã, repôs água nos copos. - Já não curto mais esse negócio de balada há algum tempo.

- Num tô te entendendo, nêgo. – Guga fez um gesto de confusão. – Tá querendo namorar uma gata só?

- Pois eu apoio Edu. – Entrevi Mônica, impaciente com a imaturidade do outro. Adorava Gustavo e o considerava um bom amigo, mas ele precisava crescer. Quem, Diabos, usa chinelos pra sair pra jantar? – Ele já não é mais um garoto, está na hora de sossegar o facho e namorar sério.

- Acho que essa história de fazer 36 está mexendo com a cabeça do seu tio, Chicão. – Brincou Gilberto, o cunhado, arrancando uma risada geral.

- Tio – disse o sobrinho, com um bigode de suco de uva -, por que você não casa com a Gisele do colégio? – Referiu-se à assistente do maternal, uma jovem risonha e mais atenciosa do que o normal. - Ela gosta de você. – Edu e Mônica se entreolharam, sorrindo.

- Mané – respondeu Edu, revirando os cabelos do garoto, que mastigava -, trate de comer que está ficando tarde. Ainda vamos cantar os parabéns e você tem aula amanhã.

- Tá bom – aceitou o pequeno -, mas quando você for procurar uma namorada, arrume alguém que sabe fazer bolo de chocolate.

- Que saiba fazer. – Corrigiu Mônica.

- Que saiba fazer bolo de chocolate – consertou Francisco, com um leve dar de ombros -, porque a mamãe só faz aquele de coco. – Acrescentou com uma careta, fazendo todos rirem. - Você vai ver – ergueu o garfo de cabeça para baixo -, ela enfiou a vela no meio daquela meleca branca.

- O bolo da sua mãe é delicioso. – Elogiou Gilberto, ganhando um sorriso da esposa, sentada à frente.

Acheron - Nacionais - Apollymi

- Obrigada, Amor. – Agradeceu ela, o olhar de cumplicidade atravessando a mesa. – Seu tio – dirigiu-se a Francisco – gosta do bolo com cobertura de chantily, meu bem.

- Sei não, acho melhor que a namorada dele *saiba* fazer de chocolate.

Difícil fazer o tempo passar, principalmente com aquelas ideias assombrando-o. Não estava gostando nada daquele monte de sentimentos desencontrados, a sensibilidade aflorada por uma garotinha desconhecida. Talvez não precisasse de uma mulher, só de uma noite de homem. Quando foi a última vez que saiu para uma noite? Cerveja e putaria, nada de sensibilidade. Queria preencher a mente com outras coisas, afastar a sensação de vulnerabilidade. Sentia-se sozinho, porra. Não havia nada de mais nisso, não é? Levantou-se de supetão, tirando a mochila de baixo do assento e colocando-a no banco. Fez questão de desviar o olhar quando a menininha, agora próxima à escada rolante, veio correndo na direção da mãe, rindo esbaforida, os cachos cor de fogo balançando, as perninhas rechonchudas se esfolando nos passinhos atrapalhados.

Edu caminhou até a livraria, observando o movimento na sala de embarque. Analisando, pesquisando, procurando algo que substituísse o objeto de preocupação. Tinha sabe-se lá quanto tempo ainda naquele maldito aeroporto e se não focasse noutra coisa, ia enlouquecer. Entrou no estande de livros e verificou as novas publicações - embora as novidades fossem quase sempre velhas, já que fazia isso semanalmente -, leu a contracapa de um livro e folheou outros. Comprou, como de costume, mais um exemplar de palavras cruzadas. Tinha que dar um basta nisso, estava parecendo aquela gente dos programas da Discovery Home & Health, “*Acumuladores*”. Só na mochila mantinha, no mínimo, umas 20 revistas, pior, preenchidas só nas primeiras páginas - era meio obcecado quanto a isso, não se permitia fazer uma cruzadinha fora da sequência, começava na primeira, seguia para a segunda e assim por diante, mas antes de terminá-la estava de volta ao aeroporto e acabava comprando outra. Precisava dar um jeito naquela compulsão. Não entendia o que acontecia, simplesmente não conseguia não comprar uma. Se pelo menos fosse dispensando as outras... Mulherzinha e acumulador. Noite de homem!, reforçou mentalmente, checando a mochila com o olhar.

Foi nesse momento em que a viu, a despreensão da mulher à frente atraindo-o como um campo magnético. Laura. Laura? Por um instante ficou em dúvida se esse era mesmo o nome dela. Laura, repetiu para si mesmo, associando o nome à imagem da mulher sentada no chão, cabelos lambendo os ombros, pés descalços, um *tablet* no colo e uma caixa de Toddynho na mão. No mesmo instante viu a vulnerabilidade esvair-se dando lugar a uma virilidade natural e madura. Aproximou-se dela quase por instinto e, segundos depois, estavam cara a cara.

Como muitos passageiros, ela estava sentada no chão, as costas ligeiramente apoiadas na parede e pernas dobradas ao lado do corpo enquanto explodia caixotes e detonava mais alguns porcos. Conhecia de cor a estratégia de jogo e as fases, mas depois de horas esperando e esperando, não encontrou nada melhor para fazer do que jogar *Angry Birds*. Pelo menos o tempo passava mais rápido. Era uma chatice aquilo de ficar mofando no aeroporto numa noite de sexta-feira. Estivesse o voo no horário, àquela altura estaria com Jose e Linda num restaurante japonês no Leblon, bebendo caipi-saquês e comendo aquele monte de invenções gostosas e nada japonesas que os chefs descolados inventavam. Atum com azeite trufado e raspas de limão siciliano, chips de batata doce com *tartare* de manga... Humm.... Mas tinha que se contentar com um Toddynho. Não que estivesse ruim, na verdade, estava delicioso -adorava aquilo, por mais infantil que fosse -, mas o trocava fácil por um *drink* feito de álcool de arroz.

Não era sua intenção sentar no chão, mas seduzida por um ponto livre para carregar a bateria do *ipad* e com os pés machucados pelo maldito sapato novo, fez a opção. Quando chegou ao aeroporto já não havia lugar disponível e felizmente, numa das raras vezes da vida, usava calça, o que facilitou muito as coisas. Podia até esticar as pernas quando o trânsito de pedestres diminuía no corredor.

Quando um vulto masculino sombreou a tela, Laura levantou o olhar. Eduardo. Simpático. Da última vez jogaram até conversa fora. Sobre o que falaram mesmo?

- Oi. – Cumprimentou-o, a mão sobre os olhos, encobrendo a claridade.

- Oi. – Disse ele, sorrindo. – Que tal se você ficar com o meu lugar? – Estendeu-lhe a mão, inclinando-se ligeiramente para ajudá-la a se levantar.

- Ah, não, não. – Ela reagiu com um aceno de cabeça, surpresa com a gentileza. – Não se preocupe, estou bem. – Movimentou os ombros, sorrindo. – Na verdade, parece pior do que é. – Ele franziu o cenho, incrédulo. Manteve o braço esticado, esperando que ela reconsiderasse.

- Por favor, Laura - fez questão de pronunciar o nome dela, agora seguro -, venha comigo, tenho certeza de que você vai ficar mais confortável no assento.

- E você vai ficar em pé? Não. – Ela abaixou a mão para recusar a oferta com um gesto repetitivo. - Você nem me conhece pra ceder o lugar para mim.

Ele recolheu o braço, esfregando a nuca. Devia ter pensado ao se aproximar. Mulherzinha complicada. Repreendeu-se, arrependido. Devia tê-la deixado ali, atolada no piso frio, bebendo aquele achocolatado de criança, mas por alguma razão, tentou manter um diálogo. Agia por instinto, algo mais forte do que ele.

- Bom, conhecer te conheço. – Enfiou as mãos nos bolsos do jeans. - Podemos dizer até que já temos uma história. – Sorriu com a ironia, notando-a estreitar o olhar. – Além do mais, mesmo que eu não te conhecesse, é só uma gentileza.

- Não. - Retrucou ela, fitando-o. – É uma atitude machista... – ofereceu a mão para que ele a ajudasse -, mas ainda assim gentil. - Ele sorriu, ajudando-a a se levantar. Sentiu vontade de revirar os olhos, mas se lembrou de como ela reagiu da última vez que o fez e se conteve. - Obrigada. – Agradeceu, desviando o olhar ao notar que ele não o faria. Alisou as dobras invisíveis da calça, espanou o bumbum e ajeitou a blusa de seda amarela. – Quando cheguei já

estava tudo lotado. Sabe quanto tempo passei em pé? - Ele pousou os olhos nos pés dela, vermelhos e inchados.

- Acho que muito. - Ela não se constrangeu com a observação. Apoiou-se na parede e, inclinando-se, calçou os *scarpins*. Ele antecipou-se, recolhendo a caixa de Toddynho e duas embalagens de chocolate. Observou-a com divertimento, como se perguntasse onde naquele corpo ela armazenava tanta porcária.

- Podemos ir. Onde você está sentado? - Colocou a bolsa nos ombros, segurando o *ipad* contra o peito. - Não, peraí... - Ergueu uma sobrancelha, o semblante desconfiado. Lá vem, pensou ele. - Por que você está sendo gentil comigo? E qual a graça? - Quanto à gentileza ele não saberia responder. Foi um impulso, podia tê-la visto e ignorado. Agora, quanto ao sorriso na cara, não conseguia escondê-lo. Achou que ela até podia ser adorável se mantivesse a boca fechada, mas pelo visto... - Não vai responder?

- Bem, sou um homem gentil. - Ele optou por se esquivar de parte da pergunta. - Sempre fui. Você é que me rotulou diferente. Lembra?

- Sim, me lembro bem. Mas vamos falar a verdade, naquele dia você mereceu. - Apontou o dedo para ele, espremendo o olhar em tom de acusação. - Foi grosseiro comigo.

- Você é turrona, não é?

- Não sou não.

- Não?

- Não.

- Certeza? - Ela limpou a garganta.

- Está bem. Um pouco.

E com essa resposta, os dois riram sonoramente enquanto caminhavam pela sala de embarque, às vezes se entreolhando com estranheza por reconhecer uma afinidade nata e intrigante.

Laura precisava se apressar. Se não chegasse a tempo com o creme de leite que Jose pediu, ia levar bronca. Rafa almoçaria em casa naquele sábado e a amiga estava preparando Estrogonofe. Delícia, não fosse de carne de soja. Rafa era vegetariano há quase vinte anos. “*Uma opção de vida*”, dizia. “*Para malucos*”, pensava ela. Não conseguia entender como alguém podia viver sem carne vermelha, um franguinho, peixe ou todas aquelas coisas nojentas e deliciosas que respiram debaixo d’água. Quem dera tivesse tanta força de vontade, com sorte resistiria a uma semana sem devorar um bicho qualquer. Talvez menos, não conseguia ficar sem seu sanduíche matinal de peito de peru. Bem, resistiria até o próximo café da manhã, já era alguma coisa. Apertou o ritmo dos pedais enquanto o som quase sensual do mar verde e convidativo de Ipanema explodia nos ouvidos. Adiante, o sol se esgueirava junto ao morro do Vidigal. Passava das cinco da tarde, horário perfeito para um almoço com os amigos depois da praia. Era só uma pena que o prato principal fosse carne de soja. Sei lá, por que Rafa não experimentava um bacalhau, por exemplo? Não tem gosto de carne, nem de peixe.

Eduardo gostava de bacalhau. Edu, aliás. Ele disse que podia chamá-lo assim, era “*mais amigável*”. Talvez fosse mesmo. Ele comentou sobre os bolinhos de bacalhau de um boteco no Leblon, e lembrava-se de ter sentido o gosto na boca. Crocantes e suculentos, com bastante azeite, obrigada. Adorava bolinhos de bacalhau. E gostava muito do tal boteco. Certamente não tinha um carioca que não gostasse. Aliás, Edu e ela descobriram muitos interesses em comum. Ele era um sujeito bacana e, para dizer a verdade, tornou a longa espera no aeroporto até agradável. No início, quando ofereceu o próprio lugar para que ela se sentasse, achou que estivesse flertando e tornou-se arredia, mas depois percebeu que a intenção era boa e o gesto não passava de uma delicadeza. Com certeza tudo ficou ainda mais natural depois que a agitada garotinha ruiva dormiu e a mãe a acolheu no colo, oferecendo a ele o outro assento.

Lado a lado, constataram que tinham rotinas parecidas, a ponte aérea parte delas, o que explicava a razão de se esbarrarem com tanta frequência nos aeroportos, especialmente em Congonhas. Ambos voltavam para o Rio, às sextas-feiras, sempre no primeiro voo noturno da mesma companhia aérea. Também descobriu que ele era engenheiro de software e, por alguma razão, achou a profissão dele inexplicavelmente interessante.

- Você também projeta esses aplicativos para celular? - Embora não tivesse dito, Edu percebeu imediatamente que ela era uma dessas malucas vidradas em tecnologia. Também era um, não ia criticá-la.

- Não. – Ele riu. – Trabalho com softwares pra indústria. Nada tão divertido. Bem - repensou a resposta um segundo depois –, para mim é bem divertido sim. Adoro o que faço. Agora estou trabalhando num programa para uma montadora automobilística e, modéstia à parte, está ficando fantástico.

- Legal. – Ela repuxou os lábios para o lado. - Só fiquei curiosa com uma coisa... – Apertou o olhar, fitando-o. - Não dá para fazer isso de longe? Acesso remoto? Quero dizer, você projeta programas e tem que vir a São Paulo toda semana? - Ele não estava a fim de falar sobre isso, mas percebeu que ela não se daria por satisfeita facilmente.

- Muita coisa é feita à distância, mas ara construir uma solução eficiente é importante captar a realidade do negócio, entende? - Penteou os cabelos com os dedos, observando algo adiante no saguão. Descruzou as pernas, puxando os bolsos da calça jeans para baixo e voltou a cruzá-las
Acheron - Nacionais - Apollymi

como antes, uma panturrilha sobre o joelho. - Preciso interagir com as pessoas, conhecer as etapas de produção e detectar os gargalos para operacionalizar a logística do negócio como um todo. Porque no final, vão ser as informações geradas pelo programa que vão orientar a tomada de decisões da diretoria.

- Certo. – Ela assentiu, pensativa.

Laura trabalhava desde *trainee* para uma multinacional e em tantos anos de empresa nunca pensou nisso. Dezenas de setores, centenas de produtos, milhares de funcionários. Obviamente tudo estava interligado e triunfantemente gerenciado por um programa de computador. Pipocaram um monte de perguntas e ela queria muito uma resposta para cada uma. Simplesmente precisava saber. Era meio obsessiva quanto a isso também. Acontece que, foi exatamente neste momento que a companhia aérea informou pelo alto-falante que alguns voos, inclusive o deles, seriam transferidos para o aeroporto de Guarulhos e, daí em diante, no tempo em que estiveram juntos, o assunto foi o transtorno de tudo aquilo.

Quando parou a bicicleta para que uma babá atravessasse a ciclovia com um carrinho de bebê, a cabeça desviou de Edu para Léo. Poucos metros à frente, um grupo de garotos de 12, 13 anos, de uniforme escolar chegava à praia, mochilas nas costas, bermudas baixas com os cós das cuecas à mostra. Um deles lançou um caderno na areia como um bumerangue. Num sábado, o que aqueles meninos estavam fazendo na escola? Léo também devia estar na universidade naquele horário. Ele tinha aulas aos sábados.

Pedro conversou com ele naquela semana e contou que parecia animado. Na noite anterior tiveram o primeiro encontro de confraternização da turma e, segundo o noivo, foram a um casa noturna de *Blues*, algo típico no Tennessee. Não podia negar que sentiu uma pontinha de inveja. Nashville devia ser um lugar bacana. Ia gostar de visitar a fábrica da Jack Daniel's, ainda que não gostasse de uísque. Sem dúvidas, seria um passeio interessante. Ia dar a sugestão a Léo quando se falassem - acaso ele não tivesse pensado nisso. Outro lugar interessante devia ser o Vale do Silício, com seus gigantes da tecnologia. Será que Edu em algum momento pensou em fazer uma imersão? Um engenheiro de software devia considerar a hipótese. Ou isso não tinha nada a ver?

Inconscientemente, pensou em Edu durante quase todo o passeio de bicicleta. Lembrou-se dele também no supermercado, quando entrou só por alguns minutos para comprar o creme de leite e passou pelo refrigerador de Gatorade. Na noite anterior no aeroporto, ele bebeu dois, ambos de tangerina. Não entendia a razão da visita constante à sua mente. Começou logo de manhazinha, quando despertou com a lembrança nítida dos olhos verdes e risonhos. Ele era divertido, bonito também. O tipo de homem que Linda consideraria um Deus - a irmã nutria certo fetiche por morenos de olhos claros. Só percebeu o quanto pensou nele ao estacionar a bicicleta no quatinho da garagem. Saiu com o propósito de dar uma volta e pensar na vida, mas os pensamentos acabaram tomando outro rumo, principalmente depois do telefonema de Jose. Creme de leite, estrogonofe, carne de soja, bacalhau, boteco, Edu. Léo estava ausente já há três semanas e era natural que ocupasse a cabeça com outras coisas. Entrou no elevador decidida a não procurar pelo em sapo. Estava bem e ponto.

- Então, o que acharam? – Perguntou Jose, dando mais uma garfada na comida.

- Humm... - Linda revirou os olhos com exagero, a expressão deliberadamente debochada - está divino!

- Você sabia qual era o prato, não precisava ter ficado se não quisesse. – Retrucou Jose com uma meia careta.

Rafa deu uma risada. Desde o início soube que a insistência da namorada em cozinhar um prato vegetariano no sábado - o único dia da semana em que costumeiramente almoçavam juntos - ia dar naquilo. Já esperava o rebuliço. Não que se importasse, na verdade, achava divertido.

- Pois estou achando uma delícia - elogiou ele, com uma piscadela para Jose -, e não vão ser os comentários maldosos de Linda que vão estragar meu apetite.

- Até porque, senão nunca comeríamos nessa casa. – Emendou Laura, puxando uma gargalhada geral. Linda reagiu colocando a língua para fora da boca.

- Hoje pelo visto estão todos contra mim. – Deu de ombros. - Só respondi ao que me perguntaram. É impossível gostar disso. – Fez um esgar para a comida no prato, usando o garfo para colocar os cubos de carne de soja num canto.

- Você é muito chata, isso sim. – Jose fitou-a, o desdém ensaiado. - Laura e Dedé não reclamaram.

- Porque Laura é educada demais para isso e Dedé porque... - deslizou o braço pelos ombros do amigo gay, sentado ao lado -, ora, ele está almoçando de graça e seria um absurdo se criticasse a comida. - Dedé gesticulou sobre o prato, dando um gemidinho.

– Você acha que eu ia comer só para agradar a Jô? – Ele fez um bico. - É ruim, hein? E nós já temos intimidade para a franqueza, não é *amore*? – Esticou o braço sobre a mesa para tocar a mão de Jose, do outro lado. - Rafa limpou a garganta propositalmente. - Bofe – apressou-se em diminuir a suposta tensão, a voz afeminada ainda mais aguda -, não ofereço risco nenhum. – Espalmou a mão no ar, movimentando-a de um lado para o outro e puxando mais uma gargalhada da turma. - Acho que você é a única que não está curtindo o almoço, Lindíssima.

- Porque sou a única aqui que aprecia comida de verdade. – Retrucou Linda, servindo-se de mais batata palha.

- E desde quando pizza e chocolate é comida? – Atravessou Laura.

- Olhe quem fala!

- Eu posso falar. - Ela ergueu o garfo com autoridade. - Sou especialista em porcarias. – Pousou o talher no prato e, lembrando-se de algo, arregalou os olhos, entre palminhas. - Por falar nisso, vocês precisam experimentar os novos sabores do meu bolinho recheado! Linha nova! Gente, delícia!

- *Seu* bolinho recheado? – Cutucou-a a irmã, recebendo uma careta como resposta.

- Ganhei uma caixa cheia na semana passada. Têm de caramelo e ovomaltine. Um mais gostoso que o outro.

- Ai, se não tivesse torta de chocolate... – Suspirou Jose, lambendo os beiços. – Fiquei a

manhã toda na cozinha por causa dela!

- Eu dispenso, Laurita. - Disse Dedé, alisando a barriga. – Estou de dieta e hoje já abusei.

- Pois eu estou disposto a experimentar os bolinhos. – Disse Rafa, apontando para Laura em tom de cobrança. – Depois da torta, é claro. – Deslizou o braço pela cintura da namorada, puxando-a para mais perto. – A torta do meu amor é imperdível!

- Humm..., que galante! – Disse Jose, beijando-o no queixo.

- Sou um homem galante.

- E eu, uma ótima vendedora. – Gabou-se Laura. – Convencer alguém a comer meus bolinhos industrializados depois da torta da Jô é um sucesso!

- Estava muito gostoso. – Elogiou Laura enquanto ajudava a amiga a tirar as sobras dos pratos na cozinha.

- Obrigada, mas você é suspeita.

- Suspeita de quê? De gostar de carne de soja? – Ela abriu a lava-louça, ouvindo a risada de Jose.

– Eu estava falando da torta. – Entregou os pratos a ela, para que dispusesse na máquina.

- Também estava ótima. Depois você me ensina a fazer a calda? Ou ganache, sei lá. Nossa, que delícia, Jô!

- Se você me der a receita do seu bom humor. – Laura fechou a lava louças, acionando-a. Fitou a amiga com ar de mistério.

- Estou bem humorada mesmo. – Assentiu com um piscar lento e enamorado. – Não sei, estou assim.

Não era só bom humor, considerou Jose, lembrando-se do comportamento da amiga naquela manhã na praia. Risonha, disposta, cantarolante. Nos últimos meses, vivia ansiosa e pessimista. Ela escondia alguma coisa, mas como a conhecia o suficiente para saber que levava tempo para digerir os próprios sentimentos, ia esperar. Não demoraria muito, colocaria as cartas na mesa. Ainda assim, precisava sondá-la, não ia suportar a curiosidade.

- E Léo, como está? – Perguntou como quem não quer nada, guardando o restante da torta de chocolate na geladeira. - Vocês têm se falado? Você não comentou nada nos últimos dias. – A expressão da amiga mudou, Jose viu uma linha aparecer na testa dela quando ela roubou a espátula suja de chocolate e usou o dedo para tirar os resíduos.

- Sei que ele está bem porque Pedro falou com ele um dia desses. – Chupou o dedo, passando-o novamente pelo utensílio de inox. - Não nos falamos desde... – Mirou a parede um instante, a fisionomia inexpressiva. - Nossa! Desde a terceira ou quarta noite depois que ele chegou lá.

- Sério? Desde então vocês não conversaram? Na fase do *Whatsapp* era para vocês se chamarem pelo menos duas vezes por dia. - Laura assentiu.

- Estranho, né? – Abriu a geladeira distraidamente e passou a espátula pelas bordas da torta, enchendo-a com mais ganache. - Mais estranho ainda se eu disser que não sinto falta dele.

- Não acho tão estranho assim.

- Não? - Perguntou, por um instante esquecendo-se do doce na mão. - Você não acha esquisito que aquela sintonia que tínhamos de repente evaporou?

- Não, nem um pouco. Porque desandou quando vocês inventaram essa história de casamento. Você sabe disso.

- Mesmo assim não entendo.

- Amor?? - A voz de Rafa entrou na cozinha em ecos.

- Já vou! – Gritou Jose, aproximando-se da amiga para tocá-la nos ombros. Não pretendia tê-la atordoado, só estava curiosa demais para saber o que estava acontecendo. Agora, porém, tinha Acheron - Nacionais - Apollymi

certeza de que o bom humor dela não tinha nada a ver com Léo, no máximo com a enorme distância que os separava. - Sabe, não é uma charada. Você e Léo sempre foram um casal imbatível. Como amigos. – Completou, por fim. - Foi o além disso que complicou as coisas.

- Jô? Amor!! – A voz do namorado voltou insistente.

A cumplicidade atravessou a ponte de olhares até Rafa chamar de novo. Jose fez um gesto com a cabeça como se dissesse “*Homens! Preciso ir lá ver o que ele quer*” e saiu da cozinha. Com a espátula cheia de chocolate, Laura escutou os cochichos e beijos estalados. Pensativa, ouviu as palavras de Jose ressoarem na cabeça. Não compreendia como o fato de Léo e ela serem amigos podia ser um problema para o casamento. Deveria ser um ponto positivo, não? De qualquer forma, não podia negar que desde que ele viajou, a relação só fez esfriar.

Não era a primeira vez que a diretora financeira da montadora assediava Edu. Estava ficando desagradável. Não acharia ruim se ela fosse outro tipo de mulher, mas Gláucia o enojava. Precisava tratar com ela semanalmente e a sensação de ser visto como objeto sexual não era boa, em nenhum sentido.

Primeiro porque, embora não fosse declaradamente machista, gostava de ter as rédeas. Talvez o considerassem um sujeito ultrapassado, mas não se importava com o título. Apreciava o processo da sedução, a troca de olhares e a erupção dos sentidos até o ato final e triunfante de esgotamento físico. Etapa a etapa.

Segundo porque, apesar dela não ser uma mulher sexualmente desprezível - era uma cinquentona com tudo em cima -, tinha ar de viúva negra e essa soberba a fazia patética. Era uma das poucas mulheres do corpo diretor da montadora e o poder do cargo seguramente subiu à cabeça. Intransigente, presunçosa e desbocada, reunia tudo que ele repugnava.

Edu não negava que, no início, sentiu-se lisonjeado e até tentado a levá-la para cama. Felizmente naquele tempo a ética profissional o deteve e hoje agradecia ao bom senso. Teria sido uma enrascada.

Laura, ao contrário, valia à pena, embora fosse comprometida. Obviamente era. Uma mulher como ela não fica dando sopa por aí. Além do mais, ela usava um anel visualmente vistoso no dedo anelar, o que fez com que ele dedicasse um bom tempo pensando sobre a disponibilidade dela. Também pensou nos dedos, mãos, pernas - ah! que pernas! - e naquela boca pintada de vermelho. Perdeu o rumo dos pensamentos enquanto ela falava e falava. Como era falante! A gentileza inicial em convidá-la para o assento foi ganhando malícia gradualmente. Em pouco tempo, ficou fascinado. Talvez fosse o modo de gesticular, a ousadia no olhar, a expansividade com que agia em relação a tudo. Não sabia ao certo, mas gostava disso. Sem contar o quanto era bonita. Tinha um corpo de tirar o fôlego e os cabelos... Nunca pensou sobre isso, mas talvez tivesse uma tara por cabelos. Os dela eram negros, longos e brilhantes e se lembrava de conter o impulso de senti-los entre os dedos.

Afinal, comprometida? Só podia ser, caso contrário teria percebido os sinais. Mulheres disponíveis na mesma faixa etária eram como sirenes alardeando presença. Não podia flertar com ela. Primeiro porque corria o risco de levar um baita tapa na cara - ah, sim, ela era suficientemente impulsiva para isso -, depois porque não era um sujeito que se metesse com a mulher dos outros. Não negava, contudo, que teve o ímpeto de burlar as regras, até porque o diabinho no ombro esquerdo não parava de provocá-lo. Naquela noite no aeroporto precisou concentrar-se num assunto que o distraísse daquele monte de ideias inquietantes, mas com ela ao lado, a hipótese era remota.

- Ei - disse Edu - , você ainda não me disse no que trabalha. - Foi a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

- Ah, sim! - Respondeu Laura distraída, remexendo a bolsa no colo. - Vendo biscoitos. -Ele franziu o cenho. Estava certo de que alguém como ela tinha um cargo melhor do que um vendedor de biscoitos. Não que tivesse preconceito quanto a isso, ele próprio vendeu sanduíches na praia durante anos antes de se formar, mas ela tinha trejeitos de executiva. Além do mais, andava sempre bem vestida, com saias e blazers bem cortados e salto alto. Naquela sexta-feira

estava excepcionalmente de calça, mas usava uma blusa elegante e um sapato de salto tão fino que quando levantou do chão, achou que ela não fosse conseguir ficar de pé. Não era vendedora de biscoitos. A ideia só trouxe mais suposições. Os pensamentos flutuavam, indo e vindo, num tumulto silencioso. Ela continuava a mexer na bolsa, nos compartimentos escondidos que protegiam seus tesouros secretos. Como ainda não havia achado o que procurava? - Aram!!! - Comemorando, Laura ergueu o braço segurando uma barrinha de frutas. – Sabia que eu tinha trazido uma. – Você aceita? – Desembrulhou-a, o olhar vidrado como o de uma criança com um pote de balas. – Esperar dá fome...

- Não, obrigada. Quando fico ansioso minha fome desaparece. Prefiro comer em casa. - Ela deu uma mordida, fitando-o ao mastigar. Os olhos sorriam para ele.

- Que foi? – Perguntou ele, apertando os olhos.

- Você não acreditou que vendo biscoitos.

- Não. – Ele penteou os cabelos com os dedos.

- Por que ninguém acredita? – Deu mais uma mordida. - É sério. Vendo biscoitos.

- Você não me parece uma mulher que vende biscoitos.

- Estou sendo discriminada? - Fechou a cara, soando séria, nenhum vestígio de humor no tom. - Fiquei menos interessante só porque sou vendedora de biscoitos? - Constrangido com a reação dela, ele se empertigou.

- Desculpe, é que... - Ela deu uma risada, acenando em tom de “*deixa disso, é brincadeira*”.

- Sou gerente regional de distribuição e logística de uma multinacional do ramo de alimentos. Ufa!! – Brincou. - Minha linha são os biscoitos. Enfim, vendo biscoitos. - Ele assentiu com um sorriso. - Nomezinho comprido, né? - Arqueou as sobrancelhas. - Entendeu porque sempre digo que vendo biscoitos? – Deu outra mordida na barrinha e continuou com a boca cheia. – Até porque, no final das contas, é isso que faço. - Ele sorriu com a maneira como ela colocou, admirando-a. As mulheres que conhecia eram cheias de vaidade, principalmente quanto a questões de carreira, e ela lidava com aquilo com uma naturalidade impensável, o que a tornava ainda mais atraente.

- E isso aí? - Com o queixo, apontou a barrinha dela. - Faz parte da linha que você vende?

- Barra de frutas? – Ela riu, dobrando meticulosamente o embrulho vazio. – Não! Não mesmo. – Inclinou a cabeça, fazendo um sinal com o indicador para que ele se aproximasse, como se tivesse um segredo a contar. Ele entrou no clima. – Não fico falando essas coisas por aí – diminuiu o volume, em tom de brincadeira - mas você me parece confiável. Só vendo coisa gostosa. Nada de saudável, *diet* ou natural. Meu negócio são os recheados, cheios de gorduras trans, glúten e muito sódio. – Passou a língua entre os lábios, como se pudesse sentir o sabor, aprumando-se novamente. - Eles matam, mas são os melhores. – Concluiu com uma bela risada. Ele riu junto, o nariz contaminado pelo perfume dela, o corpo formigando com a proximidade de segundos antes.

- Eu não ia achar nada ruim morrer de *waffer* de brigadeiro.

- Hummm.... – Ela fechou os olhos, suspirando. – É um dos meus preferidos.

- Eu gosto dos alfajores. E daqueles bolinhos recheados e gorduchos. – Fez um gesto com a Acheron - Nacionais - Apollymi

mão, lembrando-se do comercial na TV em que a criança apertava o bolinho e o recheio escorria.
- Sempre tenho uns em casa pro meu sobrinho.

- Aqueles são fantásticos. Você já experimentou o de limão?

- Agora está fazendo propaganda, é?

- Sou vendedora, esqueceu? – Ele deu uma risada.

- Não, mas você também acabou de dizer que seus biscoitos não são muito recomendáveis em termos nutricionais.

- É mesmo... – Ela tampou a boca com a mão, exagerando na cara de arrependimento. - Você não gravou nossa conversa e vai jogar numa rede social, vai? Fico desempregada, hein?

- E ainda vai ser processada.

- Éh... – Ela repuxou os lábios.

- Vai ter que pagar uma indenização grande...

- Melhor eu ficar calada.

- Não se preocupe, prometo não contar a ninguém.

- Confio em você. – Ele sorriu e ela retribuiu, cúmplice.

Ele passaria mais dez horas ao lado dela no aeroporto. Laura era natural, desinibida, diferente de Gláucia, uma criatura pedante e artificial. Memorizou o desenho das unhas dela, o sorriso fácil, às vezes bobo. Trancafiado naquela saleta com vista para um dos galpões de montagens de veículos, teve vontade de vê-la. Talvez se encontrassem no aeroporto na sexta-feira, aí daria um jeito de se certificar se ela era comprometida. Ainda assim, a depender da resposta, não estava certo se um eventual compromisso ia estancar o impulso que sentia em avançar o sinal.

Léo estava esquisito. Laura o chamou pelo *Whatsapp* no final da manhã, numa atitude surpreendente até para si própria. Precisava falar com ele, ouvir sua voz, saber o que o contato despertava. Depois de 5 semanas, aquela foi apenas a segunda vez em que conversaram. Nos primeiros dias trocaram notícias pessoais, *emotions* com carinhas apaixonadas e a foto do alojamento, depois a comunicação foi raleando e, agora, eram estranhos. Pudera. Não se falavam nem por mensagens. Quando ela enviava um bom dia, perguntando como estavam as coisas, ele se limitava a responder com figurinhas. Uma carinha feliz, uma nuvem chuvosa, um hambúrguer - tinha sempre um hambúrguer -, corações coloridos.

Isso era no mínimo incomum. Desde que começaram a namorar, ela não se lembrava de passar um dia sequer sem vê-lo ou falar com ele. Mesmo quando viajou para Europa com Anita, uma amiga do trabalho, por 20 dias, falaram-se diariamente, algumas vezes pelo *skype* e noutras, na ausência de internet, via interurbano. Passavam até 10 minutos diários se atualizando, repetindo o quanto se amavam e como compensariam a ausência no reencontro. Na noite seguinte ao retorno ao Rio, ela acordou maravilhosamente exausta e dolorida. Hoje, entretanto, tudo estava diferente. Como um casal maduro, dispensavam aquele nhe-nhe-nhê do início, o que não significava, porém, que a indiferença não fosse mau sinal. Numa época em que não existia internet, anulavam a distância de diversas maneiras - certa vez gastou U\$29 numa única ligação para ele -, e agora, quando a tecnologia facilitava a comunicação de todas as maneiras possíveis, mostravam-se desinteressados.

Não era só a geografia que os afastava. Léo era uma lembrança rarefeita, alguém que, como ela, vivia a própria vida. Fosse tão simples... Não era. Estavam noivos. Noivos! Planejavam uma vida a dois, algo real e iminente, tão certo quanto a lua na noite. Ele já havia até comprado a primeira peça do enxoval! Quem diria, não é? Também ficou surpresa quando soube. Num passeio por Nashville, foi a uma loja local e comprou um pano de prato com a bandeira americana. Um pano de prato! O que só podia significar que, mesmo a quilômetros de distância - e diferentemente do que acontecia com ela - ele considerava o casamento algo concreto. Por esse ponto de vista, talvez nem estivesse tão esquisito assim. Provavelmente ficou magoado pela reação anêmica dela quanto ao acessório de cozinha. É que quando ele contou, a reação dela foi um “ah” inexpressivo. Não podia culpá-lo, até quis ter considerado fofa a intenção dele, mas achou mesmo o fim da picada. Há algo mais doméstico e machista do que um pano de prato? De todo modo, tinha que reconhecer que pelo menos ele estava pensando no futuro. Ela, ao revés, bloqueada, não conseguia enxergá-los juntos. A cerimônia de casamento naquela igreja próxima ao shopping, um apartamento perto da praia, a rotina. Nada disso queria se consumir na mente. Não devia ser tão difícil assim, não é? Afinal, não estava radicalizando com a ideia de filhos ou controle de finanças, mesmo assim vivia assombrada. Por que não se conectava com a hipótese de casar?

Não tardou para aquela conhecida sensação voltar. O primeiro indício apareceu na base do nariz. Uma vermelhidão disforme da pele no arco entre as narinas e a boca. Coceira. Hormônios. E numa avalanche de compreensão, viu-se novamente no estágio inicial de ansiedade. Deitada na cama do quarto, fitou o teto. Léo. Se não fosse ele, quem seria? Sentia sua falta. Foi para ele que quis contar que a garota da auditoria externa - aquela nariguda antipática - sentou-se em cima de um copo de refresco no refeitório da empresa na semana anterior. Ele riria até fazer xixi nas calças. E amenizaria a culpa dela por achar a situação tão engraçada. Ele a entendia, pensava nele Acheron - Nacionais - Apollymi

sempre. Bem, com bastante frequência. Talvez um pouco menos durante a semana, mas porque estava concentrada no trabalho. Nos sábados e domingos certamente não pensava muito, o que era compreensível, já que acabava entretida com outras coisas... Conseguiria viver sem ele. Como viveria sem Pedro. Amava o irmão, mas quando ele fosse morar na Índia - o que estava para acontecer em poucos meses - sentiria falta dele e ponto. Revê-lo no natal em Itaipava seria o suficiente para confortar seu coração. Mas e quanto ao noivo? O homem com quem ia se casar? Era certo sentir o mesmo? Porque se não fosse, estava tudo errado.

Só depois de encerrar a chamada, Léo sentiu o peso da mentira. Umidade nas axilas, nó na garganta. Mentiu para Laura sobre onde estava, com quem e sobre o fato de ter comprado um pano de prato. Não esperava que ela ligasse, foi pego de surpresa. Não decidiram que seria ele quem entraria em contato? Ela repreendeu-o por não dar notícias, “*sequer enviar um zap*” ou, no mínimo, uma resposta aos dela. Não estava errada, foi vacilo. Na verdade, não percebeu que se passou tanto tempo. Semanas. Esteve ocupado demais nos últimos dias, cabulando aulas com Gemma - a cunhada linda e loira de um colega de turma. Estava com ela quando a noiva ligou, em pleno horário curricular, sentado numa lanchonete de *fast food*. Inventou a história do pano de prato porque a atitude era condenável. Quando o celular tocou e viu a foto dela piscando na tela - aquela tirada na praia mais ou menos um ano atrás, depois de uns amassos no mar - agiu como um ladrão escondendo o objeto roubado. E isso, sem que tivesse feito nada demais. Ainda, porque queria fazer. Vinha resistindo bravamente ao instinto de viver sua liberdade, um casinho sem importância com a cunhada gostosa do amigo. Ah, Gemma. Conhecia o corpo nu de tanto despi-lo com a imaginação. Se transar com ela não significasse a quebra do pacto de lealdade com Pedro, já a teria levado para cama há muito tempo. Talvez fosse maluquice, mas só não traiu Laura por causa da amizade com o irmão.

A culpa o fez mentir sobre o pano de prato, que na realidade era um guardanapo de pano, brinde da lanchonete pelo aniversário do estabelecimento. Normalmente não mentiria para ela sobre algo assim, mas sentiu a necessidade de mostrar que se importava, principalmente porque desde a chegada aos Estados Unidos não pensou mais nela ou no casamento. O cenário do matrimônio, aliás, parecia absolutamente impróprio. Agora se repreendia, não por estar arrependido propriamente, mas porque não poderia sustentar a mentira. O maldito guardanapo continha uma estampa no verso: “*Celebrating 20 Years. Arnold’s – Get the burger!*”

Como a sala de embarque estava vazia, Edu escolheu um assento próximo ao detector de metais, na expectativa de vê-la chegar. A atitude não se parecia em nada com ele - uma emergência quase adolescente em reencontrar uma garota - mas não se propôs a lutar contra. Esperaria por Laura onde pudesse ser visto. Quando ela apareceu, cerca de vinte minutos depois, avistou-o imediatamente. A bochecha estufada não escondeu o sorriso, fácil e descontraído. Naquele tom de rosa ficava ainda mais bonita. O vestido desenhava as curvas com discrição, enaltecia o tom da pele.

- Ei. - Ao aproximar-se, ela arrancou um pirulito azul da boca. - Esse lugar aí é meu? - Perguntou, apontando com o queixo o assento ao lado, com a mochila dele.

- Claro. - Ele demorou um instante para responder, sentindo-se um pateta por reagir a ela daquela forma. Não conseguia tirar os olhos da boca dela, os lábios carnudos envolvendo a bolinha azul.

- Então? - Ela ergueu as sobrancelhas, assistindo-o recolher apressadamente os objetos pessoais para que se acomodasse.

Ela puxou o primeiro assunto, mencionando uma linha nova de biscoitos à base de mel, daí emendou sobre os tipos prejudiciais de açúcares, conservantes etc. Já ele, forçado a se envolver na conversa, perdeu-se pouco depois e já não fazia mais ideia qual era a pauta. Limitava-se a sentir o cheiro frutado do hálito dela, o mormaço emitido pela proximidade corporal, o contato eventual dos quadris naquele gesticular entusiástico e falação incessante. A todo tempo, observava a leveza dos traços dela, o movimento contínuo da troca do pirulito para o outro lado na bochecha. Ela fazia isso a cada meio minuto, a voz misturando-se ao odor adocicado. Para ele, longe e incoerente. Estava completamente envolvido, seduzido a ponto de sentir o sabor da boca dela, a textura da língua azulada. Pensava no que havia sob o tecido cor de rosa - ela, vestida de nada.

- Você concorda? - Perguntou ela. - Um índice como esse... Edu? - Riu, notando que ele estava distraído. Sentiu-se uma tola falando e falando sobre o resultado da pesquisa de opinião sobre a educação infantil. Nem sabia o porquê estava tagarelando sobre aquilo ou como engatou no assunto... Peraí. Falavam sobre o quanto ela gostava de comer porcarias - Edu não parava de encarar seu pirulito! - , o que a fez se lembrar da esfirra daquela padaria libanesa em Ipanema e, então, ao fato de que Lola, irmã temporária de Jose, também adorava comida árabe - embora preferisse o quibe - , aí.... ah! sim!, descobriram que Lola e Francisco, sobrinho de Edu, estudavam na mesma escola.

- É, desculpe, eu estava... - Ele estreitou os olhos, encabulado com os próprios pensamentos.

- Em outro lugar? Não se preocupe, acontece sempre comigo. Vou te deixar em paz, ok? - Desviou a atenção para o *ipad* no colo. - Não sei o que anda acontecendo comigo... Bom, eu sempre falei muito, mas hoje... - Abriu um aplicativo de leitura. - Mal nos conhecemos e estou te alugando. - Ergueu a mão entre eles, acenando. - Desculpe. - Olhos nos olhos, ele pegou a mão dela, abaixando-a gentilmente entre eles.

- Não se desculpe. - Soltou a mão dela, pigarreando, ao notar o estranhamento dela com o gesto. - Na verdade, me perdi exatamente nisso que você estava dizendo. - Mentiou, franzindo o cenho, arrependido. - Eu estava pensando em... - Hesitou.

Acheron - Nacionais - Apollymi

- É sério. Está tudo bem.

- Você é uma ótima companhia - ele aprumou-se para ficar de frente para ela -, não quero que pense o contrário.

- Obrigada. – Ela se sentiu corar, surpresa com a própria reação. O olhar dele foi lisonjeiro e o elogio sedutor. – Mas sei que falo muito. – Emendou sem graça, afastando-se involuntariamente.

Ele percebeu tarde demais que foi galante e se penitenciou. Não queria afastá-la. Ela nunca deu abertura para algo além, então teria paciência e daria um passo de cada vez. Estava encantado por ela e investiria nos próprios sentimentos. Endireitou-se e fitou a tela de voos adiante, encenando interesse noutra coisa para que ela relaxasse. Não demorou, o constrangimento desapareceu.

- Você é estranho. – Disse ela em meio a um sorriso debochado.

- Eu? – O olhar dele foi irônico. – Você se lembra como a gente se conheceu? - Ela levantou um braço e desmunhecou, virando o rosto para o lado com um estalar de língua.

- Tô falando disso aqui, ó. – Tocou a aba caída da mochila dele, abaixando-a e forçando a abertura do zíper. – Quantas revistas você tem aqui? - Ele deu uma gargalhada.

- Umas 20?

- Louco. – Revirou os olhos. – Desculpe a franqueza, mas é verdade.

- É um hábito. Gosto de cruzadinhas. – Enfiou a mão no compartimento aberto da mochila, tentando organizar os exemplares.

- É um péssimo hábito. – Disse ela, o tom professoral. - Não a cruzadinha, o acúmulo delas.

- Sou estranho e você é enxerida. - Ela sorriu sentindo-se corar novamente. O tom dele era íntimo demais, mas, por alguma razão, não a incomodava. Estava gostando, na verdade. Ele era sincero e ela gostava de sinceridade, de homens que diziam o que pensavam e não daqueles bajuladores, más intenções por detrás da cerimônia. - Te ofendi? – Perguntou ele ante o longo silêncio dela, o ar preocupado. Ela riu.

– Não. Não! – Meneou a cabeça reiteradamente. - Primeiro porque não me ofendo fácil, segundo porque você tem razão. Sei que é feio, mas sou enxerida mesmo.

- Bom, eu sou “observador” também...

- Ah - disse ela, a mão na cintura - , então você é “observador” e eu “enxerida”?

O olhar dele aprofundou-se, as risadas construindo a ponte, malícia derrubando a última barreira para a intimidade. E o papo despretenso transformou-se em flerte, cultivando nela um encantamento sutil, um cenário intrigante e estranhamente atraente. Surpresa, ela não saberia dizer como aconteceu, foi natural. E de repente estava ali, com um sujeito - muitíssimo - charmoso no aeroporto de São Paulo, esperando para embarcar; com ele. Deveria ser no mínimo embaraçoso seu interesse por Edu, mas não se envergonhava disso. Sentia-se atraída por ele e ponto.

- Ok, ok, confesso. – Ele ergueu os ombros. - Sou enxerido também.

- Aram!

- Meu lado enxerido me diz que o quanto sou vidrado nessas revistas, você é nesse troço aí. – Apontou com o queixo para o *tablet* no colo dela. - Você não fica sem dar um clique cinco minutos. - Ela fez um bico, assentindo.

– É verdade. – Confessou. - Que saco! Nem sei mais o que é uma folha de papel. Vejo tudo o que preciso nessa telinha. – Levou as mãos à boca, exagerando na expressão de surpresa. – Deus, virei o meu irmão! - Ele riu. Adorava a espontaneidade dela, tinha a sensação que se conheciam há muito tempo. - É por isso que fico sem lugar quando acaba a bateria... Cara, fico tão perdida, até mal humorada.

- Sei como é.

- Sabe nada. – Retrucou ela com um gesto de cabeça. - Você é o cara da tecnologia e carrega esse monte de papel embolado... - Com o olhar apertado, ele reabriu o zíper da mochila, sacou uma cruzadinha e desamassou-a, alisando-a com a palma da mão sobre a coxa.

- Tome. – Entregou a ela. - Fique com essa. Quando você estiver sozinha e sem bateria vai ser útil, você vai ver. - Ela torceu o nariz numa meia careta, avaliando a revista.

– Será? Porque acho que...

O blá-blá-blá dela soava baixinho, distante, como música para os ouvidos. Um sorriso apareceu no rosto dele instintivamente e, mais uma vez, ele se perdeu em pensamentos. Perdeu-se em Laura.

- Estou gostando de ver. – Disse Jose, virando-se para fitar a amiga que entrou na cozinha cantando. - Animadinha... Viu passarinho verde, foi? - Secou as mãos num pano de prato, apoiando o quadril na pia. - Você está entusiasmada.

- Estou mesmo. – Afirmou Laura, abrindo a geladeira e investigando a prateleira de laticínios. Ainda se decidia o que comer.

- Por que acho que Léo não tem nada a ver com isso?

- Talvez porque não tenha? – Escolheu iogurte. Destacou um potinho de morango da bandeja quádrupla e fechou o refrigerador.

- Ande, desembuche! – Jose abriu a gaveta de talheres, sacando uma colher e entregando-a a ela. - O que você está esperando pra me contar?

- É que não sei bem se tenho algo a contar... – Puxou o lacre de alumínio, misteriosa. Lambeu-o e pousou-o na bancada de mármore, encostando-se a pia ao lado de Jose. – Conheci um cara no aeroporto.

- E?

- E nada. – Abocanhou uma colher de iogurte, lustrando-a com a língua enquanto observava o inox refletir a luz do teto. Na verdade, não queria encarar Jose. - É só que ele é divertido e tem um papo bom.

- Laura... – O tom de Jose não foi repreensivo, só ansioso. A amiga levantou o olhar, encarando-a num momento de confiança.

- Não consigo tirá-lo da cabeça, Jô. A gente se vê com frequência e isso não ajuda em nada.

- Então já tem tempo? – Tomou-lhe a colher, abocanhando uma porção do iogurte.

- Ele também está na ponte aérea. – Passou a língua nos lábios, limpando o rastro cor de rosa.

- Às sextas-feiras voltamos pro Rio no mesmo horário. O nome dele é Eduardo. Edu.

- Ah. – Disse depois de dar mais uma colherada e largar a colher no potinho.

- É isso. Esse cara tem me deixado alegrinha. Custei a entender que era por causa dele. – Ergueu a colher. – E já têm uns dois meses que nos conhecemos. Lembra quando contei que discuti com um sujeito no aeroporto?

- Mentira! – Disse Jose, os olhos arregalados com expectativa. - É ele? – Laura assentiu, mordendo o canto da boca. – Adoro romances que começam com confusão.

- E quem falou em romance, criatura?

- Ninguém. Por enquanto. – E com uma piscadela, emendou. - Afinal, ele é gato? Linda vai querer saber. - A mente de Laura trouxe a lembrança dos olhos insinuantes e mãos promissoras (ah! as mãos dele eram grandes, potentes) e ela liberou um suspiro, arrancando uma risada da amiga. Bom saber que pelo menos ela a absolvía. - Vou te dizer uma coisa. – Jose segurou-lhe a mão inquieta, batucando a colher dentro do pote vazio. – Não se sinta culpada porque você está feliz. Não é culpa sua se outro cara que não o Léo te faz feliz.

- Foram duas coisas.

- Quê?

Acheron - Nacionais - Apollymi

- Você falou que ia me dizer uma coisa, disse duas.
- Obsessiva. – Disse com uma careta, brandindo o pano de prato no ar.
- Três coisas. – Tornou Laura. Jose estalou a língua, revirando os olhos.

– Preste atenção, sua chata. - Envolveu as mãos nos braços de Laura, apertando-os com uma sacudidela. - O importante é que você está bem de novo. – Disse, notando um único fio de culpa, escondido num canto do olhar. - Não interessa porque ou por quem. Por que tem que ser com o Léo? Não tem. O Léo é alguém importante que faz parte da sua vida e vai fazer sempre, mas isso não significa que deva participar como marido. Ele pode continuar como um bom amigo. – Suspirou pesadamente. - Querida, é isso que ele é, um amigo. E é por isso que você está surtando, porque enquanto vocês eram amigos que faziam sexo era uma coisa, mas quando se trata de casamento... - Laura engoliu em seco. Ouvir da boca de outra pessoa tudo o que já desconfiava dava uma dimensão diferente aos fatos. - Quer saber – continuou Jose, tomando o potinho de iogurte das mãos dela -, eu também não saberia o que fazer no seu lugar. Como ia conseguir dispensar meu melhor amigo? – Tirou a colher, colocou-a na cuba e jogou o potinho na lixeira da pia. - Laura deu uma risada sem humor. Amigo, amigo. A palavra não saía da cabeça. - Em compensação, eu saberia direitinho o que fazer com outro cara bacana que aparecesse. – Jose virou-se para fitá-la. - Se você não estava feliz e esse tal de Edu mudou isso, o que posso dizer? - Levantou os ombros até quase as orelhas. - Já gostei do cara. E ele nem precisa ser tão gato assim.

Laura não conseguia acreditar que Léo achava, de verdade, que aquele *zap* com algumas fotos ia amansá-la, fazendo-a esquecer a humilhação da véspera. Ter notícias do noivo - SEU noivo! - por outra pessoa era o fim do mundo. Mas foi isso que aconteceu no dia anterior, quando encontrou Beto num quiosque do calçadão. Depois de correr pela orla da praia, parou para tomar uma água de coco e ouviu um assovio comprido e sem vergonha. Quando arqueou a aba do boné, virando-se para encarar o babaca, nem quis acreditar.

- Puta que pariu, velho! – Beto sacudiu os cabelos louros e molhados como um cachorro saindo do mar. – Cara, gostosa assim não podia ser mulher de amigo meu! - Aproximou-se, estufando o peitoral bronzeado. - E aí, broto?

- Oi, Beto. – Ela forçou um sorriso, recuando para evitar o beijinho no rosto. Não tinha paciência nenhuma com gente como ele, jeito de malandro carioca, moleque sem compromisso. Custava a acreditar que Léo e ele pudessem ser tão amigos.

- E aquele safado? O que você me conta? - Juntou as mãos com expectativa. – Porra! - Apontou para ela. - Não era essa semana que ele ia ao *Grand Canyon*? Meu – alisou o tronco, apalpando os gomos do abdômen – , aquele lugar deve ser irado!

- É. – Limitou-se a confirmar, sentindo o sangue ferver. *Grand Canyon*? Ótimo! Pelo menos Léo ainda estava vivo.

- E as fotos na destilaria da *Jack Daniels*? O filho da puta mandou? As últimas que recebi são aquelas do jogo dos *Titans Tennessee*. Meu, o estádio é da hora!

- Não, o filho da puta não mandou. – Respondeu ela secamente, encerrando a conversa ao dar-lhe as costas.

Foi demais. O idiota do Beto tinha mais notícias de Léo do que ela. Aquele *Crocodilo Dundee* bronzeado sabia detalhes da viagem dele, recebia fotos rotineiramente. Fotos! Léo tinha o desprazer de responder às mensagens dela com figurinhas, mas para ele mandava fotos! E pelo visto não eram poucas. Dois babacas. O noivo e o surfistazinho do Leblon. Estava na cara que ele foi mexericar com Léo sobre o encontro na praia. Até então, a única fotografia que o noivo enviou foi a do alojamento - e isso, porque ela insistiu - e, de repente, como quem não quer nada, manda outras três? E como se fosse algo corriqueiro, porque o descarado não se dignou sequer a enviar uma legenda.

“Esse sou eu em tal lugar. A temperatura está negativa, senão eu nunca usaria esse gorro ridículo.”

“Essa foto é de um jantar com a turma. Os dois sujeitos de óculos e paletó de tweed no centro são os professores”.

“Aqui sou eu e fulano, e a loura peituda sentada no colo do sicrano e olhando de esguelha pra mim é uma líder de torcida aposentada”.

Lembrava-se de ter se detido um pouco mais na última imagem, aumentando a foto na tela do telefone. O sujeito com a loura de saia alaranjada era Antônio, um advogado parceiro de Léo, coincidentemente vizinho dele no Rio.

“Aqui sou eu, fulano, Antônio e uma loura peituda que ele está pegando”.

Isso seria o mínimo, mas nem isso ele fez. A única resposta que ele merecia era um grande e expressivo “*VÁ À MERDA!*”, mas depois de pensar um pouco, ela acabou deixando para lá. Não porque a raiva desapareceu, mas simplesmente porque não valia à pena. Não ia perder seu tempo com Léo se ele não perdia o dele com ela.

Deixar a raiva de lado estava virando rotina. Nas últimas vezes em que Léo disse ou fez algo que a desagradou talvez nem tivesse ficado sabendo. Sentia-se indisposta só de pensar em contestá-lo. Nos bons tempos, gritava, xingava e até considerava quebrar alguma coisa na cabeça dele. Recentemente habituou-se a deixar a maré baixar sozinha. Andava pacífica demais e isso só podia significar que a relação estava muito pior do que pensava.

Noite de sexta-feira, aeroporto de São Paulo. Executivos com pastas de couro falando ao celular, equipes de voo aguardando a abertura dos portões, mães e filhos na cafeteria e dezenas de outras pessoas apressadas e autossuficientes deslizando de um lado para o outro. Ao fundo, a voz no alto falante, o zunido esfolado dos aviões na pista.

Ainda que insistisse em afirmar para si mesma que não procurava por Edu, o coração palpitava com a expectativa. Alheia a tantas outras coisas acontecendo na sua vida, passou a semana pensando nele, naqueles olhos. Perscrutou o saguão mais uma vez. Adolescentes, um grupo de estrangeiros - provavelmente alemães -, uma família e então... um brilho verde em meio a um borrão colorido. Podia ser loucura, mas teve certeza de que ele também a procurava. O prazer nasceu do encontro, um oásis em meio à multidão desordenada.

- Oi. – Ele foi o primeiro a conseguir dizer alguma coisa quando ficaram frente a frente.

- Oi. – Ela sorriu, sentindo-se inexplicavelmente inibida.

- Pelo visto vamos ficar de pé hoje. – Ele sondou ao redor, demorando-se na garota que mastigava sob a tela de voos, o salgadinho estalando nos ouvidos.

- Acho que sim. – Respondeu ela. *Que raio de sensação era essa?* Além de tímida ficou boba? Ele notou que ela estava mais comedida do que o normal e tentou quebrar o gelo.

- Sentados, podíamos fazer uma cruzadinha. - Com uma gargalhada excêntrica, ela voltou a si. Ele não conseguiu segurar uma risada. Desta vez, riu dela, do desembaraço e naturalidade desengonçada. - Então? – Estendeu a mão com a palma para cima. – Não me enrole. Quero ver a revista. Vou me certificar de que você fez as palavras cruzadas.

- Está duvidando de mim, é? – Ela mexeu na bolsa, arrancando um sorriso dele ao tirar, antes da revista amarrotada, uma embalagem vazia de chocolate, escova para cabelos e um saquinho daquelas balas de gelatina distribuídas nos voos. – Aí está.

Desconfiado, ele verificou a revista. Havia um desenho de caneta azul na contracapa, uma aranha e um coqueiro. As palavras cruzadas de quase todas as páginas estavam feitas ou, no mínimo, iniciadas. Uma ou outra folha estava rabiscada. Ele apertou os olhos, relanceando o olhar para ela, que o aguardava com ar insolente, os braços cruzados sobre o peito.

- Você emprestou a revista na creche? – Perguntou, observando o orgulho dela murchar ao descruzar os braços.

– Não, eu... estava passando o tempo.

- Estou brincando. – Apontou o desenho na contra capa. – Na verdade, eu até colocaria uns óculos na Dona Aranha. - Deu uma risada quando ela sorriu encabulada. - E isso? – Mostrou uma página qualquer, referindo-se as lacunas entre as letras preenchidas. – Você não conferiu as respostas?

- Claro que não! – Ela foi enfática, tomando a revista dele. – Isso é cola! Eu quero descobrir sozinha! – Disse, o tom quase infantil. – Mas estou surtando de curiosidade...

- Não acredito. – Disse ele com um sorriso debochado. - É por isso que a maioria das páginas está só preenchida em parte... Você é muito mais obsessiva do que achei que fosse. – Quando ela riu, ele riu junto, os olhares cruzados. Ali já não era só mais um flerte, era muito mais do que

PERIGOSAS

isso.

Acheron - Nacionais - Apollymi

Desde que adotou aquela rotina louca da ponte aérea, Edu só se sentia em casa quando era envolvido pelo odor maravilhosamente familiar da maresia. Depois que conheceu Laura, entretanto, bastava colocar os olhos nela para ser abraçado por uma sensação de conforto e bem estar, mesmo a quilômetros do Rio. Ao lado dela, o resto do mundo era uma imagem embaçada. O encontro daquela sexta-feira o fez se sentir exatamente dessa maneira. Foi dinâmico e divertido, até o momento em que ela recusou o convite dele.

Depois de tanto tempo dividindo o mesmo voo São Paulo-Rio, pela primeira vez tiveram os assentos marcados lado a lado. A conversa iniciada no *finger* - entremeada de risadas e malícia sutil - estendeu-se por um longo período após a aterrissagem, quando a equipe de suporte terrestre teve dificuldades para retirar da aeronave um idoso numa cadeira de rodas acoplada a aparelhos hospitalares. Foi depois disso que, talvez motivado pela afinidade que desenvolveram em tão pouco tempo, ou até pela euforia dela com o livro que ele lhe deu, a convidou para esticar a noite.

Comprou-lhe um livro de curiosidades depois de flagrá-la sacudindo o *tablet* como se a bateria fosse ressuscitar no tranco. Passou quase uma hora numa livraria do shopping de São Caetano do Sul escolhendo algo de que ela fosse gostar. No início, considerou levar um exemplar de poemas de Fernando Pessoa, mas não achou que tivesse a ver com ela. Precisava de algo minimamente dinâmico para prender a atenção de Laura.

- Adorei! – Disse ela unindo as mãos numa palma, fitando o livro no colo. – É sério – virou-se para ele, tocando a mão masculina sobre a coxa - , adorei mesmo! – Acariciou a capa com a ponta dos dedos e, um segundo depois, folheou o volume, avaliando os assuntos. – Que barato! - Levou uma mão à boca, absorta na leitura. - Você sabia que a expressão “santa do pau oco” nasceu porque contrabandistas recheavam imagens de santos com coisas roubadas? – Ele sorriu, deliciado com a expressão dela.

- Nem imaginava.

- E sabia que “quem tem boca vaia Roma” e não vai a Roma?

- Não!! – Brincou ele, boquiaberto, fazendo-a soltar uma risada. Animado com o entusiasmo dela, ele aproximou-se; a orelha descoberta, enfeitada por um brinco em gota de Jade, atraindo-o. Ele inspirou o perfume dela, a ponta do nariz a centímetros de tocá-la na curva do pescoço. Ela, cativada pela leitura, não percebeu. Passava as páginas com verdadeiro interesse, os olhos sorrindo. Só quando ele liberou um suspiro de encantamento ao lado, o hálito morno fazendo os fios de cabelo pendentes oscilarem, ela se virou para fitá-lo. O olhar encontrou o dele com surpresa, a proximidade imposta sem que ela notasse. – Sabe, estou adorando observar você – sussurrou ele, o cochicho desencadeando um arrepio -, mas se não ficarmos sozinhos noutro lugar, vou te beijar aqui mesmo. – A expressão dela congelou. – Viu?, eu não queria te deixar sem graça. Acho melhor terminarmos isso fora do aeroporto. Que tal se esticarmos a noite quando chegarmos ao Santos Dumont?

- Olhe, Edu... - Ela abaixou o olhar e dedilhou o dedo anelar direito com uma expressão perdida, girando e girando o anel como se enroscasse um parafuso. Seguiu-se um longo silêncio enquanto ela mastigava a própria saliva. - É melhor não. – Deu um suspiro pesado, quase com remorso, uma linha entre as sobrancelhas.

Acheron - Nacionais - Apollymi

Mesmo depois de tanto planejar, ele levou um fora. Não se arrependia - queria ter feito isso há muito tempo - , mas talvez tivesse se precipitado. Estava tão seguro de si e do interesse dela que não pensou direito, devia ter avaliado o momento mais a fundo ou, quem sabe, investigado-a melhor, dado mais tempo a ela. Mais tempo? Afinal, o que estava acontecendo com ele? De onde, maldição, vinha tanta pacacidade? Esse chove não molha já contabilizava quase dois meses! A contar que se viam todas as sextas-feiras, oito encontros no mínimo... Só de conversa? Ainda assim considerava esperar mais um pouco, tentar mais uma vez. Não sabia ao certo o que era, um instinto imbecil, com certeza, mas o fato de ter recebido um não atçou-o, até porque ela pareceu hesitante.

O sorriso que ele exibia se desfez instantaneamente, a frustração chegou em ondas monótonas. Culpava-se. Desde o início, soube que ela era comprometida, mas ainda assim se prestou àquele repulsivo papel porque estava envolvido demais. A vontade de tocá-la e beijá-la era maior do que ele. Não se lembrava de ter sentido nada igual, nunca foi tão comedido com uma mulher. Estragou tudo. Por que a maldita pressa? É fato que não queria esperar, precisava dela imediatamente. Os encontros semanais, vê-la e conversar com ela com tanta assiduidade estavam deixando-o louco. Pensava nela com uma frequência atordoante. A imaginação queria concretizar-se.

As peças não se encaixavam. Sabia que Laura não estava se fazendo de difícil, ela era segura e suficientemente desinibida para aceitar a proposta se assim quisesse, e ela queria, ele sabia. Sentiam-se atraídos um pelo outro, não estava imaginando coisas, via a maneira como ela o olhava, as faíscas que brotavam numa conversa cotidiana. Então, por que disse não? Apesar daquele anel no dedo, ela nunca mencionou ninguém. Aliás, quando falavam sobre os programas de finais de semana, sempre dizia que ficaria sozinha em casa ou sairia com a irmã. Na última sexta-feira, por exemplo, contou que ia para o aniversário da mãe no final de semana seguinte, em Itaipava, e queixou-se de ter que pegar a estrada sozinha. Se tivesse um namorado ou algo assim, ele deveria ir junto, certo? Ou, pelo menos, vê-la aos sábados e domingos. Por mais que, em algumas ocasiões, Laura criasse barreiras para uma conversa mais íntima, parecia uma mulher disponível. Obviamente não era, o que não significava que ele fosse desistir, até porque o tempo que levou para respondê-lo sugeria que ela se sentisse pelo menos um pouco como ele.

Estava amuado. Aquela era uma noite de sexta-feira triste e sem graça. Na varanda do apartamento, sem camisa, observava o ar morno da noite movimentar as folhas das castanheiras que teimavam em xeretar dentro de casa. Ergueu a cabeça esticando o pescoço e fechou os olhos na direção da meia lua no céu. Não conseguia tirar Laura dos pensamentos. Estava frustrado e, de uma hora para outra, sentiu-se cansado demais.

- Ah, que bom que vocês chegaram! - Ainda de camisola, Dona Carmen debruçou-se na janela da frente ao ouvir o motor do carro no jardim. Usava touca térmica e tinha o celular na mão. - Fiquei muito mais tranquila quando soube que vocês viriam juntas. A estrada está péssima. Ó, quase me esqueci. – Esticou os braços para entregar o telefone à Laura. – Você chegou na hora, filha, é o Léo. Linda, passe pela cozinha. Vou abrir a porta. - Fez um sinal e desapareceu.

Laura deixou a sacola de viagem na grama do jardim, observando Linda se afastar com a mala de rodinhas e 4 opções de vestido num cabide. Sentando-se no banco do motorista com a porta da SUV aberta, alongou as pernas do lado de fora.

- Oii! – Atendeu ao noivo animada, apesar de o último contato ter sido ridículo (se é que podia chamar de contato aquele *zap* dele com as fotos). Só de estar em Itaipava já ficava de bom humor.

- Oi. – Respondeu ele em tom ríspido. - Você demorou. Não é porque a chamada é via *Whatsapp* que posso ficar esperando. Esqueceu que estou falando de outro país?

- Não, não esqueci. – A resposta dela foi imediata e à altura. Subitamente a raiva que sentiu na semana anterior retornou, transbordando. – Aliás, me lembro disso diariamente. Essa não é a sua única justificativa para não falar comigo? – Ele engoliu a grosseria, justificável pela sua, recuando.

- Desculpe, mas meus dias estão cheios. É por isso que não temos nos falado com frequência. – Sentiu a voz esvair-se, a boca ligeiramente seca.

- Imagino. – Continuou ela, irônica. – Sei que são muitos compromissos. Não dá pra reservar um tempinho para mim quando você está se divertindo. – Ignorou-o quando ele tentou interromper. – Seus amigos têm me dado notícias. Jack Daniels, Titans Tennessee, Grand Canyon...

- Laura...

- Obrigada por me manter informada sobre você e me fazer participar da sua vida. A propósito, as fotos que você mandou, nossa! são bem esclarecedoras.

- Laura, por favor...

- Laura não, Leonardo. – Subiu o volume da voz. A irritação só fazia aumentar. – Somos noivos, você está a 5 mil quilômetros de distância há três meses e essa é só a segunda vez que se digna a ligar pra mim. Antes que você conteste, é bom lembrar que da última vez FUI EU quem ligou – apoiou o cotovelo no volante do carro, deixando a cabeça cair sobre a mão. – Você não manda uma notícia, uma mensagem que seja. Você sabia que com o *Whatsapp* dá pra gente conversar no bate volta, rapidinho e sem custo? Estamos no Século XXI, Léo! Internet! Já ouviu falar?

- Não acredito que você vai ficar ralhando comigo.

- Sabe, hoje eu esperava pelo menos um “bom dia”. - Estalou a língua. – Já que além de não dar notícias, você também não responde mensagens. Não sabe escrever mais não, é? Quando alguém pergunta uma coisa quer uma resposta, não um monte de figurinhas coloridas!

- Não estamos nos falando agora? Liguei para parabenizar sua mãe, eu queria...
- Então, DE NOVO, você não ligou para falar comigo. Já falou com ela?
- Já.
- Missão cumprida, então. – E encerrou a chamada.

Laura desceu do carro, fechou a porta e encostou-se a lataria, inspirando e expirando lentamente enquanto se acalmava. Minutos depois, recuperado o excelente estado de espírito, decidiu aproveitar o dia, azul e ensolarado.

Florido, o ipê amarelo ao lado da casa da mãe esculpia uma tranquilidade bucólica e convidativa. A extensa área de grama ao redor, apesar do frio cortante que pairava sobre a Serra naquela época do ano, estava verde e viçosa, salpicada de flores da grande árvore. Canteiros de anêmonas coloridas, roxas, alaranjadas e cor de rosa espalhavam-se pela frente do imóvel de arquitetura colonial, inspirando uma obra de *Monet*. O cenário a lembrava da criança alegre e endiabrada do passado. Adorava aquele lugar e, quando estava ali, era como se nunca tivesse ido embora. Renovava-se com o ar das montanhas, com a magia da cidadezinha rústica e interiorana. Lá, voltava a ser ela mesma, sentindo uma necessidade quase primária de ser tão feliz como um dia foi.

A agitação começou antes do horário do almoço. Gente uniformizada trançando de um lado a outro com arranjos, vasilhames, ferramentas. A mãe vigiava tudo da janela do quarto, no segundo piso, chapéu e máscara no rosto. Laura arrastou uma poltrona alugada para a entrada de carros - onde o movimento era menos intenso - e esparramou-se, deixando o calor do final da manhã esquentar o corpo.

Desde que chegou a Itaipava, não pensava noutra coisa senão nos erros que vinha cometendo e reiterando. Aquela erupção de hormônios era um sinal. Aliás, eram muitos sinais, não tão boa, porém, a intérprete. A viagem à Búzios, por exemplo. Foi um passeio divertido, mas nem de longe uma viagem romântica, para sepultar ou no mínimo aliviar a monotonia do relacionamento. Ela e o noivo ficaram 5 dias numa pousada incrivelmente charmosa à beira mar. Quarto de pé direito duplo, decorado diariamente com flores naturais e velas aromáticas, lençóis de algodão egípcio e uma banheira de hidromassagem, nossa!, com espaço para umas quatro pessoas. Isso sem contar a vista - um mar azul e estonteante. Mesmo assim não houve romance. Logo na primeira tarde encontraram um casal de amigos e, a partir de então, o plano inicial de curtir um tempo a dois deu lugar a noites em grupo regadas a tequila, um campeonato de truco na praia, passeios de jet-skis e refeições rápidas pós-balada.

Seria injusto dizer que não foi uma viagem gostosa, mas certamente foi um passeio de amigos. Naqueles 5 dias transaram duas vezes, ambas em noites com altíssimo teor de álcool. Na primeira, depois de quatro horas numa boate recém-inaugurada, chegaram à pousada tão excitados que ele rasgou o sutiã dela. No dia seguinte, ela considerou o momento um sucesso. Afinal, que casal depois de tantos anos juntos tem fogo o suficiente para fazer um estrago daquele? Na segunda vez, só se lembrava de ter acordado ao lado dele, ainda de vestido e sem calcinha. Léo roncava, de bruços, esparramado no carpete, só com a camisa da noite anterior. Preparou-se tanto para aquela viagem, acreditando que pudesse renovar o fôlego da relação... Comprou uma cinta-liga, depilou-se do jeitinho que ele gostava e levou um kit de massagens. Simplesmente não houve espaço nem clima para nada disso. Ali, lagarteando-se no sol, Acheron - Nacionais - Apollymi

constatou, numa percepção crua e triste, que se um dia houve amor de homem e mulher entre eles, o sentimento não existia mais. Há muito o relacionamento tinha natureza fraternal. Amava Léo como se ama um amigo e, por inúmeras razões, acreditava que ele se sentisse do mesmo jeito. Afinal, isso explicaria muita coisa.

Independentemente da briga com Léo pela manhã e das intrigas familiares costumeiras – a prima tentou irritá-la com um papo sobre relacionamentos à distância - estava curtindo a festa. Bebeu algumas taças de vinho e comeu uma dúzia daqueles canapés deliciosos com patê amarelo. Achava que eram de damasco, embora a garçonete tenha insistido que eram “*fiões de ovos caramelizados*”. Depois de tanto álcool não podia esperar que o paladar estivesse intacto, teria acreditado nela mesmo se dissesse que eram de aspargos. Pois bem, estava tudo ótimo, e rever os amigos de infância e parentes - alguns valiam à pena - era sempre gratificante e, depois de confraternizar durante horas, voltava para casa com a sensação de que nasceu no lugar certo.

Os aniversários da mãe eram sempre comemorados em grande estilo, com comida boa, dança e muita gente, entre familiares, amigos, agregados e penetras. A data da festa era um costume de quase trinta anos e, por “*desconsideração da prefeitura*”, como brincava Dona Carmen, não constava do calendário municipal. Praticamente todos os cidadãos de Itaipava, uma cidade serrana nem tão pequena assim, sabiam que no segundo sábado de Setembro, acontecia, entre fogos de artifício e muitos comes e bebes, a famosa comemoração de Carmita.

Se Léo estivesse lá estaria enfiado na sala de TV com Pedro, assistindo ao futebol ou falando sobre carros ou algum aplicativo novo do *iphone*. Nesses eventos, seus interesses eram sempre muito diferentes. Enquanto ela arrumava um par para dançar, ele se esquivava atrás de uma mesa qualquer, preferencialmente perto do bar. Era certo que ela e a irmã puxaram essa paixão pela dança da mãe, muito embora, ao contrário de Dona Carmen e Linda, Laura odiasse uma câmera.

A apresentação de dança de Linda e Tio Paulo era o auge da festa. Nem o momento dos parabéns ou a tentadora mesa de doces eram tão aguardados. Os convidados iam para o gramado, disputando lugar ao redor da grade da quadra, tradicionalmente a pista de dança. O tio e a irmã ensaiavam uma coreografia nova todos os anos e tinham uma afinidade admirável, principalmente a se considerar que um senhor de 67 anos acompanhava com facilidade uma garota de 26. Desde que Linda era uma garotinha dançava com o padrinho. Naquela época, pisava nas pontas dos pés dele, rodopiando como uma bailarina. Ela sempre foi exibida e o aniversário da mãe era o dia do seu espetáculo particular. No ano anterior, os dois protagonizaram um *show* de tango, com direito a fenda na saia e rosa vermelha. Pedro e ela concordavam que aquilo era uma “*palhaçada*”, mas a mãe, expansiva como Linda - para não dizer ousada -, achava o máximo.

Depois de uma apresentação animadíssima de um ritmo dos anos 60, Tio Paulo continuou desperdiçando seu gingado como um John Travolta da terceira idade, arrancando aplausos e gritinhos forjados da plateia. Linda levou Tadeu - o primo gato - para a pista e colou o corpo ao dele, acompanhando o compasso mais morno da nova trilha sonora. No centro do jardim, próximo à mesa do bolo, um rapaz desconhecido tirou uma jovem de vestido lilás para dançar, reverenciando-a, entre risadas, como nos tempos medievais. Laura sentiu vontade de dançar também, mas, naquele momento, desejou um parceiro específico. Uma imagem inicialmente vaga, e de repente muito clara, pousou-lhe na mente. Um sonho talvez, do qual só lembrava-se agora. Edu e ela dançavam, felizes, numa sala de embarque escura e vazia. No pátio iluminado do aeroporto viam-se as silhuetas imóveis das aeronaves, as únicas telespectadoras daquele momento imaculadamente perfeito.

Sentada no alto da escadaria externa que levava ao orquidário da mãe, ela acompanhava a festa no jardim, o ipê amarelo como ator principal e um breu adiante, onde as montanhas da Serra se escondiam numa noite sem luar. Sozinha, pensava em Edu. Ele era uma memória recorrente, mas, desde que chegou a Itaipava, esforçava-se para focar na situação com Léo. Pensar em Edu só a confundia. Ouvia com facilidade a voz rouca e sedutora, uma penugem acariciando-lhe os ouvidos. Não foi a lembrança do sonho no aeroporto que o trouxe à tona, ele esteve ali o tempo todo, ancorado na mente dela.

- Sozinha? - A voz de Pedro despertou-a do estado de embriaguez mental. Desde que ele chegou, já no fim do dia, não tiveram a chance de conversar. Ela ajudou a mãe a se maquiar, enquanto o irmão ficou por conta das bebidas. Ele sempre cuidava dessa parte, já que “*a temperatura errada podia destruir um vinho de boa qualidade*”.

- Sim. – Ela tirou um sapato, esfregando o saltinho na grama para retirar algo preso na sola. – Estou cansada.

- E pensativa também.

- Hã?

- Eu disse que você está pensativa também. – Repetiu ele, sentando-se ao lado dela. – Além de cansada.

- O que você está fazendo aqui em cima? – Recolocou o sapato.

- Você está mudando de assunto, mas fui ver se já trocaram as lâmpadas lá de dentro. Quero trazer Helen pra ver as orquídeas.

- Ela está uma grávida linda.

- Você está mudando de assunto de novo, mas está mesmo. Minha mulher é a barriguda mais gostosa que conheço.

Ela riu. Apaixonado, a felicidade brilhava nos olhos do irmão. Pedro e Helen namoravam há 3 anos e, no mês em que ele a pediu em casamento, descobriram que ela estava grávida, de gêmeos. Uma surpresa e tanto considerando que se casariam em breve e iam se mudar para a Índia, onde morariam pelo menos pelos próximos 4 anos, para que ele assumisse o cargo que desejou a vida inteira na empresa de exportação onde trabalhava.

- Você nunca me contou sobre o pedido de casamento. – Disse ela, espalmado as mãos atrás do corpo e esticando as pernas. Lá embaixo, alguém quebrou algo de vidro. - Foi romântico? - Ele riu com a lembrança.

– Romântico? Não. – Meneou a cabeça com um sorriso. - Foi hilário, isso sim.

- Conte, vai!

- Fomos ao mirante. Aquele, na encosta da estrada... - Ela assentiu. - A noite estava perfeita. O céu estava negro, tão cheio de estrelas que quase não havia espaço entre elas. Sabe aquelas noites em que dá para enxergar as galáxias? – Novamente ela assentiu, os olhos sorrindo com a imagem formada na mente. - Então eu me ajoelhei – ele encolheu os ombros - e pedi que ela se casasse comigo. – Suspirou. - E aí... – Interrompeu com uma risada.

- Aí...

Acheron - Nacionais - Apollymi

- Helen começou a gritar. Naquela escuridão toda, parecia uma louca, com uma voz de taquara rachada perguntando: “*o quê? o quê? O QUÊÊ???*” - Laura soltou uma gargalhada com a imitação. Foi impossível não rir ao vê-lo gesticular daquela forma e falar tão fino.

- E foi isso. – Prosseguiu. – Aqueles foram os gritos mais enlouquecidos e apaixonantes que eu ouvi na minha vida.

- Então foi bem romântico. – Concluiu ela um sorriso, colocando a mão sobre a dele.

- É, acho que foi. – Concordou, deslizando o braço sobre os ombros dela. – Eu amo aquela baixinha, tenho sorte de ter encontrado uma mulher que tem tudo a ver comigo.

Laura negaria se perguntassem, mas sentiu uma pontinha de inveja. Helen e o irmão se amavam. Iam se mudar para um país sobre o qual não sabiam nada e morar sabe lá como, durante anos, com duas crianças pequenas. Helen ia deixar tudo para trás, família, emprego, a vida que tinha. Iam para Índia. Deus do céu, Índia, onde as mulheres ainda viviam subjugadas aos maridos, vestiam burcas e não podiam trabalhar; onde as pessoas comiam miúdos no café da manhã. Se aquilo não fosse amor, não sabia o que era. Nunca iria pra Índia com Léo. Na verdade, se ele recebesse uma proposta para se mudar para qualquer lugar do mundo, ela pensaria muito sobre o assunto e, Deus sabe que, mesmo se fosse para viver em Paris, Nova York ou Sidney, capitais do primeiro mundo, ainda assim teria grandes dificuldades em aceitar. Amava o Rio e a vida que levava, e certamente não o amava o suficiente para largar tudo por ele.

- E você, hein? - Ele forçou o braço, puxando-a para mais perto. Uma ave noturna, talvez uma coruja, planou alguns segundos sobre eles até pousar na calha do orquidário. – Já falei com Léo que quando ele voltar quero uma data. - Ela deu um suspiro alto e cansado. O ar leve da noite pareceu pesado de repente. Mexeu o corpo, dançando os ombros para se livrar do abraço do irmão. - O quê? Acho que já passou da hora, não é? Está bom de marcarem esse casamento logo.

- Já parou para pensar que o que você acha melhor pode não ser o que eu quero? - Perguntou ela, repentinamente irritada. A expressão de Pedro mudou. A feição se franziu, unindo as sobrancelhas. Ele engoliu em seco, intrigado.

- Não estou entendendo. – Disse ele após um breve silêncio. O tom tinha um quê de confusão, como se o que a ela disse fosse algo inimaginável. Ela desviou o olhar, mirando na festa lá embaixo. Abraçou os joelhos, apoiando o queixo neles. - Laura?

- Não sei, Pedro. – Respondeu impaciente, o tom seco. - Não sei se isso é o que quero. Não sei se quero me casar com Léo.

- Querida, é natu...

- Pare! - Interrompeu-o com um grito, o movimento brusco da mão cortando o ar. – Posso terminar? – Encarou-o, desafiadora. – Isso não é algo que apareceu agora ou fruto de ansiedade e pressão dos últimos meses, entendeu? - Ele assentiu passivo, concordando com movimentos curtos da cabeça, o maxilar travado. - Não sou uma menininha e não preciso que você cuide do meu dote.

- Você está sendo injusta. – Retrucou ele. - Agora o problema sou eu? - Um morcego trissou numa árvore perto.

- O problema é você achar que sabe o que é melhor pra mim.

- Conheço você melhor do que qualquer um. - Ela deu uma risadinha sarcástica, jogando a cabeça para trás e fazendo-o franzir o cenho. Aquele não era um gesto comum dela. Laura era direta e concisa, não adepta de ironia. - Não faça isso. Não mereço que você me trate assim.

- Então, escute. – Fitou-o, abaixando as pernas e virando-se para pegar as mãos dele. – Tente entender... E aceite o que eu sinto. Ninguém sabe melhor do que eu o que fazer com a minha vida. - Ele assentiu com um movimento lento e mudo. - O que sinto pelo Léo, acho que não é amor de homem e mulher, entende? Nós não temos o que Helen e você têm. - Houve silêncio. A ficha dele caiu aos poucos. Lembrou-se de um papo esquisito com Léo pouco antes do amigo viajar, de como o assunto Laura parecia nublar suas vontades, de como naquele dia teve a vaga sensação de que todo aquele tempo fora do país era um pedido de ajuda, um tempo para rever os planos. E havia tanto mais... A prorrogação indefinida para marcar a data do casamento, as alianças. Léo sempre se esquivava das alianças... Fazer o quê? Não podia se meter. O importante é que fossem felizes, juntos ou separados, e essa era uma decisão que competia só aos dois. - É difícil falar com você sobre isso. – Continuou ela após um longo momento. Você sabe que eu não tenho dificuldade de me expressar, mas é que... O Léo é... – Suspirou, sem as palavras exatas.

- Como eu sou para você? – Completou ele, antes que ela concluísse.

- É..., isso. Não achei que..., que você pudesse entender.

- Porque sou um pai autoritário, conservador e opressivo? - Ela não conseguiu deixar de sorrir.

- Bem, você sempre foi muito mandão.

- Acho que isso está no sangue. Você não fica atrás. - Ele tocou o queixo dela, erguendo-o e obrigando-a a encará-lo. - Desculpe, ok? – É que – deu de ombros – sempre me senti na obrigação de cuidar de vocês. De você, de Linda.

- Tenho certeza de que ela sempre deu muito mais trabalho do que eu.

- Ôôô! – Ele arregalou os olhos, revirando-os, depois arqueou as sobrancelhas. Ela sorriu e ele retribuiu o sorriso. - Me perdoe. – Disse, colocando a mão no ombro dela. – Acabei me metendo demais na sua vida. - Ela puxou-o para um abraço.

- Talvez sim. – Recuou para fitar os olhos dele por um instante. – Promete que me ajuda a consertar as coisas?

- Sempre.

Laura descia do orquidário quando se deteve com o romance do casal de meia idade dançando no gramado aos pés da escada. A música que entretia os convidados era um desses sambas de cartola antigos e repercutia em todos os cantos da casa através da voz corpulenta da bela vocalista. Alheios à trilha sonora, o casal - que só mais tarde ela reconheceu - dançava uma valsa suave e incoerente com o ritmo. Com quase 25 anos de casados e quatro filhos depois, talvez também alguns netos, Donana e Seu Eustáquio tinham uma sintonia invejável. Encostada ao peito do marido, a senhorinha murmurava.

- Não sei como você não se cansou de mim ainda.

- E porque eu me cansaria, se agora é que está ficando bom?

Aos olhos de Laura aquilo soou como era, uma declaração de amor. A inveja despontou mais uma vez, fazendo-a cobiçar a felicidade de uma relação assim. Pegou-se pensando em Pedro e Helen e depois em Jose e Rafa, e em como o amor lírico e quase palpável que os unia passou a incomodá-la. Como eles, queria viver a intimidade e mesmo as desavenças que um relacionamento constrói. Como eles, queria ser feliz, e quando pensava nisso, não era Léo que lhe vinha à mente. Nunca se considerou uma romântica, mas agora, segura do que queria, era isso que desejava - romantismo, paixão, cumplicidade e tudo que estivesse interligado. Não se contentaria com menos.

De roupão e pantufas, Dona Carmen organizava as sobras da festa na cozinha, de costas para porta. Sobre a ilha, meia dúzia de caixas engorduradas com sobras de salgados e mini-sanduíches. Na pia, uma cesta de frutas remexida dividia espaço com uma tábua de queijos e três vasilhames de cristal com trufas.

- Está com fome, querida? – Perguntou a mãe, antes mesmo que Laura cruzasse a porta. A casa estava silenciosa. Passava de 2 horas da manhã. Pedro e Helen recolheram-se e Linda saiu com Tadeu e mais duas primas para esticar a noite numa boate em Petrópolis.

- Não, mamãe. Estou com sede. – Pegou um copo no armário e abriu a geladeira. – Ah, Deus! – Surpreendeu-se ao dar de cara com a mãe, com uma pasta verde ao redor dos olhos. – O que é isso, agora? - Já devia ter se acostumado com as maluquices estéticas da mãe, havia sempre uma novidade: ou uma atadura no nariz em virtude de um novo “*reparo*”, um hematoma no colo ou uma cicatriz nas pálpebras. Isso, sem contar as vezes em que aparecia com o rosto inchado de uma nova aplicação de botox, embora negasse de pés juntos que nunca tivesse feito.

- Ah. – A mãe tocou a bolsa dos olhos com as pontas dos dedos. – É só uma pomadinha para evitar as olheiras amanhã. – Laura se serviu de água.

- Eu não entendo como a senhora ainda arruma disposição pra essas coisas depois de um dia assim. – Deu um gole na água, apoiando o corpo na parede depois de pousar o copo na ilha.

- Você vai entender quando tiver a minha idade. – Laura achava que não, mas não quis contrariá-la. Há muito decidiu não se intrometer mais nos “*processos de rejuvenescimento*” dela. Afinal, Dona Carmen era uma mulher suficientemente esclarecida para saber que uma hora ia ficar igual à Donatella Versace.

- Será que não podemos arrumar isso amanhã, mamãe? – Perguntou, depois de morder o último morango da cesta de frutas. – Está tarde. Vamos descansar.

- Conheço você, meu amor. – A mãe virou-se, fitando-a. - Sei que veio conversar. – Deixou a bandeja com os salgados na pia, aproximando-se para pegar as mãos dela. A filha sorriu, acolhida. Estar em casa, com a mãe, ainda que ela parecesse um alienígena de roupão, era tudo de que precisava, principalmente quando sua vida parecia de cabeça para baixo. - Então?

- Eu conversei com Pedro hoje.

- Sobre Léo, imagino. – Respondeu rápido e com perspicácia. Envolto naquela melega verde, o olhar calmo dizia que ela já sabia de tudo, mesmo que nunca tivesse tocado no assunto. - Meu bem, está mais do que na cara que você não está feliz. – Moveu a cabeça na diagonal, fitando o teto por um único momento, buscando as palavras certas. – Na verdade, você voltou a se sentir feliz depois que Léo viajou, estou certa? - Laura assentiu com um sorriso encabulado. - Então agora você sabe o que fazer, não é? – Tocou-a no queixo, arqueando-o quando ela abaixou o olhar.

- Acho que sim. – Disse, mordendo o lábio. Ao lado da mãe, diferente de como agia com o irmão, sentia-se frágil e insegura, uma criança precisando de colo. - O que a senhora acha?

- Laura - enrolou uma mecha dos cabelos da filha nos dedos, colocando-os atrás da orelha -, não tenho que achar nada, ninguém tem. A vida é sua. É você quem vai pagar o preço pelas suas escolhas, então é só você que pode escolher.

Acheron - Nacionais - Apollymi

- Não quero me casar, mamãe. Não com Léo. – As palavras saíram como um grito de socorro.

- Você está decidida, meu amor. Não precisa de um conselho meu. - Ela acariciou as maçãs do rosto da filha com o polegar, apoiando as mãos nos ombros dela. – Espero, do fundo do meu coração, que você saiba o que está fazendo. E não se preocupe, porque se não for ele, será outro. – Laura esboçou um sorriso. - Sabe, seu pai nunca foi minha cara metade. Éramos jovens, burros e achávamos que sexo bom era o suficiente. Não é. – Meneou a cabeça com um sorriso solidário. - Agora estou eu aqui, velha e sozinha, tentando canalizar minha carência afetiva com aplicações de botox na cara. – Revirou os olhos, abraçando-a. – Não quero isso pra você.

- Ah, mamãe! - Disse Laura, aninhando-se ao colo dela. – A senhora disse que não estava fazendo botox!

- Ah, meu bem, e você me disse que Léo era o homem da sua vida...

- Cadê seu anel? – Linda tocou rapidamente a mão da irmã sobre o volante.

- Guardei. Decidi não usar mais até falar com Léo. – Laura fez uma curva para a direita e outra para a esquerda. - Não faz nenhum sentido ficar com ele no dedo se não representa nada para mim.

- Então está decidido mesmo. – Não foi uma pergunta, mas uma afirmação.

- Está. Estou segura e tranquila. - Diminuiu a velocidade, reduzindo a marcha para atravessar o último quebra-molas antes de pegar a rodovia. Lá atrás, a cidade de Itaipava ficava cada vez menor.

- Um desperdício. – Disse Linda, após um instante.

- Quê? – Fitou-a no banco do carona, sem entender.

- Deixar Léo solto no mercado.

- Vou fingir que não ouvi.

- Tudo bem, já estou acostumada. - Laura revirou os olhos, com uma risada. Tocou a coxa da irmã e deu um apertão de leve.

- Estou tão bem que nem você vai conseguir estragar isso.

- Tô perdida! – Brincou Linda. - Não estou servindo pra mais nada!

As duas caíram na gargalhada enquanto seguiam na estrada.

Edu quase não acreditou quando deu de cara com Laura na poltrona ao lado. Assentar-se ao lado dela pela segunda semana consecutiva era algo tão inimaginável, que agiu como um idiota. Tirou o e-ticket do bolso e conferiu o assento de novo. E lá estavam eles, numa sexta-feira fria, lado a lado, voando de São Paulo para o Rio. Tivesse sido em qualquer outro momento, se sentiria agraciado pelos céus, naquela noite, contudo, não sabia o que fazer, nem pensar. Uma semana antes levou um fora dela e, ainda que isso não significasse que não tentaria de novo, causava um ligeiro constrangimento.

A atração que nutria por ela era algo no mínimo diferente, especialmente porque nunca foi homem de se dar por satisfeito só com uma boa conversa. Com ela, no entanto, as regras caíram por terra e, pacientemente, vinha se saciando com a continuidade dos encontros relâmpagos e a rotina maçante da ponte aérea. Se antes ficava irritado com um pequeno atraso no horário do voo, agora desejava tempestades, neblina na pista, aeronaves com falhas mecânicas, qualquer coisa que pudesse estender, ainda que por poucos minutos, o tempo com ela.

Naquele dia, quando a viu na sala de embarque, teve o conhecido impulso de aproximar-se e iniciar um assunto qualquer, como fez tantas vezes nos últimos meses, mas depois do ocorrido na semana anterior, conteve-se e recuou. Foi até a cafeteria e tomou dois expressos puros, como se o sabor duro do café pudesse estancar o desejo de ir até ela e, de alguma maneira, convencê-la a lhe dar uma chance. Queria levá-la a um lugar privado, beijá-la e confessar a ela o que seria capaz de fazer para tê-la. Precisava enroscar os dedos naqueles cabelos e deslizar os lábios pela pele dela. E porque não arrancar o vestido e fazê-la sua? Podia sentir o calor dos corpos, um contra o outro. A imaginação excitava-o.

A mente estava a todo o vapor, apesar do corpo inerte na poltrona. Desde que se sentou e a cumprimentou - 30 segundos atrás, ou seriam 5 minutos? - com um breve boa noite, sequer se mexeu. Embora ela o tivesse recebido com um sorriso amistoso, ele se perguntou se a reação foi espontânea ou um gesto de cortesia. Não queria incomodá-la nem causar constrangimento acaso não quisesse falar com ele. Pelo menos não por enquanto. Era compreensível que ela se sentisse acuada, ainda mais ali, quando estavam tão insuportavelmente perto um do outro.

- Você está calado hoje. – Disse ela com naturalidade, ocupando-se em desligar o *ipad* e o celular.

- Eu?? – A surpresa dele arrancou uma risada dela.

- Claro, Edu! Quem mais? – Ele sorriu, sentindo o vazio no peito ser lentamente preenchido. A sensação que teve foi quase de um abraço. - Eita – brincou ela, unindo as palmas das mãos -, onde você está com a cabeça? – O sorriso dele se manteve, o encantamento no olhar. Adorava quando ela falava assim, aquela espontaneidade assinada, o jeito só dela, dizendo que não era um personagem.

- Não muito longe. – Respondeu, o olhar no dela.

- Pois me pareceu que você estava noutro planeta. Ou que não gostou de se sentar ao meu lado. - Ele não estava sonhando, aquilo não era fruto da imaginação. Ela estava flertando com ele. – Então? – Insistiu ela, com um sorriso travesso. - Você estava noutro planeta ou não gostou de me ter ao seu lado?

- Você é exatamente quem eu queria que estivesse ao meu lado. – Aprofundou o olhar no Acheron - Nacionais - Apollymi

dela, enviando-lhe um sorriso galanteador. – Por isso eu estava noutra planeta.

- Eu sabia. – Sorriu, deliciada. – Talvez você possa me contar depois... Sobre o que havia nesse planeta. – Quando ela piscou ele sentiu um lampejo de alegria inexplicável.

- Contarei.

Como um avião repleto de gente desconhecida e estranhamente interessada na vida alheia não é o melhor lugar para se ter uma conversa como aquela, sabiamente mudaram o assunto para algo mais trivial, embora a troca de olhares tenha ficado cada vez mais sugestiva. Ela estava mais risonha do que nunca, o que o encorajou a chamá-la para sair de novo, esticar em algum lugar quando chegassem ao Rio. Considerou que talvez não fosse o lugar nem a hora certa, mas ainda assim decidiu correr o risco. A oportunidade foi oferecida na bandeja. Estava com a pergunta na ponta da língua quando uma comissária de bordo aproximou-se.

- Senhor? – Uma pausa até que se situasse. - O senhor se incomodaria de trocar de lugar com uma jovem na fila de emergência? Ela está com o braço quebrado. – *“Por Deus! Logo hoje? Será que você não percebeu o esforço que estou fazendo aqui? Estou progredindo!”*

- Claro que não. – Respondeu ele, mecanicamente. - Bom - virou-se para fitar Laura -, nos falamos depois. – Sinalizou que ia levantar-se, detido por ela.

- Eu pensei que... – ela ergueu os ombros - se o convite ainda estiver de pé, talvez possamos... – Ela não conseguiu terminar, pois a comissária reapareceu acompanhada, mas viu quando o ar de frustração dele esmoreceu e o rosto ganhou vida.

– Nos encontramos no saguão depois de aterrissarmos? - A pergunta dele soou cheia de expectativa.

- No saguão. – Assentiu com um sorriso.

- Você já viu um lugar mais lindo? - Perguntou Laura, arqueando a aba do boné. - Acho essa vista espetacular!

Edu concordava com ela. O cenário que envolvia a Lagoa Rodrigo de Freitas era realmente maravilhoso, ainda mais num dia tão bonito. Na noite anterior choveu muito. Naquele sábado, porém, o dia acordou azul e quente, uma manhã típica no Rio de Janeiro, perfeita para um passeio de bicicleta. Estava perdido na paisagem e na companhia. Maldição, ela era a mulher mais sensacional que conheceu na vida. O sorriso dela deixava-o de bom humor, meio bobo até. Foi exatamente assim na noite anterior, quando dividiram um taxi do aeroporto até o Leblon e sentaram-se num restaurante de tapas, numa mesa de calçada. Não fosse a chuva repentina e o maldito carro que derrapou, encharcando-os, teriam terminado a noite ao amanhecer. Ela estava encantadoramente alegre e, mesmo ensopada, não perdeu a esportiva. Não sabia que Diabo lhe deu quando a convidou para uma volta na Lagoa. Podia ter pensado em levá-la para jantar num lugar à meia luz, dividir um vinho... Que homem convida uma mulher para pedalar e tomar água de coco numa manhã de sábado? Só mesmo um frustrado com o desfecho da véspera.

- Se o dia estiver legal amanhã, vou pedalar na Lagoa. – Disse ele ao deixar a mala de mão dela no chão, levantando a haste para que pudesse puxá-la pelo saguão do prédio. - Quer ir comigo?

Ele mentiu que ia pedalar, não tinha sequer bicicleta, mas lembrava-se dela dizendo o quanto tinha prazer naquilo e não ia perder a chance. Logo que ela aceitou o convite, quase instantaneamente arrolou uma lista mental - amigos com bicicleta. Passou o resto da noite no telefone, sondando. No final, acabou alugando um desses modelos com cestinhas. Não se importava, valeu à pena. Estava ali, com ela, sentado num daqueles bancos ao redor a lagoa, sob uma castanheira dançando ao sabor do vento. E o final de semana estava só começando.

- Você tem razão. – Ele a mirou para em seguida voltar a admirar o cenário. A brisa matinal propagava ondas suaves na superfície da lagoa e o brilho da água era hipnotizante. – Esse lugar é incrível. - Ao concordar com ela percebeu o quanto andava desligado dessas coisas. Corria pela orla da praia todas as manhãs em que acordava em casa e quase sempre levava Francisco para tomar café da manhã numa padaria próxima, com vista para a água doce, mas ainda assim parecia ter deixado de apreciar a beleza daquele lugar literalmente fascinante. A rotina se sobrepôs a esses prazeres, tornando tudo mecânico. Ali, junto dela, era impossível não absorver a energia da paisagem.

- Não me canso daqui. – Ela virou-se para fitá-lo. – Sabe, do Rio. O astral daqui é diferente.

- É, acho que é isso. – Sustentou o olhar dela.

- Obrigada. – Ela tocou ligeiramente o braço dele. – Pelo passeio. E por ontem também. Eu me diverti pra valer. – Ela deu uma risada, agora segurando o braço dele. - Fora o terror que foi tirar aquele vestido encharcado, a noite foi uma delícia.

Ele sorriu, sentindo no gesto dela uma chance de se aproximar. Perscrutou-a por um instante, investigando uma possível reação à investida e flagrou-se rindo de si mesmo. Nunca agiu assim com mulher nenhuma, mas com ela não podia errar, não de novo. Ela recolheu a mão, tirou os óculos de sol e limpou-os na barra da camiseta. Ele admirou-a, o perfil bem traçado sob a sombra do boné. Fios de cabelo fugiam do rabo de cavalo baixo, chicoteando-lhe os ombros, pescoço, Acheron - Nacionais - Apollymi

colo. Ele se repreendeu pelo fascínio que o impedia de tirar os olhos dela, mas quando se obrigou a desviar o olhar, notou que estava sem o anel. Não teve dúvidas - e se teve, não quis pensar a respeito -, empertigou-se, aproximando-se de forma quase brusca, emaranhou os dedos na nuca dela e a puxou para si, beijando-a.

O boné dela caiu, os óculos escorregaram para o banco. Surpresa só no primeiro segundo, ela se entregou, permitindo-se ser sugada por uma onda de calor num beijo intenso e apaixonado. O acelerar desenfreado do peito a deixou alerta, perdida na floresta do proibido e do entusiasmo. Laura retribuiu a ânsia dele com a mesma audácia, acompanhando-o; desejo, rendição e gentileza. Diminuído o embate de lábios e línguas, ele deslizou a boca pela pele do rosto dela, trilhando um caminho que seguiu até a orelha. Uma mão a aproximou mais, a outra pousou na coxa nua. O mero toque despertou a ambos, o encontro das carnes, fusão das chamas.

- Perdi a conta de há quanto tempo queria fazer isso... - A voz dele era um sussurro sensual e inebriante.

- Edu. - Murmurou ela, reunindo forças para impedi-lo de continuar. - Aqui não é o lugar. - O tom foi mais firme, embora ainda vacilasse. - Ele recuou o corpo só um pouco, deslizando uma palma sobre as costas dela, mantendo-a junto de si.

- Eu sei. - Fitou-a. - Me perdoe, está bem? - Balançou a cabeça de um lado para o outro. - Não costumo agir como um adolescente excitado. - Ela deu uma risada generosa.

- Nesse caso, acho que nós dois agimos como adolescentes.

- Foi... instintivo, eu acho. Não consegui resistir. - Deslizou o polegar sobre a maçã do rosto dela, sorrindo. Ele não precisava se justificar, ela compreendia. Num momento de impulso Laura teria subido nele e arrancado suas roupas.

- Sou eu quem precisa se desculpar. - Ela desviou o olhar. Um casal com uma criança passou de pedalinho pela lagoa, apontando algo na calçada. - Antes de deixar que isso acontecesse, eu devia ter resolvido umas coisas, mas sabe, não dá pra... - Ele a beijou de novo na tentativa de calá-la. Os lábios tocaram os dela com ardor, a língua agiu com possessão. Não queria ouvir mais uma palavra sequer, não deixaria que ela lhe dissesse não de novo. - Eu também quero - disse ao se desvencilhar dele, recuando -, mas não posso. Ainda não. - Dedilhou o dedo anelar como se ainda pudesse tocar o anel que não estava lá. - Preciso falar com ele primeiro. - Falou quase para si mesma. - Não está certo agir assim, não é? - Edu assentiu, suspirando com os olhos fechados. Ela não precisaria explicar nada, tudo o que sempre temeu agora se materializava. Ela tinha alguém e ele sempre soube, só não aceitava. Ainda mais agora, ali, quando ela parecia tão sua.

- Eu queria ter comprado uma preta com um salto bem mais alto, mas achei... - Blá, blá, blá. Tinha quase uns 20 minutos que Linda falava sem parar. Algo a ver com uma festa e um vestido, talvez um sapato também. A futilidade da irmã às vezes enchia o saco. - E também o preço estava os olhos da cara. – Ela moldou um biquinho, fazendo um gesto com os dedos indicando dinheiro. – Eu nunca teria coragem de gastar aquela fortuna em um sapato para usar uma vez só. Sabe, eu pensei... -E blá, blá, blá.

Era noite de sábado e o apartamento estava cheio. Jose programou uma festinha para o aniversário de Rafa. Aperitivos gostosos, cerveja gelada e bons amigos, mesmo assim Laura não conseguiu entrar no clima. Nada a fazia tirar Edu da cabeça e a manhã que tiveram na lagoa. Ainda saboreava o gosto da boca dele, um traço da água de coco, o cheiro meio ácido, meio amadeirado do perfume masculino misturado à transpiração. Arrepiava-se ao se lembrar do toque na pele, o frisson causado pelo contato. A imagem não se afastava nem por um momento. A figura atlética, o suor escorrendo pelas têmporas. Enxergava-o com uma precisão assustadora. Ele, ali, sentado ao lado, bermuda de nylon e regata, a luz do sol flamejando sobre a pele nos vãos deixados pela sombra da árvore.

- Laura? Ou! – Insistiu Linda, chamando a atenção dela com estalos contínuos dos dedos, como um mágico que tenta despertar alguém em transe.

- Hã?

- Você não acha? – E antes mesmo que Laura considerasse responder, a irmã continuou. – Porque talvez um batom puxado para o cereja... - Blá, blá, blá.

Por que foi encontrá-lo? Sabia bem no que ia dar. Já havia previsto o desfecho. Queria aquilo tanto como ele próprio e ficou na vontade na véspera. Mas por que aceitou o convite para o dia seguinte? Talvez porque achasse que a chuva não daria trégua e o passeio de bicicleta fosse furar. Quem diria que depois de uma noite como a de ontem o céu emergiria tão limpo? Ainda que tivesse tentado se enganar quando se olhou no espelho pela manhã de roupa esportiva e boné, sabia que o suor e um rabo de cavalo desgrehado não impediriam que trocassem faíscas, ao contrário, a adrenalina do exercício só iria aumentar a temperatura.

Não estava arrependida de tê-lo beijado. Não, mesmo. Só fez o que por semanas quis fazer. Não tudo o que pretendia, porque mesmo que estivesse aberta a novas perspectivas, ainda se sentia presa a Léo. Ficar à vontade com a ideia dependia de ter uma conversa franca com o namorado. Noivo, maldição! -, pelo menos oficialmente. Independente disso, também não se sentia culpada. Tinha a intenção de reviver toda aquela avalanche de sensações luxuriosas de novo, lambuzando-se com o prazer que Edu provocou nela. Ahh!, só de pensar sentia um comichão. Soprou o vão entre os seios por reflexo, a presença de Edu querendo materializar-se. Quando percebeu o mundo ao redor, viu Linda capitalizando as atenções, ensaiando passos de forró com um amigo no centro da sala de televisão.

- Tudo bem? – Jose parou ao lado dela, tocando-a no antebraço. Rafa abraçava a namorada sobre os ombros.

- Tudo ótimo. – Sorriu, encenando a mentira. – Estou observando. – Apontou com o queixo para a irmã.

- Ela não se cansa, não é?

Acheron - Nacionais - Apollymi

- De quê? Do palco? Não, não se cansa mesmo.

- Incrível como ela gosta de se exhibir. – Entrevi Rafa, relanceando o olhar para Linda, que, entre caras e bocas, sacolejava a saia mostrando tudo o que deveria estar escondido. – Nós somos bem diferentes. Eu passaria a noite dentro do quarto, sem público. Eu e Jô.

- Que sem vergonha! – Brincou a namorada, jogando a cabeça para trás para beijá-lo.

- Vocês – disse ele a Laura, mordiscando o ombro da amada - vão ter que usar tampão de ouvido quando esse povo todo for embora. Preciso agradecer minha branquela pela festa.

- Seu descarado! – Laura se fez de ofendida, dando um soquinho no braço dele. – Você está me sacaneando só porque estou na seca, né?

- Só porque você quer. – Arrematou Jose. Laura repreendeu a amiga com o olhar, mas ela nem ligou.

Léo não conseguia abrir os olhos direito. A sensação era de que precisaria de um guindaste para erguer as pálpebras. A cabeça pesava. Achou que os efeitos da bebedeira da véspera viriam só no dia seguinte, mas as consequências das doses de uísque a mais apareceram já no fim da madrugada. Abriu um olho com esforço, lutando com a claridade brutal das luzes do quarto. Pela janela aberta, podia ver que lá fora ainda estava relativamente escuro, a alvorada despontando acanhada nas montanhas a leste.

Com o corpo esmorecido, atolado como um navio naufragado, ele mal conseguia mexer o pescoço e só a possibilidade de fazê-lo causava dor. O perfume doce que reinava no quarto causava náuseas. Uma mão quente e macia massageava-lhe o pênis derrotado. Zonzo de sono, desejou que tudo não passasse de um pesadelo.

- *Baby...*

O inconfundível sotaque de Gemma, somado a um beliscão dolorido no mamilo, trouxeram-no a tona. Queria que a voz dela fosse um delírio. Não era. Ela estava ali. Nua, linda e loira, com aqueles peitos enormes encarando-o. Mas e... Merda! Merda! Merda! Tossiu, engasgando com o ar ao pousar os olhos na outra mulher dormindo ao lado. Aileen, namorada de Antônio. Agora se lembrava. Aliás, com detalhes dispensáveis. Encontraram-se no jantar de encerramento do curso. Gemma passou a noite deslizando aquelas unhas cor de rosa pela virilha dele, acariciando-o sob a mesa enquanto ria desembaraçadamente das piadas da turma. Lembrava-se de tê-la levado para o quarto do hotel em sua consciência e de terem transado. Em pé, na cama e no piso do banheiro, entre doses e mais doses de uísque e Martini. Lembrava-se também, ainda que vagamente, quando Aileen apareceu à porta e... bem, começou a participar da festa. Quando ela chegou, já estava completamente bêbado. Não sabia dizer como aconteceu, só que aconteceu. Tinha uma vaga imagem dela lhe fazendo sexo oral enquanto Gemma se divertia sozinha na poltrona ao lado. Imbecil! Como deixou aquilo acontecer? Olhava-as e se repelia. Tinha duas lindas mulheres ali, depois de uma noite de sexo quente e louco e sentia-se um idiota envergonhado.

Uma rajada de dor atravessou a cabeça dele quando Laura pousou na mente. Embora tivesse dúvidas sobre o futuro do relacionamento, jamais poderia ter agido de maneira tão desprezível. A sensação de fracasso o acompanhou o resto do dia. Tinha ainda 20 dias nos Estados Unidos antes de voltar para casa e não fazia a menor ideia de como lidar com a situação. Puta que pariu! Na mesma noite transou com a mulher de um bom amigo e com a irmã dela. Não era uma fantasia erótica, mas um pesadelo! Lógico que Antônio ficaria sabendo. Por que a maldita foi aparecer lá? Não bastava Gemma? Porra, depois de resistir tanto tempo...

Edu acordou com o corpo latejando. Suado, vibrando, excitado pelo poder de sedução de Laura. Foi só um sonho, mas tão tangível quanto frustrante. Até que ela tivesse a chance de conversar pessoalmente com o noivo seria assim, ele a tocaria só em pensamento. Algo humanamente impossível, mas o combinado. Teria que se satisfazer com a lembrança do corpo dela junto ao seu, do calor desmedido gerado pela proximidade e... bem, com beijos roubados. Sabia que mesmo que inicialmente ela dissesse não, a insistência e a força da atração a fariam mudar de ideia. Continuavam a se encontrar semanalmente no aeroporto e, na maior parte das vezes, quando aterrissavam no Rio, esticavam a conversa em algum lugar e depois ele a deixava em casa. Iam de taxi, mas fazia questão de acompanhá-la. Na semana anterior, quando praticamente implorou para vê-la no sábado, ela marcou numa sorveteria no fim da tarde. O embate aconteceu quando ele a deixava em casa.

- Tudo bem. – Ela assentiu com um aceno de cabeça. - Você pode me levar pra tomar sorvete de pistache. - Ele encenou uma careta de desprazer. Obviamente pensou noutro tipo de programa, algo preferencialmente noturno e em um lugar que, no mínimo, permitisse que trocassem carícias, mesmo que tivesse se comprometido a não se exceder. Ela soltou uma gargalhada sonora e extravagante. - Que foi? Você não gosta de sorvete de pistache? – Provocou.

- Laura. – Ele abaixou o tom de voz a quase um sussurro, tocando a orelha dela com os lábios e pressionando-a contra a parede do corredor de elevadores. Não pretendia atravessar a linha, só queria beijá-la, senti-la junto de si. Convicto de que precisava disso, não iria embora até que ela cedesse ao próprio instinto e lhe desse o que queria. Era tarde da noite e o prédio estava em silêncio. Uma sirene soou distante.

- Edu... – Gemeu, obrigando-se a resistir. – Não, Edu... Por favor... – Contorcia-se com as sensações despertadas. – Nós já conversamos sobre isso. - Ele a encurralou entre os braços, espalmando as mãos no granito e imprensando o corpo ao dela. Calado, fechou os olhos e deleitou-se no cheiro dela, percorrendo o rosto com a ponta do nariz. Um toque rápido e úmido de lábios e continuou o trajeto até a concha da orelha, mordiscando o lóbulo numa atitude íntima e alarmante. Ela não conseguia se mover ou dizer palavra sequer. A voz rouca ecoava inebriando-a, um formigamento alastrando-se como uma doença sem cura, consumindo-a numa explosão de luxúria e insanidade.

- Se você conseguir dizer não mais uma vez - ele sussurrou no ouvido dela, a língua cultivando um arrepio - prometo que não insisto mais. - Alguns segundos se passaram, suspiros, gemidos, falta de ar. Ela reunia forças; queria resistir, na verdade, precisava.

- Não.... - Ele se apossou da boca dela com tanta veemência que a palavra não saiu. Ela resistiu um segundo, dois, e então se entregou. Perdidos um no outro, beijaram-se como se fosse a primeira vez.

Ele sorriu quando ela agarrou o pescoço dele, afundando os dedos na nuca, arranhando-o com sede. As mãos deslizaram pelas costas dela até o quadril, febre acariciando-a, o beijo concretizando a fantasia proibida. A resposta física ao contato nublou a sensatez, encorajando-os a esquecerem-se do compromisso. Com ele tudo parecia tão certo e perfeito que ela achou que estivesse sonhando. Não era só entusiasmo, estava apaixonada. A constatação a fez rir, uma risada tão inocente como a de uma adolescente que descobre o amor. Ali, desejou que o tempo voasse para que pudesse falar com Léo. Sabia o quão egoísta era a decisão e como poderia Acheron - Nacionais - Apollymi

machucá-lo, mas o altruísmo lhe fugia. Só conseguia pensar em si e na sua felicidade. Queria Edu.

- Edu... – Murmurou com a boca na dele.

- Hmmm... – Ele não parava de beijá-la.

- Sorvete. Ahh... De dia.

- Jantar. À noite.

- Sorvete ou nada.- Ele deixou a boca dela e fez um biquinho emburrado. Ela sorriu, tocando os lábios dele com o indicador. - A noite é traiçoeira. – Emendou séria, fitando-o. E então começou a rir, mantendo o discurso ensaiado. – No escuro estamos muito mais propícios às *“tentações da carne”*.

- Não seja por isso – retrucou ele, apertando-a nos braços – , eu acendo as luzes.

Trocaram risadas cúmplices e, com muita dificuldade, se separaram quando pela vigésima vez a porta do elevador se abriu ao comando dela.

Ali, na cama do quarto, sozinho, não conseguia parar de pensar nela. O perfume dela impregnava os lençóis, ainda que ela nunca tivesse estado ali. Ela esteve no sonho dele, de forma tão palpável que pareceu real. Quase podia ver a forma do corpo dela esculpido nas ondas do colchão.

Laura. Desejava-a com intensidade tal que a ansiedade o torturava. Contava as horas para reencontrá-la e poder simplesmente estar ao seu lado. Amava-a. Não era a primeira vez que se apaixonava, mas com ela o sentimento se expandia de forma diferente. Não a queria só pela satisfação sexual, desejava-a por inteiro. Tinha tanto para dividir com ela... Claro que antes de tudo, ia fazê-la sua - caso contrário ficaria louco -, precisava disso, dela nua, nos seus braços. Depois, passaria horas ao lado dela, jogando conversa fora, falando sobre filmes, trânsito e biscoitos. Queria saber tudo sobre ela e contar a ela tudo de si. De Laura queria todo o tempo que ela pudesse lhe dar. E por isso estava disposto a esperar um pouco mais.

Laura sabia que não deveria ir, mesmo assim não resistiu ao convite de Edu. Aquela era a segunda semana consecutiva que ele passava em São Paulo – capital -, sem retornar ao Rio e, diante disso, não se viram no aeroporto nas duas últimas sextas-feiras. Nesse tempo, conversaram pelo telefone e *Whatsapp*, mas não era a mesma coisa. Precisava vê-lo, queria que ele lhe roubasse um beijo. Como gostaria de assumir para o mundo o quanto desejava beijá-lo e permitir que a tocasse... Pensava nisso dia e noite e a única coisa que a impedia de seguir em frente era o medo de ferir Léo.

Ainda assim, não era de ferro e, naquela quarta-feira, ciente de todas as consequências, cedeu ao convite dele. Ele insistiu tanto que ela não conseguiu dizer não, mesmo porque já andava roendo as unhas de saudades. Além do mais, a proposta dele não oferecia risco, pelo menos teoricamente. Convidou-a para um encontro coletivo e, na companhia dos amigos dele, não viu problema. Sete pessoas numa casa latina recém-inaugurada. A noite não podia ser melhor. Comeram, beberam, riram muito e dançaram.

- Então, Laura, você dança? - Perguntou Joaquim, um dos colegas de trabalho de Edu. Estava em pé ao lado dela, a mão estendida. Flávia e Murilo, um casal de namorados que os acompanhavam, estavam na pista há um bom tempo. Carla, amiga de Flávia, afastou-se ao encontrar uma galera conhecida numa das mesas do piso inferior.

- O quê? – Laura levantou-se entusiasmada, aceitando a mão dele. - É lógico que eu danço!

- Sério? – Perguntou Carol, encarando o tubinho preto de Laura, como se estivesse se perguntando se o vestido justo daria conta do gingado que a batida prometia. - Acho que não dá.

- Carol - brincou ela, apoiando a mão livre na cintura – , na família em que eu nasci, qualquer roupa é um *collant*. - Carol deu uma gargalhada, percebendo quando, mesmo discretamente, Laura lançou a Edu um olhar provocante. Já havia percebido que ele não conseguia tirar os olhos dela, mas foi a primeira vez que ela também se mostrou interessada. Formavam um bonito casal, pensou.

A noite correu leve e divertida. Aos poucos, o grupo foi se dispersando, os amigos se despedindo. Restaram somente os dois. Ainda havia um relativo movimento no lugar e alguns casais dançavam lá embaixo, ao som de uma salsa sensual.

- A senhorita me concede a honra? – Edu surpreendeu-a ao voltar do bar, sussurrando no ouvido dela, deslizando a mão pelas costas nuas. De pé, inclinado sobre ela, impedia que ela se afastasse. A resposta do corpo dela foi instantânea. Um arrepio serpenteou a espinha, aumentando a temperatura. - Então? – Insistiu ele, satisfeito com a reação, podia sentir a tensão na ponta dos dedos. – Dançar com você foi um privilégio só do Joaquim?

- Dançar com Joaquim não me oferecia nenhum risco. – Retrucou.

- E eu ofereço? – Ele escorregou os dedos pela lateral do corpo dela, deslizando pelo quadril até as pernas, escondidas sob a mesa, acariciando-a com falsa displicência. Quando a mão roçou rapidamente a parte interna das coxas, ela engoliu um gemido.

- Você oferece mais risco aqui do que lá embaixo. – Levantou-se, seguindo na frente, consciente de que atrás dela ele devorava-lhe as curvas, esforçando-se para respirar normalmente.

O ambiente latino, a música, o brilho das luzes, o calor, tudo, absolutamente tudo, conspirava a favor, criando o clima perfeito para uma noite impulsiva de sexo maravilhoso e inesquecível. O atrito dos corpos gerava fagulhas, centelhas explodindo no sangue. Ela dançava para ele, os cabelos serpenteando pelas costas nuas, varrendo o vão dourado entre os seios. Os quadris tocavam-se, os sexos vibrando no mesmo ritmo, os movimentos prometendo prazer. A urgência se agitava entre as pernas dele, os batimentos cardíacos cada vez mais eloquentes. Não havia mais discernimento. Ele não sabia se a onda de calor era reflexo da dança ou do fogo que se alastrava nas calças.

Uma música bastou. Ao final, estavam cara a cara, olhos nos olhos, todo o resto nublado. Tantos eram os sentidos envolvidos que os corpos latejavam. Ele a rodopiou nos braços, surpreendendo-a com a violência do confronto; a espinha dela colada ao tronco dele. Sem conseguir sufocar um gemido, ela grunhiu. Desejou-o com tanta veemência que se perdeu numa janela de expectativas. Teve certeza de que o fervor varreu a sanidade, mas ainda assim não quis voltar ao juízo normal. Foi ajuizada a vida toda e, mesmo consciente de que estivesse se precipitando, decidiu ir contra tudo que considerava de bom senso. Não ia pensar no amanhã, em Léo ou nas consequências. Por um único dia, num só momento, ia fazer o que tinha vontade. Mais, aquilo que o coração mandava.

A claridade azulada da noite vagava pelo ambiente escuro, feixes intercalados através dos vãos mal fechados da cortina. Edu e Laura romperam porta adentro com tanto entusiasmo que não se lembraram de acender as luzes ou sequer pensaram nisso. Mas se no quarto 802 a luz estava apagada, dentro dele estrelas cintilavam, um clarão indicando o portal da felicidade. O momento materializava a vontade reprimida há muito tempo. Em pensamento, porém, Laura imaginou a primeira noite em contexto e cenário diferentes. Primeiro, porque já teria colocado um ponto na relação com Léo. Segundo, porque apesar de pragmática, talvez esperasse algo mais romântico. Não sabia dizer a razão da fantasia, até porque poesia não fazia muito seu gênero, mas idealizou uma transa à luz de velas, num quarto aconchegante depois de um jantar regado a vinho e chocolate suíço.

Ali, com Edu, no apertado quarto de hotel que ele ocupava, não havia nada disso, mas conseguia ser ainda melhor. Simplesmente porque era real demais, intenso e desprezioso. Inesperado, como tudo que os envolveu desde o início. Ela mal se lembrava de como chegaram ao hotel. De taxi; era o que sabia. O frenesi implodiu o equilíbrio, cegou-a. Não se importava se a luz estava apagada e fantasiou o momento sob uma dúzia de holofotes, até porque a mente já estava repleta de imagens. A visão definitivamente não fazia falta, o simples contato do corpo com o dele produzia um filme.

Pensamentos e emoções flutuando, eles se engalfinhavam numa dança erótica e atrapalhada entre o curto espaço entre a porta e a cama. Quando, às vezes, os raios de luz noturna os alcançavam, ela se surpreendia buscando mais informações. Quanto mais sabia sobre ele, mais seduzida ficava. A escuridão tornava o desejo viciante, o contato alavancando o incêndio. Bocas devoravam-se, mãos esfolavam os tecidos, buscando a pele. Havia empolgação a cada nova plegada descoberta, o calor desértico enraizando-se nos corpos.

- Seu selvagem... – Ela gemeu nos braços dele, sentindo os lábios ávidos inflamarem-na no pescoço.

- Você me enlouquece, eu... não consigo pensar... – Disse ele com a boca grudada à pele dela. Tentando conter-se, diminuiu o ritmo. – Posso ir mais devagar se você quiser...

- Não! – Laura agarrou-o pelos ombros, enganchando as unhas no tecido da camisa dele. – Eu quero assim, desse jeito, como você me quer. - Edu emaranhou os dedos nos cabelos dela, possessivo, pressionando-a pela nuca com a força da urgência. O brilho dos olhos dele encontraram os dela quando um estreito feixe de luz atravessou o vão entre os rostos. Tudo estava dito ali. Por um único instante, volúpia de lado, trocaram declarações mudas. Ele a beijou com a fúria do desejo contido, sentindo-a entregar-se à mesma paixão.

- Que foi? – Murmurou ela ao surpreendê-lo de olhos abertos, afastando-se um único segundo.

- Quero ter certeza de que estou acordado, porque parece um sonho.

Laura pousou os lábios nos dele e, com um sorriso travesso, deslizou a mão pelo torso másculo, o quadril, até o sexo. Então riu com a boca na dele, os olhos negros engolindo-o, fazendo-o arquear para ela, dominado.

- Acho que você está bem acordado. – Beijou-o, um festival de promessas.

Quando ele desceu o zíper do vestido dela, ela teve certeza de que o ar faltou. O corpo nu foi tomado por um arrepio potente e louco e, sem querer pensar em mais nada, foi ela quem o empurrou sobre a cama.

As dúvidas que Léo buscava esclarecer com a viagem foram respondidas logo nas primeiras semanas. Nada ou ninguém que deixou para trás faziam falta na sua vida. Acontece que, nos últimos dias, a clareza de ideias e sentimentos foi enegrecida pela sombra da culpa. Depois da noite de sexo tórrido e banal com Gemma e Aileen, foi estranhamente tomado por uma crise de consciência. Levaria meses para se recuperar da ressaca moral.

Agora, no banheiro vazio do aeroporto de Guarulhos, encarava o espelho relembrando a própria idiotice. O reflexo do homem obrigava-o a enxergar o que se tornou. Um babaca covarde que, não fosse a misericórdia de dois colegas na manhã seguinte ao ocorrido, teria levado uma surra memorável de Antônio. Nada que fizesse consertaria seus atos. Tornou-se um merda. Por isso, precisava de Laura. Ela lhe dava equilíbrio. A viagem, o curso, a distância. Foi tudo um erro. Não devia ter negligenciado o relacionamento. Ignorou as tentativas de contato dela, as mensagens de *Whastapp*, brigou com ela todas as poucas vezes em que se falaram. Em quatro meses, não lhe comprou nada, a não ser um monte de chocolates do *Duty Free*. Onde estava com a cabeça quando lhe deu as costas num momento tão delicado? Repugnou e reconsiderou a decisão de terminar tudo. Não queria mais ficar sem ela, não podia. Sabia exatamente aonde vinha pecando e estava disposto a consertar as coisas. E não, não contaria a ela o que aconteceu em Nashville, provavelmente jamais o faria. Ela não seria capaz de perdoá-lo. Ficaria histérica, gritaria e com certeza desta vez ia quebrar aquele cinzeiro de murano na cabeça dele.

Por um instante ele achou que não teria forças para sair do banheiro do aeroporto. Estava de volta ao país e à realidade. Precisava ver Laura e faria isso o quanto antes. Simplesmente não dava para esperá-la voltar ao Rio no fim da semana. Ia encontrá-la já.

Deixar Laura ir embora daquele jeito com certeza foi uma das coisas mais difíceis que Edu fez na vida. Ainda não conseguia acreditar que uma noite tão incrível acabou sem o fim. Não registrou exatamente como aconteceu, só que, enquanto ainda estavam nas preliminares, o celular dela tocou algumas vezes dentro da bolsa sobre a cama e, depois, quando a bolsa caiu aberta no chão, veio a voz *dele*. Do tal noivo. De alguma forma, o viva-voz foi acionado.

- Laura? Querida, não consigo te ouvir. Acabei de chegar ao Brasil. Antecipei minha volta, eu sei. Preciso te ver. Estou aqui mesmo, em São Paulo, te esperando no seu hotel. – Uma pausa. - Laura?

Ela retesou o corpo de tal forma que Edu entendeu imediatamente de quem se tratava. Quando ele finalmente acendeu as luzes não foi para ver o corpo dela, mas acalmá-la. Não a queria aturdida nos seus braços. Ainda não havia tido a oportunidade de dizer a ela, mas amava-a e iria protegê-la. Ela sentou-se na cama fitando o próprio corpo e, quando ergueu a alça caída do sutiã, escondia um sorriso atormentado. Como ele, não conseguia acreditar no que estava acontecendo.

- Ai, Edu, desculpe. Eu... – Ele foi mais rápido do que ela, interrompendo-a com um toque nos lábios. Ela se desvencilhou. - Estou tão envergonhada. – Cobriu o rosto com as mãos. Ele pousou as mãos sobre as dela, descobrindo-lhe a face e obrigando-a a fitá-lo. A íris verde brilhava compreensiva e por um instante ela desejou abraça-lo, confortar-se junto a corpo dele, embora soubesse que não devia.

- Não se sinta assim, por favor. – Ele acariciou a linha do maxilar dela com o polegar, arqueando-o quando ela desviou o olhar. - Não se sinta assim comigo.

- Eu... – Ela refreou as palavras diante de um leve movimento de cabeça dele.

Como Laura, Edu chegou a pensar que felizmente não terminaram de se despir e fazer amor. Se tivessem transado seria pior. Ela ficaria atordoada e ele jamais a deixaria ir ao encontro do noivo na primeira noite, sequer suportaria vê-la arrependida. De todo modo, foi horrível ajudá-la a se vestir. Segundos antes, estava deitada na cama dele, deliciosamente excitada naquele lingerie preta e, de repente, ele a auxiliava a destravar o zíper do vestido. A sensação era dilacerante; o ciúme, passional.

Quando ela tocou a maçaneta, ele espalmou a mão na porta, obrigando-a a encará-lo. Entreolharam-se por minutos, calados, incrédulos. O silêncio parecia a escolha certa. Ele acariciou a face dela, contornando as maçãs do rosto e a boca. Inclinou-se para tocar os lábios com os seus, num beijo terno e doce. Ela correspondeu desejando voltar no tempo, desligar o maldito telefone, explodir o óvulo e o espermatozoide que deram origem a Léo.

- Faça o que você tem que fazer. – Foi o que Edu disse antes de beijá-la mais uma vez logo após abrir a porta. E quando ela saiu, ele se viu sussurrando sozinho. - Só não deixe de voltar para mim.

Seria uma conversa franca. Não podia ser diferente. Ela não ia conseguir fingir que as coisas continuavam como antes ou que não estava apaixonada por outro homem, ou que, minutos atrás, não estava com esse mesmo cara, praticamente nua na cama dele. Seria honesta com Léo. Contaria a verdade, diria como pensou na relação nos meses em que ele esteve fora, falaria sobre a angústia que desenvolveu com a ideia do casamento e como passou a acreditar que a amizade era mais forte do que o amor que os unia. Também contaria que se apaixonou e que estava decidida a ficar com o homem que amava. A última parte era a mais difícil de ser dita, não conseguia imaginar a reação dele. Afinal, como em apenas 4 meses deixou de amá-lo e se apaixonou por outro?

Bem, não foi exatamente assim. Na verdade, os sinais de desgaste do último ano transformaram-se numa animosidade gritante nos meses em que ele esteve longe, tornando o pouco contato indiferente e até hostil. A distância e o ressentimento a tornaram vulnerável, ela conheceu Edu e, daí em diante, as coisas aconteceram. Não estava responsabilizando Léo por nada, até porque não considerava mais a hipótese de Edu não ter aparecido na sua vida. Simplesmente não era capaz de conceber que não estivesse predestinada a conhecê-lo. Mesmo assim, achava que se Léo tivesse tido um pouco mais de bom senso quando resolveu jogar a sujeira para debaixo do tapete, agora não estaria ali, procurando as palavras certas para dizer a ele que o substituiu por outro. Se é que existia um jeito ideal para isso.

Desceu do taxi decidida. Honestidade, repetiu para si mesma algumas vezes, embora se sentisse retrair diante da promessa de magoá-lo. Por Deus, não queria que ele a odiasse ou sofresse, mas que outra saída tinha? Quis avançar o relógio para que a conversa passasse rápido e sem efeitos colaterais, mas assim que adentrou o saguão do hotel e deu de cara com ele à sua espera, teve a ligeira sensação de que o tempo parou e de que o mundo estava contra ela.

Laura queria ter refutado o beijo de Léo no saguão. Ainda tinha na boca o gosto de Edu, os sentidos ridicularizando qualquer outra intimidade diante da memória de minutos atrás. Léo foi gentil como sempre, embora entusiástico demais. Ele a abraçou com uma dose inexplicavelmente alta de alegria, beijando-a num impulso primitivo e um tanto sexual. Conhecia-o bem demais para saber que o alvoroço não era resultado de saudade. A postura mudou muito rápido, uma felicidade sem propósito depois de tantas farpas.

Ainda que soubesse que ele estava exausto da viagem, não suportava a ideia de fingir que estava tudo bem e que eram só mais um casal celebrando o reencontro. Queria resolver tudo logo, tinha urgência em abrir o jogo. Ele pediu para tomar um banho e ela não conseguiu dizer não. Enquanto escutava a água do chuveiro escoando, a mente fritava. Estava convicta de que não podia passar daquela noite, do contrário ficaria sujeita às investidas sexuais dele e não teria justificativas para recusá-las. Sabia que ele estava cansado, mas entendeu o beijo de reencontro como um recado. Havia uma promessa ali e ele estava disposto a cumpri-la. Foi por isso que quando ele sugeriu que ela também tomasse um banho, nem pensou duas vezes. Correu para o banheiro e trancou a porta. Talvez uma ducha quente indicasse a saída. Ganharia tempo para pensar um pouco mais, mesmo que não tivesse o que pensar. Estava tudo resolvido, não? Deus, estava com o cheiro de Edu impregnado no corpo, a saliva seca nos arredores do umbigo, o lóbulo da orelha ainda latejava com a expectativa de prazer. Com uma arrancada na porta do banheiro, surpreendeu-o. Nu, em pé à beira da cama, ele procurava algo na mala. Ela expirou alto, fechando os olhos por um instante, envergonhada.

– Que foi? – Ele riu. – Até parece que você nunca me viu pelado.

E quando ela voltou ao banheiro a passos largos, retornando com um roupão nas mãos, ele fez um gesto sem entender.

- Vista, por favor. – Laura espalmou o roupão no peitoral dele. – Precisamos conversar. Não consigo esperar mais.

- Tudo bem. – Ele respondeu com um sorriso, cobrindo o corpo. Percebeu que ela arregalou os olhos ao notar a caixinha de veludo na mão dele. – Você estragou a surpresa, então... - O mau pressentimento chegou junto com o *flash* de consciência. O corpo dela estremeceu com um calafrio, na garganta, um nó se formou. A cena passava em câmera lenta. Não conseguia se mexer, estava atônita. Só viu quando ele mergulhou um dos joelhos no chão. A alma saiu do corpo, era um espírito presenciando o próprio velório. Não dava para dizer como aconteceu, mas quando encarou a mão direita, a aliança estava lá. Um único e pequeno brilhante cravado no elo de ouro amarelo, encarando-a insistentemente do dedo anelar. Ele, de pé, sorria. - Sei que já te pedi em casamento antes, mas faltava isso aqui. – Acariciou a mão dela. Léo usava uma aliança também, sem o brilhante. – Agora não falta mais. Não falta mais nada.

Ela mal sentiu quando os lábios dele tocaram os dela. Ouviu vagamente quando ele perguntou onde estava o outro anel e depois dizer algo como se não importasse. Talvez tenha dito que não erraria novamente, não se lembrava de nada com exatidão. Quando caiu em si, sentindo uma dor quase física, ele estava com as mãos recheadas pelos seus glúteos, correndo a boca pelo seu pescoço. Também não sabia dizer quanto tempo levou para reagir. A cabeça estava tomada de pensamentos nebulosos e, num lugar distante, a memória dos últimos momentos com Edu. Não se sentia impotente, ao contrário, a decisão estava tomada, mas o rumo das coisas a deixou tão

Acheron - Nacionais - Apollymi

atordoada, que simplesmente não conseguia esboçar uma reação. Como dizer que não queria se casar e ainda por cima estava apaixonada por outro, logo depois dele se ajoelhar e colocar uma aliança no dedo dela? Seria cruel demais, lógico que ia feri-lo. Droga!, como as coisas viraram do avesso desse jeito? Não é que em certo momento até acreditou que ele pensasse como ela? Fazia todo o sentido. Ia deixar passar, pelo menos por enquanto. Ia dar a ele a chance de descansar e retomar a rotina, depois teriam uma conversa honesta, aquela que pretendeu desde o início. Quanto ao sexo, contudo, não dava. Simplesmente não dava. Quando ele apalpou os seios dela, a negativa foi quase repreensiva, surpreendendo-o.

- Não, Léo. – “*Por favor, não, não insista*”, reprisava mentalmente, fugindo da boca dele. – Você está cansado, eu também. Não precisamos do clichê para selar o momento, não é?

- Não estou tão cansado assim... Não para você. – Acariciou o rosto dela, varrendo-lhe os cabelos dos ombros. - Achei que você estivesse com saudades. – Essa última parte saiu mais com um tom de suspeita do que de manha.

- E estou. – Ela se desvencilhou dele, afastando-se enquanto recolhia e dobrava a colcha que cobria a cama. – Só achei que podíamos conversar um pouco. - Fitou-o, persuadindo-o, como se o culpasse de só querer transar. Sentiu-se ridícula ao agir daquela forma, mas se viu sem alternativas. -Você acabou de chegar, ficamos tanto tempo longe um do outro...

- Me perdoe, meu bem. – Ele aproximou-se, retirou a colcha da mão dela, pousando-a na poltrona ao lado. Deslizou as mãos nas almofadas dos ombros dela, massageando-os e deu-lhe um beijo rápido. – Você disse que queria conversar desde o início. Sou um idiota. Por que você não toma aquele banho e passamos o resto da noite nos atualizando?

Foi difícil convencer Léo a deixá-la em São Paulo e voltar sozinho ao Rio, mas foi persuasiva o suficiente. Insistiu que ele deveria aproveitar os próximos dias para reestruturar a rotina e, graças a Deus, ele pegou logo um dos primeiros voos da manhã. Já ela teria, até reencontrá-lo, mais dois dias pela frente, então usaria esse tempo para pensar no que fazer, ou melhor, em como fazer. Sentia-se exausta, emocional e fisicamente. Dormiu pouco à noite, talvez 3 ou 4 horas, no máximo. Passou a madrugada conversando com ele que, estranhamente, pareceu mais interessado no falatório dela do que em contar as próprias novidades. A maior parte da noite correu com ela falando, falando e falando. Sobre o dia a dia na empresa, a festa de aniversário da mãe, as maluquices de Linda, o pneu furado da bicicleta, o aumento da taxa de condomínio. Só quando teve certeza de que ele estava esgotado e não tentaria nada, conseguiu dormir; um sono turbulento e entremeado de vozes paralelas. Normalmente dormia como uma pedra, mas naquele dia... Talvez fosse o susto com a história das alianças ou porque não se sentia à vontade de estar com ele na mesma cama, só sabia que não dormiu bem. Ele também não. Teve certeza disso quando deu de cara com ele saindo do banheiro pela manhã. As olheiras estavam profundas e ele não parava de bocejar.

- Não consegui pregar o olho. – Resmungou, espreguiçando-se.

Então o convenceu de que não fazia sentido continuar naquele quarto de apart-hotel apertado e desconfortável enquanto ela estivesse trabalhando. Logo no dia seguinte, à noite, poderiam se rever no Rio, e enquanto isso ele deveria repor as energias, até porque na segunda já recomençaria no escritório. Para ela, foi a saída perfeita. Ganharia o tempo de que precisava e ainda evitava que tivessem que dividir a mesma cama de novo. Na sexta-feira à noite, pensou, tomaria uma atitude.

- Nem consigo acreditar que você está aqui, Jô. – Laura abraçou a amiga, descansando o queixo no ombro dela.

- Acho que decidi fazer essa viagem na hora certa, não é? – Jose se referiu à ida a São Paulo naquela semana. Há meses planejava comprar materiais para começar a fazer bijuterias, mas acabava prorrogando a ideia.

- Você nem imagina... – Laura recuou o corpo, fitando a amiga.

- Vai, me diz aí, o que está acontecendo?

- Eu fui pra cama com ele. – Jose arregalou os olhos, não surpresa, mas com expectativa.

- Não chegamos ao finalmente porque foi quando Léo ligou e... – Sacudiu a cabeça de um lado para o outro, tentando afastar a lembrança. – Bom, você consegue imaginar.

- Que azar, hein? Bem no meio do vuco-vuco? – Laura não conseguiu segurar uma risada.

– Não tínhamos chegado ao vuco-vuco, mas foi isso, você entendeu.

- Então? – Os olhos de Jose buscaram os dela. – O Léo chegou e mudou tudo? Você está arrependida?

- Não! – A resposta foi rápida e segura. – Mas não sei o que fazer agora. – Ela ergueu a mão com a face para fora, tocando a aliança com a unha do polegar para chamar atenção.

- Mentira! – Jose agarrou a mão dela com um puxão, observando o anel. – Que filho da puta! Parece até que ele sabia o que estava acontecendo.

- Ééh... – Laura soltou o ar pela boca num suspiro longo e cansado, olhando a própria mão direita. – Linda disse que ele aprontou alguma e está se sentindo culpado.

- Faz sentido. – Jose espremeu o olhar, alisando o queixo com os dedos, pensativa. – Ele enrolou tanto tempo para comprar essas alianças e de repente, de uma hora para outra, depois de viajar um dia inteiro... Não sei não... – Estalou a língua. – Ele tem todos os defeitos do mundo, mas a gente sabe o quanto ele sempre foi leal a você.

- É por isso que estou me sentindo tão pequenininha.

- Não adianta se culpar. Você se apaixonou, acontece. E quem deixou você aqui sozinha num momento tão delicado pra vocês foi ele. Se alguém é culpado, é ele.

- Eu sei que ele é culpado também, mas isso não me isenta em nada. Eu estava tão resolvida, Jô. Parecia tudo tão claro...

- Não está mais?

- O quê?

- Resolvida.

- Estou, estou sim. Esse tempo longe dele me fez entender as coisas. Não amo mais o Léo. – Franziu o cenho, estranhando a própria conclusão. – Quero dizer, eu amo, de outro jeito, ahh!, você sabe. – Deu de ombros. – Amo o Edu. Estou apaixonada por ele! – Passou as mãos pelas têmporas, deslizando-a pelos cabelos. – Só que isso aqui – ergueu a mão novamente mostrando a aliança – tornou as coisas muito mais difíceis.

- Eu não acho. - Laura ergueu as sobrancelhas. - É, não acho. Você já era noiva antes disso. Tinha até um anel aí nesse dedo antes.

- Eu tirei. – Abaixou o tom de voz, sentindo a necessidade de se explicar. – Quando tomei a decisão de acabar tudo e ficar com Edu. – Deu um suspiro comprido. – Embora agora eu não saiba mais se ele quer ficar comigo.

- Claro que quer. Você colocou o mel na boca dele.

- Mas tirei e fui me encontrar com outro homem. Meu noivo, pra ser mais precisa.

- Não acho que isso tenha mudado nada. Principalmente depois do que você contou que está rolando.

- Preciso de um conselho, Jô. - Jose pegou as mãos da amiga, sentindo a tensão dela nas suas.

- Vai parecer coisa de novela – fez uma expressão debochada, na tentativa de descontrair -, mas eu, no seu lugar, não perderia meu tempo pensando. Sua decisão já está tomada e agora você só precisa agir. Paciência se Léo sair machucado, isso faz parte. – Deu de ombros. - Não fique empurrando com a barriga, isso só vai tornar as coisas ainda mais difíceis e magoar Edu. No final das contas, não é ele quem importa?

Quando Laura ligou, Edu estava no pátio da montadora, sondando a manifestação grevista. Eram pouco depois de 11h00 e não escutou o telefone tocar por conta da balburdia nos portões da fábrica. Os empregados da montadora empunhavam faixas, cartazes, usavam apitos, protestando contra as demissões em massa no ABC Paulista. Um homem dentro de um Uno Mille no meio da multidão discursava com uma bandeira do Sindicato dos Metalúrgicos numa mão e um alto falante na outra. Ele não era contra atos de reivindicação, ainda mais com o perfil pacífico como aquele, mas, talvez em função do atual estado de espírito, estava aborrecido com a gritaria. Ficou ainda mais quando perdeu a chamada de Laura. Retornou assim que pôde, trancafiado na sala dos arquivos digitais, tentando abafar o barulho lá de fora, mas não conseguiu ouvi-la. Segundos depois, ela enviou um *Whatsapp*: *Queria te encontrar antes de voltar ao Rio. Precisei adiantar o voo. Embarco às 16:10h. Será que você consegue chegar a tempo?*

Ele estava fazendo de tudo para isso. Saiu da fábrica antes de 14h00, mas naquela sexta-feira o trânsito não dava trégua. Esperou tanto para poder vê-la novamente, conversarem, saber o que aconteceu entre ela e o noivo dois dias antes que não queria acreditar que não a alcançaria. Desde a noite em que estiveram juntos, em São Paulo, não a via. Logo na quinta-feira pela manhã, precisou voltar a São Caetano do Sul e, não fosse o planejamento da exposição para uma reunião da diretoria naquela tarde - que acabou cancelada! -, teria dirigido até a capital na quinta à noite só para ficar cara a cara com ela.

Ela negou-se a contar a ele o que quer que fosse pelo telefone, dizendo que era assunto para ser tratado pessoalmente. Estava certa, só que ele estava ansioso demais. Pretendia afundar o pé no acelerador, mas ficou retido no engarrafamento por quase uma hora. Outros grupos de manifestantes tomavam as vias de acesso à cidade e, em pouco tempo, a rodovia estaria interditada. Só agora, perto do aeroporto, conseguia manter uma velocidade minimamente decente.

- Consigo chegar em mais uns quinze minutos. – Ativou o viva-voz ao ligar para ela, do trânsito. - Embora estivesse com os olhos colados na estrada, estava disperso e dirigia no piloto automático.

- Espero que sim – respondeu ela sem entusiasmo –, mas não sei se dá tempo. O voo está no horário. - Não queria tratá-lo daquela forma, mas não podia agir diferente. Antecipou o voo de volta para o Rio para poder acompanhar Léo à festa do escritório que o oficializava como sócio e achava indigno criar expectativas em Edu quando estava indo ao encontro do noivo. Óbvio que aquilo não se encaixava nos planos, mas não podia deixar de estar ao lado de Léo naquele momento. Era a celebração de uma conquista, algo pelo qual ela sempre torceu. Não havia nada além. No mais, não tinha culpa de terem antecipado a tal festa, talvez tivessem a intenção de surpreendê-lo, sei lá.

- Me espere, por favor. – Insistiu Edu. - Qual a razão desse voo mais cedo? Achei que teríamos tempo...

- Foi uma mudança de última hora. – Interrompeu-o ela, engolindo em seco. Trocou os voos na véspera, assim que Léo a avisou. Contou a Edu só na sexta-feira pela manhã premeditadamente, apostando que ele não conseguiria chegar a tempo no aeroporto. Não que não quisesse revê-lo, Deus, sonhava em reencontrá-lo, mas para terminar o que começaram duas noites antes e não para ver frustração nos olhos dele de novo - principalmente quando decidiu Acheron - Nacionais - Apollymi

prorrogar mais uma vez a conversa com o noivo. Não seria capaz de falar com Léo num dia festivo. Por isso, decidiu que daria um passo de cada vez, sem atropelar o respeito que devia a Léo e a honestidade que Edu merecia. Não ia cair nos braços dele novamente antes de resolver a situação de uma vez por todas. Não podia brincar com os sentimentos de Edu nem incitá-lo a duvidar dos seus. Então fugiria sim, só mais um dia. No mais tardar no sábado ou, quando muito, domingo, estariam juntos.

- Você vai passar a noite com ele. – Edu não perguntou, fez uma afirmação.

- Sim, eu vou. – Confirmou ela. Ele travou o maxilar ao ouvi-la. – Mas não vamos... Edu, é só uma festa. - Houve um silêncio incômodo. Ele respirou fundo, tentando espantar o ciúme e a raiva.

- Você não tem que me explicar nada, Laura. Ele é seu noivo.

Nada que ele tivesse feito ou dito teria doído mais. Era verdade, Léo era o noivo, posição que ocupava porque *ela* não tomou uma atitude. E agora, por ser covarde, fazia Edu sofrer, logo o homem que lhe devolveu a felicidade.

- Eu preciso ir. Vou embarcar. Ligo assim que puder.

Primeiro veio a raiva, depois a dor. No final, Edu afogou-se num mar de desencanto. Amava Laura. Não sabia como nem quando aconteceu, mas estava seguro do que sentia. Há tempo entendeu que estava apaixonado, do contrário não se submeteria a uma situação como aquela, mas amá-la? Um dia ela foi só mais uma maluca no aeroporto, mas de repente não conseguia ver o mundo sem ela; ela fazia parte das pretensões de futuro, dos planos do presente. Não estava exatamente assustado com a própria conclusão, mas certamente surpreso. No fundo, sempre soube que era isso que faltava, uma Laura.

Ela era sua. Sua? De onde tirou essa ideia idiota? Nunca foi sua. Nem por um momento sequer - e faltou tão pouco!. Sempre foi *dele*, do maldito noivo. Pensar nisso o deixava furioso. Foi passivo e paciente demais. Agora corria o risco de perdê-la porque foi uma mulherzinha. Isso soava machista e até arrogante, mas não conseguia afastar a ideia de que se tivesse agido mais rápido, ela não estaria dividida. Maldito trânsito, tivesse chegado minutos antes pelo menos saberia o que estava se passando na cabeça dela. Agora não estaria se sentindo assim, tão impotente.

A sala de embarque de Congonhas era uma nuvem de cores e movimento, a noite de sexta-feira seguindo o curso - agitada, barulhenta, exasperante. A tela de embarques e desembarques informava um pequeno atraso nos voos que iam e vinham do Rio. Lá chovia sem parar desde aquela manhã. Felizmente não havia cancelamentos. Em meio àquele mundaréu de gente, estava só. Há meses dividia o momento com Laura - a volta para casa depois de uma semana esgotante. Conversavam, riam, comiam - ela comia! - e conversavam mais. A presença dela transformava o salão cinza do aeroporto num lugar agradável.

Naquela noite, depois de três semanas ininterruptas em São Paulo, desejou mais do que nunca sumir dali. Queria algo familiar e doméstico, um lugar onde pudesse ficar sozinho e se ocupar com afazeres que fugissem à rotina, afastando a lembrança dela e do que agora ela representava.

- Estou no caminho. – Informou Laura pelo telefone, entregando ao taxista o endereço do escritório do noivo. – É no 11º andar mesmo ou o prédio tem um salão de festas? - Léo não respondeu de imediato, deu a ligeira expressão de que tentou abafar um gemido.

- Nós cancelamos. – A voz dele soou desnivelada. – Desculpe, não consegui te avisar antes. Você pode voltar pra casa.

- Cancelaram? – Surpresa, ela tocou o ombro do taxista, acenando para que ele encostasse o carro por um momento. - Por quê? O que aconteceu?

- Nada demais. – Ele não soava convincente, ao contrário, ela teve certeza de que estava mentindo. – Foi só um... acidente. Eu... – Praguejou alguma coisa que ela não entendeu.

- Léo, pelo amor de Deus, o que aconteceu? Onde você está?

- Não aconteceu nada demais. Estou em casa, meu bem. Está tudo certo, eu juro. – Gemeu de novo, engolindo um palavrão. - Volte pra casa também. Está chovendo muito e não é seguro ficar andando por aí com esse tempo. Ligo amanhã pra conversarmos, pode ser?

Havia algo errado. Léo estava tentando evitá-la por alguma razão, embora tentasse soar natural e despreocupado. Já ela, só conseguia pensar no que aquela festa acarretou no seu dia. Edu dirigindo a mil km/h para alcança-la no aeroporto, o sacrifício de não encontrá-lo antes de voltar ao Rio, a mágoa que causou nele.

- Não, não pode ser. – O volume da voz saiu ainda mais alto do que ela pretendia, a irritação presente em cada palavra. – Você disse que houve um acidente. Não vai me dizer qual? - O motorista lançou um olhar furtivo pelo retrovisor. Ela encarou o espelho e, quando ele voltou a observá-la, desculpou-se com um gesto rápido.

- Laura, a festa foi cancelada. – Ele segurou um gemido. - Um imprevisto. Puta Merda! – Disse, numa explosão impensada.

- Imprevisto um ova! - Gritou ela. – E puta merda digo eu! – Ignorou quando o motorista voltou a encarar o retrovisor. - Deixei São Paulo mais cedo por sua causa, Leonardo, deleguei uma dúzia de tarefas importantes, cancelei um compromisso - pensou em Edu -, cheguei ao Santos Dumont debaixo de um temporal, entrei e saí de casa como uma louca para chegar a tempo de te prestigiar, levei quase uma hora para conseguir um taxi nessa droga de cidade alagada e você ainda mente pra mim?

- Não estou mentindo, só que... – Insistiu, incapaz de convencê-la.

- Tudo bem, então. Você me liga amanhã, certo?

- Claro, amanhã nos falamos. Você entendeu que...

Antes que ele terminasse, ela desligou o telefone e orientou o motorista do taxi a fazer o retorno. Ia ao apartamento dele. Se Léo estava pensando que ia tratá-la como idiota, quando se esforçou tanto para poder estar com ele naquela noite, estava enganado. Devia a verdade a ela, era o mínimo que merecia dele.

A Chuva forte do início da noite deu lugar a uma garoa fina e insistente. Quando o taxi entrou na rua do prédio de Léo, um lugar tranquilo e estritamente residencial, ela se surpreendeu com o movimento. A curiosidade a fez apertar os olhos, as imagens borradas pelo vidro embaçado do carro. Só viu quando um Sedan prata estacionou em frente à casa de estilo modernista alguns metros adiante. Um senhor desceu do carro e foi de encontro ao sujeito na calçada. O homem, de punhos cerrados, andava de um lado a outro na chuva, aparentemente atordoado. No portão, uma senhora de meia idade, num robe claro e um guarda chuva, parecia insistir que ele entrasse. Na padaria da esquina, clientes se aglomeravam sob o toldo da fachada, bisbilhotando.

De pé na guarita, braços cruzados, Clóvis inspecionava o movimento da rua. O porteiro, um jovem pálido e rechonchudo, vestia um casaco cujo brasão no peito mudava de cor com luminosidade refletida pela televisão da portaria.

– Clóvis? – Acenou ela, escondendo-se da chuva sob a marquise. Saiu com tanta pressa de casa que deixou a sombrinha no móvel atrás da porta. - Tudo bem?

- Estou bem, Dona Laura. – Respondeu ao cumprimento assim que ela passou por ele. - Acho que o doutor é que já teve dias melhores, não é? - Arqueou as sobrancelhas, esperando que ela rendesse conversa. Preguiçoso, maconheiro e também fofoqueiro, acrescentou ela mais um defeito às conhecidas características dele. Já desconfiava que tivesse algo errado, agora, porém, tinha certeza. Só não imaginava que fosse algo tão notório, a ponto até do porteiro estar sabendo. - Imaginei mesmo que a senhora fosse chegar logo. – Emendou Clóvis. – Eu disse ao doutor que devíamos ter chamado a polícia. O mundo está do avesso, não se pode mais sair na rua sem... - Ela o interrompeu com um gesto vago, o sangue fervilhando.

- Não avise que estou subindo, ok? - Deu uma piscadela para ele. – Vim dar apoio.

O porteiro assentiu com ar de cumplicidade, excepcionalmente calado, acompanhando-a até o elevador social. Por um único segundo, Laura sentiu uma pontada de preocupação. Minutos antes, quando falou com Léo, teve a clara impressão de que ele sentia dor, e tinha aquele papo de chamar a polícia, não sabia o que pensar. Teve certeza, entretanto, de que se fosse algo sério ele não estaria em casa.

Ela tocou a campainha, bateu na porta e chamou o nome dele tantas vezes num intervalo tão pequeno que Léo não conseguiu parar para pensar. Foi estúpido. É claro que ela iria até lá, estava lidando com Laura, ora bolas, ela sempre apurava as coisas.

- O que aconteceu? – Ela entrou empurrando a porta logo que ele a destravou. - Você vai me contar ou... meu Deus - colocou a mão na boca, espantada -, o que é isso na sua cara?

Léo se lembrou de que ela era exatamente assim - destemida, impulsiva. Passou tanto tempo longe dela que quase se esqueceu de que ela não se intimidava fácil. Ela tocou o queixo dele com cuidado, sentindo o inchaço e a pele febril na ponta dos dedos. Um corte vertical se estendia da lateral esquerda do nariz até o lábio superior, cristais escuros de sangue acumulavam-se no sulco. Um hematoma na mandíbula formava um cavanhaque de sombra. Manchas de sangue cobriam o colarinho da camisa. Sobre a mesa da sala, a gravata e uma toalha com mais sangue.

- Um acidente. – Foi o que ele se limitou a dizer, impassível.

Léo sabia que convencê-la de que aquela deformação no rosto foi outra coisa que não uma bela surra seria impossível. Considerou até inventar algo como um assalto ou coisa parecida, ou Acheron - Nacionais - Apollymi

ainda qualquer hipótese que não fosse “*apanhei de um cara por ter dormido com a mulher dele*”, mas, ainda assim, decidiu que, a despeito da verdade ser humilhante, não teria como escapar dela. Isso, considerando que ela ainda não soubesse de nada, porque passar incólume pela portaria, depois do que Clóvis presenciou, ah! era muito improvável. Não tinha outra saída senão dizer a verdade. Mesmo que não acreditasse no perdão, também não queria viver na mentira. Aquilo ia consumi-lo e, mais cedo ou mais tarde, as coisas viriam à tona e ela sairia ainda mais machucada. Se ficasse sabendo de outra maneira que não por ele, nem queria pensar na hipótese. Talvez até o perdoasse pela traição, mas pela exposição que aquilo gerava... Não, definitivamente não.

- Você vai me dizer o que aconteceu? Você brigou com alguém? Meu Deus, Léo, isso está um horror! - Brigar não seria o verbo ideal, pensou ele. Apanhei, concluiu. Esse sim seria o termo certo.

- Venha aqui. – Ele foi até a mesa e puxou uma cadeira para ela, encostando-se a parede. - Vamos sentar. Puta que pariu! – Deixou escapar o palavrão com uma expressão de dor, levando a mão até o corte na lateral do nariz.

- Não quero me sentar. – Ela gesticulou irritada, pousando as mãos no encosto da cadeira, encarando-o. - Quero saber o que aconteceu. E pare de me enrolar! Pare de mentir para mim!

- Bom – ele limpou a garganta -, eu estava saindo pra a festa, tinha um taxi me esperando lá fora e... – ela cruzou os braços, elevando as sobrancelhas impaciente com o ritmo dele – então ele apareceu e quando eu dei por mim já podia sentir o gosto de sangue na boca.

- Ele? Ele quem?

- Antônio.

- Antônio? – Ela franziu o cenho. - Antônio. – Arregalou os olhos, ligando o nome à pessoa. - O vizinho? – Apontou pra porta, a mente tentando completar o raciocínio. – O advogado seu amigo? A casa ali da frente... – Fez um gesto confuso. - Achei que vocês fossem amigos. Ele não estava nessa viagem com você? - O tom dela já não era mais truculento, tornou-se surpreso, talvez angustiado, fazendo-o se penitenciar por isso.

- Ex-amigos. – Respondeu ele. - E sim, ele estava.

- Posso saber o por quê? Por que ele te bateu? Melhor, porque ele te esmurrou desse jeito, porque devia estar com muita raiva pra fazer esse estrago.

- Nós tivemos um desentendimento nesses últimos dias. – Léo estalou os dedos das mãos. Dava para perceber que estava nervoso. – Por causa da namorada dele. – As últimas palavras saíram quase engolidas, um sussurro culpado e evidente.

Ela respirou fundo, sentindo a cabeça cair. Quase que instantaneamente a memória acendeu a imagem de Léo de roupão, no quarto do hotel em São Paulo, dias antes. Vieram com nitidez as palavras dele assim que enfiou a aliança no dedo dela. Naquele dia ficou tão atarantada que bloqueou as cenas, os sons, tudo. Agora ali, podia ouvi-lo com clareza.

- *Fui um idiota esperando pra lhe comprar uma aliança. Não sei onde eu estava com a cabeça, talvez estivesse inseguro. Nesses últimos dias, antes de voltar, percebi o quanto você faz falta na minha vida. Preciso de você para manter minha sanidade mental.* – Ele tomou as mãos dela, levando-as de encontro ao peito. - *Eu prometo a você, Laura, que vou te fazer feliz. Vou me esforçar para isso. Se eu errei...* – Meneou a cabeça em sinal negativo. - *Não importa, não vou*

errar mais e correr o risco de colocar tudo a perder.

Embora ela tenha tido a sensação de não estar presente naquele momento, agora a mente trazia a memória do que aconteceu, recuperando o semblante preocupado e quase nebuloso. O sentimento de culpa - mesmo que não tivesse notado antes - estava lá desde o início. E teve ainda, naquela mesma noite, enquanto dormia meio acordada, aquele monólogo vazio e incoerente.

- O que fiz não tem perdão. Não me perdoe. Antônio foi bom comigo. Ele deveria ter esfolado minha cara para que eu nunca me esquecesse de respeitar a mulher dos outros. Idiota, como sou idiota. Me perdoe, Laura, me perdoe, me perdoe”...

Não foi imediato, mas aos poucos as peças se encaixaram. A foto na destilaria americana. Léo, Antônio e a loura. Depois Léo e a loura, erro, culpa, perdão. E agora Antônio e Léo e um soco feio na cara - se é que foi um só - e que ia deixar uma senhora cicatriz, com uma baita legenda. Quando a ficha terminou de cair, ela se sentou. Quando Léo se aproximou, ela espalmou a mão no ar impedindo-o. Sabia que não podia puni-lo pelo que fez - até porque ele já havia sido castigado -, sequer criticá-lo. Ela fez a mesma coisa, até pior: se apaixonou por outro. Não estava com raiva, no fundo talvez se sentisse até agradecida por aliviar a culpa que sentia, muito embora, naquele instante, desejasse ter materializado a traição carnal. Obviamente não pensava no modo vingativo, mas quando se lembrava de como deixou Edu no hotel, frustrado e excitado...

- Vamos ser honestos, Léo - ela deu palmadinhas no assento ao lado, chamando-o para junto dela -, nossa história acabou há muito tempo. - Ele se sentou, fitando-a com o cenho franzido. - O que existe entre nós não é amor. - Ela continuou quando ele ergueu as sobrancelhas. - Você sabe, entre homem e mulher. Pra quê continuarmos com isso, então? - Ele reagiu surpreso com a praticidade dela. Talvez não com a percepção sobre a relação, mas com a maneira de tratar as coisas. Não houve gritos e ela não fez menção de quebrar nada, ainda que ele merecesse uma garrafada no meio da testa.

- Então é assim? É isso?

- Você tem certeza de que quer mais? Você me conhece, Leonardo. Posso te dar mais. - A voz dela ganhou um tom de ameaça, embora não tivesse pretendido que soasse daquele jeito. - Não tenho mais nada para dizer. Só que... sinto muito. - Ela deu um suspiro, erguendo os ombros. - Por você. Por nós. Não precisava acabar assim. Podíamos ter colocado um ponto final com mais dignidade. - Ele olhou para cima entrelaçando os dedos sobre a cabeça, ia dizer alguma coisa quando ela o interrompeu. - Não tente aliviar as coisas. Não dá pra mudar os fatos. Acabou, Léo. Não quero ser hipócrita a ponto de me fazer de vítima. Já sabíamos que não havia futuro pra gente.

Ele assentiu com a cabeça baixa. De certa forma já esperava por isso, talvez até quisesse que fosse assim. Ela facilitou as coisas. Tomou as rédeas, encarou a situação e fez acontecer. Como sempre, ele agiu como um covarde. Antes, quando viajou e se recusou a enfrentar a baixa da relação; durante, quando evitou manter contato, e agora; porque sequer era capaz de agradecer por ela ser mais homem do que ele próprio. Em momento algum desejou que as coisas tomassem aquele rumo e que ela descobrisse uma traição desse jeito. Sequer teve coragem de contar, esperou que ela descobrisse por si. Era um idiota; sentia-se um.

- Sou um idiota. - Os olhares se encontraram com a confissão.

- É mesmo. Você é um idiota. – Concordou Laura. – Um idiota que precisa de um hospital. – Levantou-se. Ele tentou sorrir, mas sentiu uma físgada no nariz e gemeu. Ela caminhou casa adentro e voltou minutos depois com um pacote de gaze encontrada no banheiro. - Tome. – Entregou a ele um pedaço da gaze molhada. - Não achei mais nada, então umedeci com água. É melhor você mesmo tentar limpar um pouco, senão posso te machucar.

- É sério que depois disso você ainda vai cuidar de mim? – Ela deu uma risada irônica.

- Não, não. Não mesmo.

- Mereço o castigo.

- Se eu quisesse castigar você esse Antônio ia ficar no chinelo. - Ele esboçou um sorriso.

- Sei disso. – Estendeu a mão livre para pegar a dela. A outra estava sobre o nariz e ele fazia uma careta ao tocá-lo. – Obrigada. – Ergueu os olhos para encará-la. – Por não me diminuir ainda mais. Eu merecia.

- Chega. Como eu disse, está tudo bem. Nossas vidas tomaram outro rumo nesses meses, mesmo antes de você viajar, você sabe..., sabe o que estou dizendo. O que aconteceu hoje e em Nashville - e eu definitivamente não quero saber em detalhes o que foi - só fez materializar o que nós não tivemos coragem de realizar antes. - Ele assentiu, engolindo a culpa e a humilhação. - Acabou. – Ela tirou a aliança e a pousou cuidadosamente sobre o vidro da mesa. - Já devia ter acabado tempos atrás, não é?

– Se eu não tivesse sido um fraco.

- Nós dois fomos. Você não é o único culpado.

- Você ainda é minha amiga, não é?

- Bom, aí você vai ter que ver com Pedro. – Provocou ela. - Se depois dessa, ele ainda deixar você chegar perto de mim... – Deu um risinho sarcástico.

- Eu mereço isso.

- Merece. – Ela se inclinou e beijou-o na testa. – Já vou. Vá ao hospital ver esse corte. Não entendo nada disso, mas acho que vai precisar de pontos.

Laura fechou a porta atrás de si, deixando-o com uma expressão derrotada à mesa de jantar. Embora o desfecho não fosse exatamente o que tinha em mente, estava aliviada. Colocou um termo no relacionamento e agora estava livre para viver um romance sem sombra de mentira. A ideia de Léo tê-la traído pareceu tão ridiculamente insignificante diante do mundo de perspectivas que se abriam que simplesmente não delegou importância àquilo. Querendo ou não, a traição foi o veículo que permitiu que ela vivesse o amor por Edu, além do mais, quem era ela para julgá-lo se, na ausência dele, também se deixou contaminar? Não foi completamente honesta com Léo quando ele abriu o jogo, mas ainda não dava para falar sobre Edu. Aquela era uma história para outro dia e ela ia pensar em como contá-la.

Sozinho em casa, Edu teve certeza de que se não estivesse chovendo não se sentiria daquele jeito. Primeiro, porque se a cidade não estivesse debaixo d'água teria encontrado um amigo disposto a sair para tomar uma cerveja. Àquela hora, estaria num boteco enchendo a cara. Assim, ainda que Laura fosse uma presença constante na mente, teria, pelo menos, outra distração. A segunda razão, que além de inquieto o deixava rabugento, é que era sexta-feira. Sexta-feira! Um dia em que a cidade do Rio de Janeiro deveria estar ainda mais vibrante e barulhenta, mas tudo ao redor parecia mórbido e silencioso demais.

Queria dormir; cair na cama e apagar. Esquecer o que estava sentindo e porque, lembrar-se de Laura só na manhã seguinte, quando, talvez, conseguisse alguns minutos com ela. Maldição! Durante aqueles dois últimos dias tentou entreter-se com todo o tipo de coisa, a começar por muito trabalho, mas a tática não surtiu efeito. Virava mexia, ela reaparecia nos seus pensamentos. O perfume, a boca, aquelas pernas. Tudo isso, naquela maldita noite de sexta, era do noivo dela.

Ela disse que era só uma festa, mas ele sabia bem o que isso implicava. Música, álcool, dança. Fazia poucos dias experimentou os resultados de uma noite assim. Por isso, queria desmaiar até o dia seguinte. Pelo menos não estaria se martirizando com a ideia do que estava acontecendo. Imaginava-a nos braços do tal Léo, depois, na cama dele, arqueando-se, gemendo, implorando para que ele a possuísse. Pensar naquilo era demais. Tortura. Ela era sua. Sua, desde que montou acampamento na sua mente, transformando-o num tolo apaixonado em abstinência sexual. Queria ir atrás dela, invadir onde quer que estivesse e tirá-la de lá nos ombros como um homem das cavernas. Só explicaria as coisas quando chegassem em casa. Olharia nos olhos dela e apontaria um dedo como um primata: “*Você, MINHA*”.

Estava surtando. Surpreendeu-se ao reconhecer o próprio padrão. Caminhava pela sala de um lado para o outro, ia até a porta de vidro da varanda e por alguns minutos observava a chuva cair, depois se sentava no sofá de dois lugares e olhava o relógio. E então, recomeçava o ciclo. O tempo passava em segundos longos e entediados. Desde que chegou do aeroporto, sequer conseguiu tirar aquelas roupas, tomar um banho, comer alguma coisa. Ainda usava o paletó que colocou para a reunião cancelada naquela manhã. Tirou os sapatos quando entrou em casa, mais nada. Era só mais um idiota de meias sujas suspirando pela mulher que nunca teria. Foi até a cozinha e encheu um copo com água gelada. Bebeu-o em goles curtos, procurando algo - ainda não sabia o quê - nos armários sobre a pia. Esboçou um sorriso ao ver um pacote de biscoitos da marca que ela representava no pote de guloseimas de Francisco. “*Vendo biscoitos*”, disse ela quando ele perguntou sobre a profissão. E, depois disso, quando já existia certo grau de intimidade, confidenciou que preferia os da concorrência quando se tratava dos de baunilha. “*Os nossos são enjoativos*”. Lembrava-se perfeitamente como a fisionomia dela se contorceu numa careta engraçada e, logo depois, da risada escandalosa. Adorava o senso de humor dela, o poder que tinha de rir de si mesma. Gostava de tudo em Laura, ela era um conjunto de qualidades e defeitos que o encantavam. Não conseguia parar de sorrir. Sorria sozinho diante do armário da cozinha. Sorria para os biscoitos e barras de chocolate, para os bolinhos recheados que Francisco adorava. Tinha de todos os sabores. Estava certo de que já a viu comer um de morango. Ela também gostava daquele biscoitinho do embrulho vermelho. Muitas vezes a presenciou comendo alguns. Na verdade, não se lembrava do dia em que ela não comeu pelo menos uma porcaria. Sempre tinha algo na bolsa. E teve aquela vez em que revirou a nécessaire procurando um protetor labial e achou um pirulito. Ele não fazia ideia como ela mantinha aquele corpo comendo

tanto açúcar.

Ele pegou um dos bolinhos de Francisco – escolheu o de chocolate -, deixou o copo d'água sobre a bancada da pia e tirou o paletó, colocando-o numa cadeira da mesa de jantar. Deixou-se cair no sofá, abriu a embalagem e deu uma única mordida. Quando bateram na porta, bufou antes de se levantar. Teve certeza de que era a viúva destrambelhada que morava em frente. Ione ia perguntar sobre a calibragem para os pneus do carro novo ou ensiná-lo - pela milésima vez - quantas vezes por semana regar a folhagem do *hall* do elevador. O *timing* dela era sensacional.

A visão de Laura à porta trouxe descompasso aos batimentos cardíacos de Edu. A imagem dela, molhada, cabelos emoldurando ombros e seios, o vestido de tecido fino colado ao corpo era... de matar. Naqueles saltos, então, Diabos, como uma mulher podia ser *sexy* daquele jeito?

- Oi. – Ela encarou-o, sorrindo com o olhar. Ele tentou acalmar a respiração. - Sua vizinha. Ione, não é? Um doce, se não fosse ela... - Ele a pegou pelo braço, puxando-a para dentro e fechando a porta.

- Você está bem? - Precisava ter certeza de que não havia nada de errado com ela, embora só conseguisse pensar em tirar suas roupas. – Não está com... frio?

Ela sorriu, os lábios vermelhos e voluptuosos provocando-o. A íris negra sumiu por um único segundo, o movimento malicioso do abrir e fechar das pálpebras, os cílios densos dançando em ritmo sensual. No brilho ocular, um pouco de tudo - luxúria, poder, ansiedade. Ele foi encurralado pelo olhar dela, acuado pela sereia de duas pernas. Gotas d'água reluziam na pele dourada, deslizando na umidade tenra, despertando sentidos que talvez ele nem soubesse que existissem, a imagem vulcânica incentivando-o mais uma vez a agir como um homem das cavernas.

Já Laura sequer fazia ideia de que estava molhada daquele jeito. O corpo ardia, calor flamejando em cada fibra, borbulhas de sangue irrompendo por segundo. Não havia chuva ou água suficiente capaz de amainar o fogo que a dominava, sequer reduzir a urgência. Tudo estava nublado pelo desejo, o mundo reduzido às sensações. A temperatura do corpo subiu mais um ponto quando tocou o peitoral dele, as mãos espalmadas na parede de músculos igualmente febril, batimentos cardíacos descontrolados. Olhos nos olhos, Laura puxou-o para si pelo colarinho da camisa social, colando a boca na dele. O beijo veio macio, maduro e inquietante, e ambos se perderam num oceano de fantasia.

- Pareço com frio? - Perguntou ela assim que ele abriu os olhos. - Edu limitou-se a sorrir quando ela forçou-o a tombar sobre o sofá. Laura, Laura, repetiu o nome dela certo de que daquela vez era real. Perguntou-se em que momento da vida deixou uma mulher ter o controle de tudo. Mas ela também foi a primeira noutros quesitos, por isso não era de se admirar que estivesse apaixonado. Podia fazê-lo de gato e sapato, ele ainda sairia no lucro. - Antes de tudo – ela levantou um dedo entre eles, fitando-o - , acabou. Léo e eu. Queria que você soubesse. E não quero falar mais sobre isso. Não agora. – Lançou-lhe um olhar promissor. – Hoje somos só nós dois, sem sombras.

Ele a encarou de pé à frente. Ela ergueu os braços e sacudiu os cabelos com as mãos, soltando as mechas grudadas. Água voou pela sala, atingindo móveis, respingando nele. O olhar sem vergonha vagou por cada curva do corpo dela, refinando a memória, somando pontos. Laura gostava de ser vista, sentia-se poderosa. Com um movimento sensual, aproximou-se do sofá e apoiou um joelho na almofada entre as pernas dele. Inclinou o corpo, encurralando-o entre os braços, mãos apoiadas no encosto. Roçou os lábios nos dele por um único instante e, quando ele se precipitou a beijá-la, ela fugiu, repreendendo-o. Brincou com os lábios dele mais uma vez, permitindo que ele sentisse o hálito e a respiração pesada. Moveu o colo para colocá-lo frente à boca dele e riu quando ele travou os punhos tentando se conter. O ar da noite ficava cada vez mais elétrico.

- Calça de alfaiataria, camisa social. – Sussurrou ela, roçando a ponta do nariz na concha da orelha dele. - Hummm... Você está muito elegante. - Sabia que a posição que escolheu também o favorecia e se divertiu ao notá-lo segurar um suspiro. - Tudo isso é para mim? – Mordiscou-o no lóbulo. Edu travou o maxilar. Estava a um passo de rasgar o vestido dela e... Contou até 10, obrigando-se a ter autocontrole. Por mais que estivesse à flor da pele, continuava disposto a deixá-la tocar a noite e ambientar o momento a seu modo. A promessa que ela trouxe consigo era excitante demais, ele podia esperar. Devagar seria mais gostoso.

- Se eu soubesse que você viria, teria pelo menos ficado de sapatos. Ou não tirado o paletó. - Ela riu, relanceando o olhar para os pés dele. Estava tão vidrada, tão engajada no objetivo, que sequer percebeu que ele estava descalço.

- Você deve ficar um gato de paletó.

- Visto de novo se você quiser ver.

- Não. – Ela meneou a cabeça encarando-o, fazendo um biquinho. – Definitivamente não. Daria muito mais trabalho pra tirar tudo, não acha? – Puxou-o novamente pelo colarinho, sentando-se sobre ele. Podia sentir a ereção latejando entre as pernas. - Bom... - olhou ligeiramente para baixo com um sorriso no canto da boca – eu estava preocupada, mas isso significa que estou minimamente atraente desse jeito.

- Não. – Ele levantou um braço unicamente para tocá-la no rosto, embora tenha movimentado o quadril para aproveitar melhor a posição. – Isso significa que você assim é uma aparição. – Cravou as mãos nas coxas dela, deslizando-as para apalpar o bumbum. - Você está tão gostosa desse jeito que estou fazendo uma força sobrenatural para não assumir o comando. - O olhar dele a devorou. Havia ali uma pitada de ameaça. Ela deu uma risada, jogou a cabeça para trás e levantou-se para ficar de pé diante dele. Ele fez que ia se levantar também, mas foi impedido pela mão dela no peitoral. Edu sorriu, optando pela subordinação. Ainda que não suportasse mais ficar com as mãos longe do corpo dela, ia deixar que ela continuasse a brincadeira a seu próprio tempo. - Laura, você está sendo má.

- E você, impaciente. Pra quê a pressa? Vou para cama com você de qualquer jeito.

- Vai mesmo. – Ele tentou se levantar mais uma vez e novamente foi impedido por ela. – Diabos, quanto tempo mais você vai me punir?

- Só mais um pouquinho. Quero memorizar o momento.

- Você é mandona demais.

- Você não viu nada... – Levantou um dedo e apontou para ele, enquanto girava nos próprios saltos. – Quietos, ouviu, mocinho? - O movimento registrou o contorno acentuado das curvas dela, levantando consideravelmente a barra do vestido. Ele levantou-se num pulo só, as mãos pousaram nos quadris dela, esfolando o tecido para sentir a pele. Apertou-a contra o próprio corpo, sugando o ar na curva do pescoço, lábios deslizando pela nuca, ela, resmungando entre gemidos.

- Não, Edu... espere. – Ria entre suspiros. – Espere...

- Não. – Ele foi taxativo. – Você é mandona e eu indisciplinado. Além disso, já esperei demais. Praticamente me tornei um padre por sua causa. - Ela gargalhou arqueando o corpo.

- Mas eu ia....

- Se despir pra mim? – Ele concluiu para ela, sussurrando na concha da orelha. E antes que ela conseguisse contestá-lo, emendou, virando-a nos braços para fitá-la nos olhos. – Não, senhorita ditadora. Vamos fazer isso juntos. Devagar, passo a passo.

- Então quer dizer que hoje vamos fazer as coisas de um jeito diferente? Se eu soubesse que seria romântico, não teria vindo aqui nessas condições.

- E você quer algo mais romântico do que isso? Você nunca esteve tão linda, Laura. – Beijou-a no topo dos seios, afastando os cabelos que insistiam em escorregar pelo decote. - Ela virou a cabeça para o lado, encenando desconfiança. - Vamos fazer as coisas exatamente do jeito que elas devem ser feitas. – Emendou Edu. - Com cuidado e carinho.

- E um pouquinho de euforia? - Piscou, fazendo um sinal com os dedos.

- Eu já estou bem eufórico. – Brincou ele, referindo-se ao volume nas calças. Ela riu e enlaçou-o pelo pescoço, entrelaçando os dedos atrás da nuca.

- Me faça sua, está bem? Do jeito que você quiser. – O beijo foi longo, envolvente e saboroso. Um beijo de quem não tem pressa para terminar, que representa só o começo de uma vida de beijos, o prenúncio de uma nova etapa. Ele mal terminou de estalar os lábios nos dela, ela se afastou dois passos, desceu o zíper lateral e tirou o vestido pela cabeça, jogando-o longe. - Quer apostar quanto que vamos ficar na selvageria? – Perguntou ela , girando nos saltos para deliciá-lo com a visão do seu corpo.

Laura estava ali, no centro da sua sala de estar, só de *lingerie* e *scarpins*, e ele era um pascalho boquiaberto. A renda branca, transparente, revelava os mamilos e os pelos pubianos. Daquele jeito parecia uma ninfa das águas.

- Isso é trapaça. - Ele deu um passo na direção dela e ela deu um passo para trás.

- Se estivéssemos jogando seria.

- Não estou jogando com você. - Edu deu mais um passo, seguido por um novo passo dela para trás.

- Então é só... um incentivo. – Disse ela com um sorriso malicioso, descendo displicentemente uma alça do sutiã.

- Acha mesmo que eu preciso de mais incentivo?

Determinada a provocá-lo, ela deu mais alguns passos para trás, mas ele foi até ela com fúria, fazendo-a colidir contra a porta da varanda. O vidro trepidou às costas dela, o frio lá de fora avizinhandose. Edu a tomou num beijo estonteante, o calor da promessa entre as pernas dele. Um arremesso ricocheteou pela espinha em ondas elétricas, a carne estremeceu. A instabilidade da temperatura desalinhou os pensamentos e só o que sobrou foram os instintos. Laura estava excitada e entregue. Na rua, a tempestade se intensificava ainda mais. O vento forte direcionava uma torrente de água para o vidro, o som robusto do impacto abafando os gemidos, projetando um ambiente de turbulência silenciosa. Cedendo aos impulsos, Edu a disciplinou. Bastava das ordens dela, fazia as suas próprias. Paralisou-lhe os braços, mantendo-os sobre a cabeça, uma única mão nos pulsos dela. Com a boca, percorreu a linha do maxilar, depois o pescoço e o colo, a mão livre se encarregando do resto. Ávida e experiente, se desfez do sutiã, depois da calcinha,

investigando o corpo nu minuciosamente, possuindo-a, enlouquecendo-a. Quando a boca tomou-lhe um seio, ela gemeu. E de novo quando ele brincou com a ponta da língua no mamilo. Laura arqueava a cada toque, lânguida, implorando, repetindo o nome dele. O ar parecia faltar. As palavras saíam como zumbidos, outras vezes como soluços. Os dedos dele deslizaram pelo meio das pernas dela, uma carícia focada, mirando o alvo. Ele fez promessas em forma de sussurros, ouviu os gemidos, partilhou as sensações e teve na mão a explosão do orgasmo. O vidro embaçado pelo calor do corpo dela criava formas enevoadas, emoldurando-a, e em seu estado selvagem, ele desejou tomá-la ali mesmo.

- Você venceu. – Disse ele ao soltar os pulsos dela, fitando-a com os olhos nublados de desejo. Ela sorriu com arrogância, deliciada, permitindo-se tocar o corpo dele e, mais do que depressa, despi-lo. A boca dela subiu e desceu pelo torso dele, numa dança erótica e maldita, enquanto Laura se contorcia como uma cobra de cabelos negros. As mãos reconheceram os ombros, os bíceps rijos, o abdômen, depois degustaram a bunda e então, o sexo. Ele praguejou quando ela se ajoelhou. Por mais que desejasse aquilo, precisava penetrá-la. Já tinham brincado demais. Inclinou-se e ergueu-a bruscamente. Ela riu, e depois de se desfazer dos sapatos, pulou nele, abraçando-o com as pernas. No caminho para a cama, as mãos dele pousaram na bunda dela, a boca voltou a manipular os seios, degustando-os. Quando Edu a lançou sobre a cama, Laura gemeu, mexendo o corpo como uma gata em meio aos lençóis. Foi a primeira vez que ele notou a marca pecaminosamente inspiradora do biquíni.

- Seu selvagem. – Ela miou com os olhos manhosos, um sorriso cínico despontando nos lábios.

- Laura. – Ele engatinhou até ela em câmera lenta, só o olhar registrando a urgência. - Ela o enganchou pelo pescoço e, num movimento rápido, o virou sobre o colchão para ficar por cima dele.

- Agora. – A ordem foi enfática.

Ele sorriu quando ela reassumiu o tom autoritário, mas teve certeza de que seria um louco se a contrariasse. Quando os corpos se uniram, a gravidade deixou de existir. Flutuaram sem destino, imersos numa órbita de prazer e felicidade.

- Laura? - Ele colocou uma mecha solta de cabelo atrás da orelha dela. Ela abriu os olhos, fitando-o preguiçosamente. De bruços, abraçava o travesseiro.

- Hmm?

- Só quero esclarecer que não vi bolinha nenhuma na sua bunda... – Brincou, deslizando os dedos pelas ondas bem feitas do traseiro dela. – Desperta, ela soltou uma gargalhada bem humorada, rolando na cama.

- Fala sério! - Exagerou na cara de espanto. - Eu falei tudo em voz alta? Deus - cobriu o rosto com as mãos -, que vergonha! Achei que você não tivesse escutado os detalhes. – Ela abriu um espaço entre os dedos médio e indicador, observando-o pela fresta.

- Não sei se você falou tudo... – ele riu, brincalhão, tirando as mãos dela do rosto – , mas sei que foi bem interessante. Não nego que fiquei curioso. Afinal, sobre o que você estava falando?

- Ahh... - Ela soltou o ar pela boca, considerando. Não ia contar a ele sobre as bolinhas, os hormônios e tudo mais. Aquilo era íntimo demais para se dizer a um... ficante? Namorado? Ainda não sabia em que categoria ele se encaixava.

- Está com vergonha do homem dos seus sonhos?

- Ora, bolas... – esnobou ela com uma risada -, quem disse que você é o homem dos meus sonhos?

- Você é a mulher dos meus. - Ela inclinou a cabeça e arqueou uma sobrancelha.

- Você descobriu isso hoje?

- Eu desconfiava, hoje tive certeza.

- Por que sou boa de cama? – Deslizou um dedo pelo peito dele até a altura da virilha.

- Por isso também. – Ele segurou a mão dela, impedindo-a de continuar. Um centímetro mais e encerrava a conversa ali mesmo. - Mas o que me fez seguro foi o fato de que, pela primeira vez, não quero alguém só na minha cama. – Com um sorriso satisfeito no olhar, ela moveu o corpo para ele, apoiando o cotovelo no travesseiro e descansando a cabeça na mão. Os olhos negros ficaram alinhados aos verdes.

- Não?

- Não. – Ele bateu o rosto dela, dedilhando o queixo, maçãs e boca. Ela beijou a ponta dos dedos dele. – Quero sair pra tomar sorvete com você, pedalar na lagoa, ou na orla, tanto faz - deu de ombros -, passar o final de semana inteiro ao seu lado, os feriados, e os dias e noites em que estivermos livres... – segurou-a pelo queixo - quero conhecer Linda, seus amigos, planejar viagens pra nós dois... - Ela arregalou os olhos e ele soube que estava brincando. - Fui depressa demais?

- Não. – Ela meneou a cabeça suavemente. – Acho que... - Ele pousou um dedo nos lábios dela.

- Eu amo você, Laura. – Declarou-se, feliz quando os olhos dela responderam com brilho. Antes daquela noite, contar a ela o que estava se passando com ele pareceu egoísta e até constrangedor. Ela era noiva de outro homem e ainda que esperasse que o elo antigo se rompesse com a paixão que existia entre eles, conhecia o risco e ainda temia perdê-la. Agora, porém, ela estava livre, melhor, era sua. SUA, repetiu para si mesmo, extasiado. – Amo você, Laura. E não Acheron - Nacionais - Apollymi

estou me precipitando. Não demorei a entender o que sentia, porque amor é um negócio diferente – ele franziu as sobrancelhas por um instante –, e mesmo que eu não estivesse buscando isso, ou achasse que não, aconteceu. Quer saber? Veio na hora certa. Quero continuar me sentindo assim. Você me completa, só penso em você, só quero você e não me imagino sem você. Não mais.

- Edu... – Ela tentou falar e ele novamente a impediu.

- Não sei como vai ser o futuro, se vamos nos casar, ter filhos e viver numa casa de chocolate com recheio de morango e portas de *waffle*, mas hoje, com você ao meu lado, é isso que quero. Esse é o futuro que eu quero. - Ela sorriu. – Então?

- Então, o quê?

- Não vai dizer que me ama também? - Edu sabia, sentia que, como ele, ela estava apaixonada, mas, pela primeira vez na vida, tinha a necessidade de ouvir de uma mulher que havia reciprocidade. - Vou ficar deprimido. - Ela deu uma risada e rolou para cima dele. Os olhares se encontraram a poucos centímetros um do outro.

- Também amo você. Eu amo você! – Repetiu ela com entusiasmo. – E tem mais, tinha tempo que eu não sentia tanto prazer em amar alguém. – Amo você e confio em nós dois. Tenho expectativas, mas também sou ajuizada e sei que não dá pra colocar o carro na frente dos bois. Por hora, amo você e sou sua. Está bom assim?

- Não preciso de mais nada.

Edu aninhou o rosto dela às mãos e a beijou. Laura sentiu uma coceirinha no bumbum e deu uma boa risada. Não fossem as malditas bolinhas, ele seria só mais um estranho no aeroporto. Então, pela primeira vez, agradeceu àquele tsunami hormonal que a transformou numa maluca que falava sozinha.

FIM